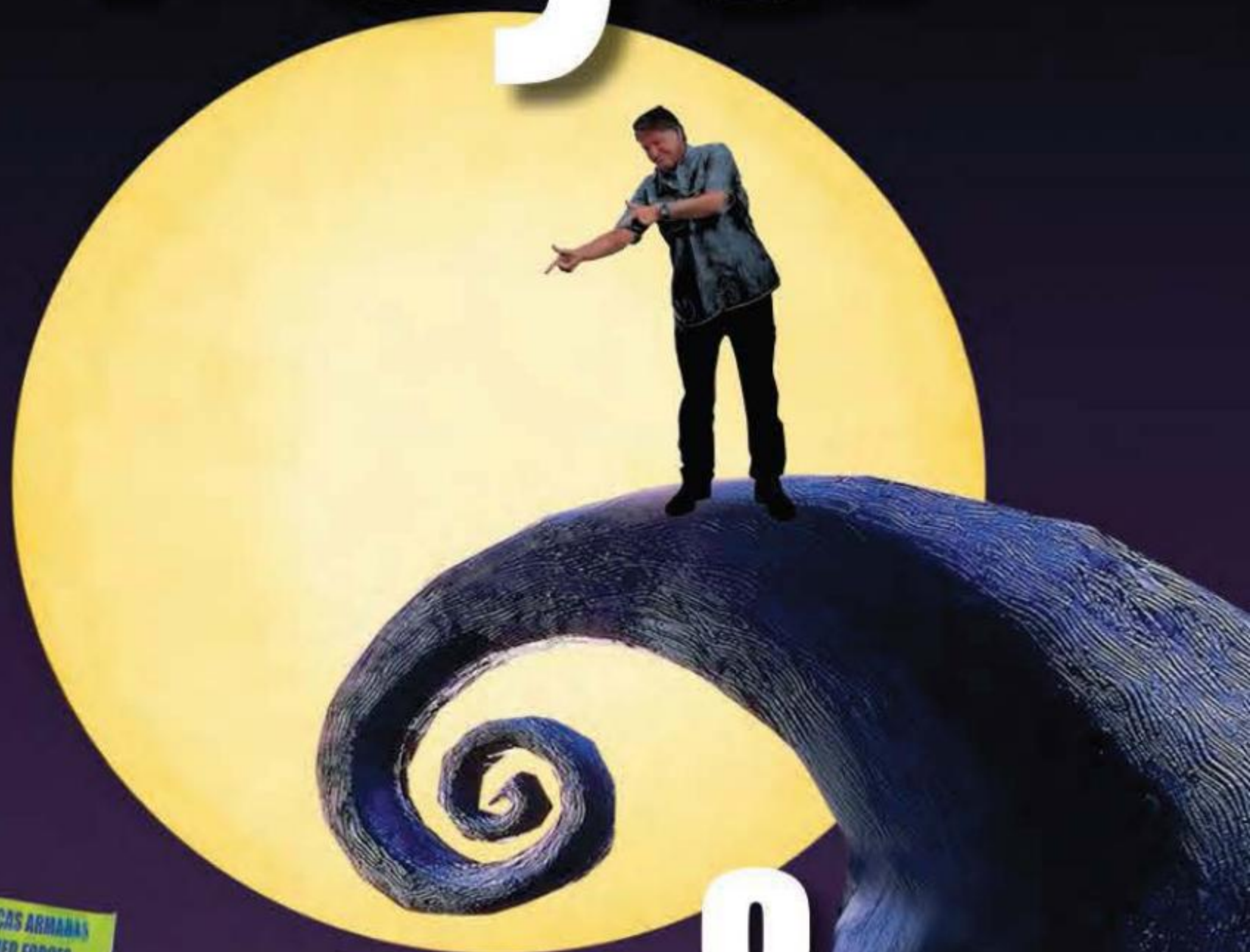
Editora ABRIL
edição 2755 - ano 54 - nº 36
15 de setembro de 2021
Abril
veja
www.veja.com
Inspirado em Tim Burton
O ESTRANHO MUNDO DE JAIR
Enquanto Bolsonaro convoca manifestações antidemocráticas que alertam contra a "ameaça do comunismo" e pregam que "o inimigo do Brasil é o STF", atrapalhando a economia e o seu próprio governo, os problemas reais dos brasileiros continuam. O próximo é a possibilidade de racionamento de energia
WE WANT THE DESTITUTION OF STF MINISTERS
BRAZILIAN PEOPLE TRUST

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Figueiredo Pinto, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Caique Vicentini de Alencar, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Giulia Vidale, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Julia Teixeira Braun, Laisa de Mattos Dall Agnol, Leonardo Lellis, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Manoel Francisco Schlindwein, Meire Akemi Kusumoto, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Carolina Barbosa da Silva, Cássio Bruno Gomes Silva Gonçalves, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Marcela Capobianco Souza Pinto, Ricardo Ferraz de Almeida **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2755 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 36. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR

ANDRE PENNER/AP/IMAGEPLUS

ILUSÃO O clamor a favor do presidente Jair Bolsonaro nas ruas: criação de inimigos imaginários, alheios aos reais problemas do país, como a gasolina a 7 reais, a inflação, o dólar alto...

REALIDADE PARALELA

UM DOS MAIORES ícones do capitalismo mundial, Steve Jobs (1955-2011) entrou para a história por revolucionar algumas indústrias fundamentais — de computadores a smartphones, dois dos aparelhos mais usados no planeta atualmente. Entre os primeiros funcionários da Apple, empresa fundada por ele, havia até um termo para descrever a capacidade de seu líder em convencer as pessoas a realizar tarefas mirabolantes e a atingir resultados impensáveis. Denominava-se *reality distortion field* (campo de distorção da realidade), uma aptidão baseada em seu carisma e na habilidade em agregar apoio na direção daquilo que queria. Quando acionava esse "escudo", Jobs minimizava obstáculos, passava a acreditar que o impossível era alcançável e propagava essa crença entre seus colaboradores. Apesar de alguns reveses durante sua trajetória, a estratégia deu certo, transformando a companhia em uma das maiores do mundo e seu dono em uma lenda.

No Brasil, testemunhamos hoje um exemplo claro de *reality distortion field*. Mas, ao contrário do empreendedor americano, a nossa experiência é absolutamente negativa e pode ser tremendamente prejudicial ao país — na verdade, já está sendo. No nosso caso, a distorção da realidade é provocada pelo presidente Jair Bolsonaro. No 7 de Setembro, convocadas pelo presidente, dezenas de milhares de pessoas ocuparam algumas ruas das principais capitais brasileiras empunhando cartazes que, entre outras loucuras, alertavam contra "a ameaça do comunismo" ou defendiam a ideia de que "o STF é o pior inimigo do Brasil". É chocante para quem acompanha minimamente a cena política e econômica brasileira ouvir tais disparates. Ninguém fora de hospícios deveria falar hoje em comunismo por aqui e o ministro Alexandre de Moraes, goste-se ou não de suas decisões, não tem nada a ver com os quase 600 000 mortos pela pandemia, o PIB baixo, a alta da inflação, a gasolina a 7 reais ou com o dólar muito acima do que deveria — problemas reais do país. Tudo isso quando o Brasil poderia estar surfando na retomada da economia global e na alta do preço das commodities. Mas, bombardeados com insanidades nas redes sociais, terreno em que o presidente promove seu mundo de fantasia, brasileiros saíram de casa para protestar, proporcionando as fotos e a narrativa que Bolsonaro tanto almeja.

Felizmente, o alcance dessa realidade paralela vem diminuindo com o tempo. Sem capacidade de governar e entretido em devaneios autoritários, Bolsonaro vê as dificuldades se acumulando, nada faz para resolvê-las e, como as pesquisas apontam, está perdendo eleitores (além de aliados importantes). Seu próximo grande desafio — o da vida real — é o risco de racionamento de energia elétrica, devastador para o crescimento da economia e para a vida das pessoas, inclusive para a turma que se vestiu de verde-amarelo no feriado. Como mostra a reportagem que começa na página 30, a maior parte dos reservatórios nacionais está num nível abaixo do que estava há vinte anos, quando vivemos um apagão e o governo Fernando Henrique, infinitamente superior ao atual, acabou derrotado nas urnas. Ciente desde outubro do ano passado dessa questão, o presidente continua a se dedicar apenas ao que sabe: promover uma guerra permanente contra instituições e sonhar com um autogolpe. Se os outros poderes responderem no mesmo tom, ele pode ganhar combustível e assuntos para criar mais ilusões. Se a racionalidade imperar, Bolsonaro não tem chance. ■

A JUSTIÇA SERÁ FEITA

Na reta final da CPI, o presidente da comissão acusa o governo de ter cometido erros graves na pandemia e diz que vários fatos apontam para crime de responsabilidade de Bolsonaro

REYNALDO TUROLLO JR.

CRISTIANO MARIZ

ÀS VÉSPERAS do encerramento da CPI da Pandemia no Senado, o presidente da comissão não tem dúvidas de que a conclusão do trabalho prevista para as próximas semanas dará uma resposta à altura ao desejo de justiça da sociedade. "Todo mundo conhece alguém que morreu de Covid-19 e essa tragédia não pode ficar impune", afirma Omar Aziz (PSD-AM). Cauteloso, o senador evita imputar crimes comuns a Jair Bolsonaro e relacioná-lo à corrupção, mas diz que os indícios já apontam para um crime de responsabilidade — que pode lhe render um processo de impeachment na Câmara. Para Aziz, a investigação revelou ao menos três fatos graves com relação à conduta do presidente: a propaganda de medicamentos sem eficácia comprovada, a aposta na tese da imunidade de rebanho — que levou a mortes evitáveis — e a omissão na compra de vacinas. Tudo isso, afirma, cometido por um governo que abraçou o negacionismo, aspecto que considera mais importante que eventuais desvios de recursos.

O que esperar da reta final da CPI? Não estamos atrás de vingança, queremos justiça, achando os responsáveis por todas as mortes que poderiam ter sido evitadas. A política do governo nunca esteve voltada para a imunização, mas sim para alguns programas tirados em gabinete paralelo, de "ouvir dizer", e isso levou ao caos.

Qual o fato mais grave e que está mais bem comprovado? São três.

O primeiro é a propagação de medicamentos que não eram e nunca serão eficazes contra a Covid. Outro, muito difundido no início, foi o de que um porcentual de contaminados iria imunizar todo mundo. Não existe imunidade de rebanho, e isso foi propagado pelo governo, por pessoas ligadas ao presidente e parlamentares. Isso é crime sanitário, que vai estar no relatório, e as pessoas responsáveis por essa propagação serão responsabilizadas. Por último, a questão mais grave é que o Brasil nunca apostou na vacina.

Como se prova isso? A gente descobriu isso com o depoimento do ex-secretário da Secom Fabio Wajngarten, que trouxe um documento mostrando que a Pfizer, em agosto do ano passado, já mandava correspondências para o governo, que não respondia. Aí, quando enxerga que a imunização seria realmente necessária, o governo facilita a entrada de pessoas no Ministério da Saúde para comprar vacinas por meio de intermediários, para ter lucro, tirar dividendos disso. Negligenciam as fabricantes sérias, mas dão prioridade a essas outras, como o caso da Covaxin, o mais barulhento até agora. Os indícios de crimes por agentes públicos são muitos. A CPI vai colocar isso no relatório.

No caso da Davati, que se apresentou como intermediária da AstraZeneca, ficou a impressão do dito pelo não dito em relação à propina, pois o negócio jamais se concretizou, não? Não é questão de propina. O fato maior é como eles entram no Ministério da Saúde, levados por um reverendo ou por outra pessoa, e conseguem sentar com o Elcio Franco, que era o secretário-executivo que cuidava da compra de vacinas. Compare com a Pfizer oferecendo vacina ao governo e a Davati entrando no ministério. Eles vão a um jantar e, no dia seguinte, já estão lá dentro. E a Pfizer manda vários documentos, cartas, se oferece, e ninguém dá resposta. E, ainda pior, você buscando a vacina na marra e o presidente fazendo uma anticampanha, dizendo: "Olha, tu vai virar jacaré", "essa vachina". O presidente, que era para ser o porta-voz da vacinação, é o porta-voz antivacina, além de ser porta-voz de remédios não comprovados cientificamente.

"Aqueles que foram omissos em relação à doença terão de ser responsabilizados pelos seus atos. Se os indícios forem contra o presidente, não tenha dúvida de que ele estará no relatório final"

Para alguns membros do Ministério Público, a propaganda antivacina pode ser encaixada como crime de responsabilidade. A CPI vai pedir a abertura de impeachment contra o presidente? O que nós temos são vários fatos que levam a isso. Não posso me antecipar, mas tenha certeza de que todos aqueles que foram omissos em relação à doença, numa conjuntura em que o negacionismo foi muito grande, terão de ser responsabilizados pelos seus atos. Se os indícios forem contra o presidente, não tenha dúvida de que ele estará no relatório final.

O presidente alega que as decisões que o governo tomou foram para conciliar a saúde com a economia. A economia não está na situação que está por causa somente da pandemia, senão o mundo todo estaria quebrado. Nenhum país com uma economia do tamanho da brasileira tomou as atitudes que o presidente tomou. O problema do presidente não é ele errar, é não admitir e não fazer a autocrítica, que ele podia ter feito lá atrás e ter mudado o rumo.

Outra tese do presidente é a de que a União enviou muito dinheiro aos estados e isso foi mal gerido. Não é mentira, aprovamos muitos recursos no Congresso. Mas a gestão não era só o gasto. Nenhum país estava preparado para o número de pessoas que iria para as UTIs. No Amazonas e em outros estados houve, sim, falta de oxigênio, porque houve omissão, o governo federal demorou a tomar providência. O estado também poderia ter agido com mais eficiência. Mas a questão não era só dinheiro, era de política sanitária. Então, Bolsonaro começou a jogar a culpa nos governadores e prefeitos, sempre com uma narrativa negacionista. Esse foi o grande erro.

O STF agiu bem na pandemia? O Supremo, toda vez que provocado, agiu bem, sim. E não impediu o presidente de atuar, apenas fixou que cada cidade e estado tem uma peculiaridade.

Os *habeas corpus* que o Supremo concedeu para que depoentes se calassem atrapalharam a CPI? Lógico que a gente não gosta, mas é constitucional. Ninguém pode tudo, nem nós do Legislativo, nem o Executivo e nem o Supremo. Mas ele é a última instância que o cidadão procura para que seus direitos sejam respeitados. Você não vai me ver na presidência criticando decisões. Quando a gente discorda, a gente recorre. Imagine se, em toda decisão desfavorável, nós fa-

lássemos: "Vamos fazer o impeachment do ministro". Isso não existe.

O senhor diz que a CPI quer buscar justiça, mas depende do MP fazer as responsabilizações criminais. O senhor vê risco de o relatório virar letra morta? O procurador-geral da República, Augusto Aras, será muito cobrado por isso. Ninguém vai esquecer tantas mortes.

Qual sua avaliação sobre a popularidade dos trabalhos da comissão? Antes, as pessoas eram canceladas pelo bolsonarismo. A CPI bateu de frente. Eu disse: "Pode falar, mas nós vamos investigar". O resultado é que o público ficou do nosso lado. Segundo uma pesquisa recente, 67% da população acompanha a CPI e 57% aprovam o trabalho.

A CPI ganhou muito destaque porque ela teve um pouco também de espetáculo, bate-bocas. Isso não é ruim? Isso já tinha antes. A diferença é que agora nós estamos tratando de vidas. O que as pessoas têm de entender é que a nossa relação no Senado é muito respeitosa. Temos bate-bocas, mas nos respeitamos. Não é tentando destruir um adversário que eu vou construir algo de bom para o Brasil. E o presidente acredita na destruição dos outros. A II Guerra foi contra o nazifascismo. Ganharam a guerra, mas não extinguiram o nazifascismo. Aqui no Brasil há quem defenda o nazifascismo. Eles acham que o cara que empunha a bandeira é mais brasileiro que os outros.

Os senadores da comissão tiraram o pé do acelerador ao desistir da convocação do general Braga Netto? Foi um gesto para não esticar além da conta a corda? Não tivemos maioria. Eu sou a favor de convocá-lo, não porque é ministro da Defesa, mas porque foi coordenador de tudo isso que aconteceu. Temos de perguntar: por que não teve barreira sanitária? Por que o senhor não respondeu à Pfizer?

Até agora, qual foi o depoimento mais importante na CPI? O do almirante Barra Torres, da Anvisa, por causa da informação sobre a bula da cloroquina, que o ex-ministro Henrique Mandetta já havia falado que o governo queria trocar para permitir o seu uso contra a Covid-19. Isso é gravíssimo.

E qual foi o mais frustrante? O ex-ministro Eduardo Pazuello omitiu e faltou com a verdade várias vezes. Um general poderia ter sido mais firme, ele tem uma história no Exército.

Qual foi o dia mais tenso? Quando tive de prender o Roberto Dias *(ex-diretor de Logística do ministério)*. Eu não estou aqui para ser julgador, mas ele mentiu muito. Não tem adjetivo para esse cara. E não tem adjetivo também para o empresário Carlos Wizard. Aquela risada dele no vídeo em que diz: "Sabe quem morreu? Foi quem ficou em casa". É esse tipo de gente que estava no ministério, que aconselhava esse tipo de pensamento.

"O depoimento mais frustrante foi o do ex-ministro Eduardo Pazuello. Ele omitiu e faltou com a verdade várias vezes. Um general poderia ter sido mais firme, ele tem uma história no Exército"

Qual é a situação do deputado Ricardo Barros, líder do governo? Ele era testemunha, passou a ser investigado. A ministra Cármen Lúcia manteve a quebra de sigilo dele.

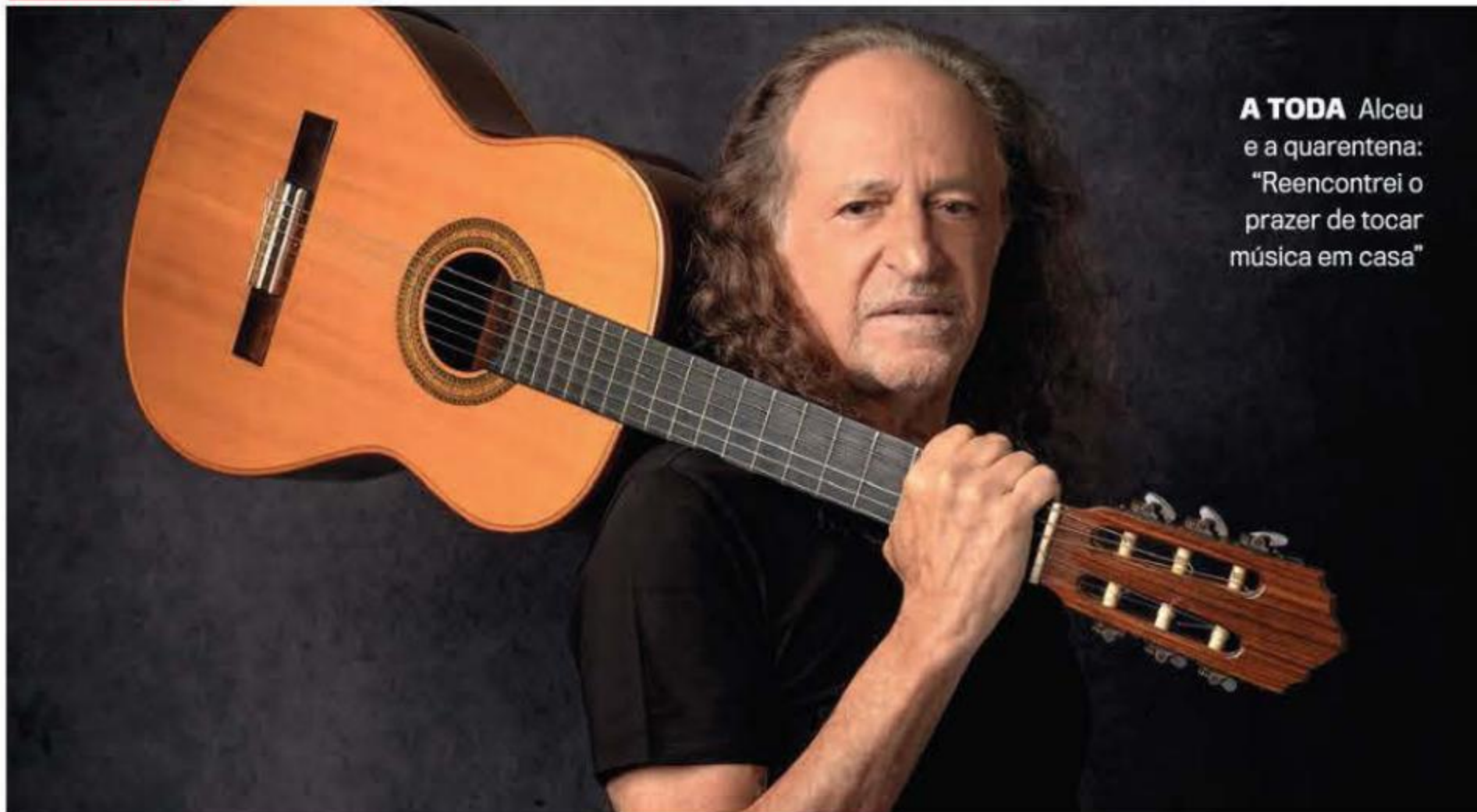
Que impacto a CPI vai ter na eleição de 2022? Não dá para saber. A política é muito dinâmica, as pessoas mudam. Pegue como exemplo uma bomba que caiu no colo do Lula, a CPI dos Correios. A pessoa mais forte do governo dele, o José Dirceu, teve de ser exonerada. O Lula começou a trabalhar, criou Bolsa Família, Luz para Todos, Minha Casa, Minha Vida, programas que não só o reelegeram como fizeram a sua sucessora. Mas isso teve um custo, começamos a ter déficit, o país parou de crescer, e a Dilma foi cassada com o povo na rua pedindo.

O que se pode esperar a respeito dos desdobramentos das manifestações pró-governo de 7 de setembro? Creio que isso vai despertar um olhar mais minucioso por parte do Supremo Tribunal Federal e do Congresso no sentido de que a democracia no Brasil corre risco grave, sim. Tinha muita gente nas ruas, mas já vi mais gente em manifestações que não tinham apoio das polícias, do Exército e da máquina pública. Com os problemas que o Brasil vive, incluindo desemprego, inflação alta, dólar alto, falta de perspectiva de crescimento, política ambiental desastrosa, política social ineficaz de distribuição de renda, energia todo dia aumentando, gasolina e gás de cozinha aumentando, essas pessoas vão para a rua em defesa deste governo... Estamos com quase 600 000 mortos por causa da pandemia e parece que nada está acontecendo. ■

UNIDAS CONTRA O RETORNO DA BURCA

APROVEITANDO a fresta aberta pelas reiteradas sugestões de que o Talibã que tomou o poder no Afeganistão em agosto é menos radical do que o que foi removido do governo em 2001 e estaria até disposto a incluir mulheres na vida pública (desde que "respeitadas as leis islâmicas"), corajosas afegãs foram às ruas de Cabul e de outras cidades. **De cabeça coberta, sim, mas com o rosto à mostra e roupas coloridas, uma imagem distante da obrigatória burca de antigamente, elas reivindicaram acesso à educação, liberdade profissional e a possibilidade de ir e vir sem ter um parente homem ao lado.** O resultado não foi dos mais animadores. Militantes armados dispersaram as manifestações, como todas as ensaiadas desde que os Estados Unidos encerraram duas décadas de presença no país, na base de intimidações e tiros para o alto. Em paralelo, o Talibã anunciou a primeira formação de governo, sem uma única mulher e com profusão de mulás do passado, alguns com a cabeça a prêmio no exterior. Para piorar, as afegãs foram "aconselhadas" a ficar em casa porque os radicais ainda não foram "treinados" para respeitá-las. E, reforçando o domínio dos barbudos, a equipe nacional feminina de críquete simplesmente deixou de existir. "O Islã e o Emirado Islâmico não permitem que mulheres joguem críquete ou qualquer esporte em que fiquem expostas", decretou o vice-ministro da Cultura, Ahmadullah Wasiq. O pesadelo da volta da barbárie segue assombrando aquele pedaço do planeta. ■

Caio Saad

WALI SABAWOON/AP/IMAGEPLUS

A TODA Alceu e a quarentena: "Reencontrei o prazer de tocar música em casa"

INSTAGRAM @ALCEUVALENCA

"SOU UM ETERNO MENINO"

O pernambucano de 75 anos, que acaba de compor quatro CDs, acha que cativa os jovens porque se "sente como um deles" e viraliza nas redes apesar de "não entender direito esse fenômeno"

Depois de quase meio século de carreira, como explica o sucesso de suas músicas entre as novas gerações? Sinceramente? Fico assustado com essa popularidade. Mas acho que agrado porque sou um eterno menino e sei que a idade da certidão de nascimento não está com nada. Por isso, minhas músicas também não envelhecem. Elas falam de temas que perturbam qualquer geração — sentimento, amor, paquera.

Muita gente jovem filma o senhor cantando com artistas de rua no bairro carioca do Leblon, onde mora, põe nas redes e o flagra viraliza. O senhor se espanta? Eu me sinto lisonjeado quando encontro alguém tocando minhas músicas e sempre me junto para um dueto. Por que isso interessa tanto às pessoas a ponto de viralizar? Não tenho ideia. Acredite: esses vídeos às vezes vão parar até na Europa. Não entendo o mecanismo da coisa, mas não me queixo.

Como é sua relação com o mundo virtual? Não faço questão das redes, acho meio entediante. De vez em quando, posto fotos de paisagens e compartilho uns textos que escrevo. Agora, acompanhar a vida dos outros, nem pensar. Fofoca não me interessa, não me prende. Já fiz *lives* para matar a saudade do público, é legal. Mas o que gosto mesmo é da vida real.

Há quem diga que a MPB perdeu o encanto. Concorda? De jeito nenhum. Temos cada vez mais artistas fazendo um trabalho autêntico. A MPB se recicla, ela é imortal.

Como conseguiu se manter tão produtivo na pandemia? Não sou muito de série, filme, e voltei a fazer uma coisa que havia anos não fazia: tocar violão dentro de casa. Emendava uma música na outra e, quando percebi, tinha quatro CDs na mão, entre canções novas e antigas. Aí minha mulher falou: "Pode lançar que já está tudo pronto".

Como a quarentena o afetou? É angustiante. Sou um homem da estrada, o movimento é o que me faz sentir vivo. Brinco que não tenho casa, só tenho alguns pontos onde costumo dar uma parada. Imagine então como é ficar confinado, longe da rua. Um tormento.

O que pensa da gestão da pandemia pelo governo? Meu posicionamento é claro: o que o presidente fala, eu faço o contrário. Ele fala para não usar máscara, eu uso logo duas. Diz para sair de casa, eu fico quieto no meu canto. Manda não tomar vacina, eu corro logo para virar jacaré. ■

Duda Monteiro de Barros

A CARA DA NOUVELLE VAGUE

ZETA FILMES

CHARME Belmondo, com Seberg: comparável a Marlon Brando e James Dean

Os americanos não tardaram a pô-lo em pé de igualdade com Marlon Brando e James Dean, dado o vigor físico, o olhar irônico e o jeitão permanentemente desdenhoso com o cotidiano das relações em sociedade. O ator francês **Jean-Paul Belmondo,** logo em seu primeiro papel de sucesso — o bandido Michel Poiccard em *Acossado,* de 1960, clássico inaugural da nouvelle vague de Jean-Luc Godard —, virou marca de um tempo da cultura ocidental. Belmondo, na pele de seu personagem, desconstruía o lugar-comum: mas como assim, sentir alguma afeição por um assassino na tela? O tom natural de interpretação, como quem caminha pelos bulevares parisienses ao lado de Jean Seberg, com o *The New York Herald Tribune* em mãos, seria tão influente quanto os filmes em preto e branco de Godard e François Truffaut. Bébel, como era conhecido na França, faria sucesso em filmes de aventura e perseguição, mas foi para sempre acossado pelo primeiro sucesso nas telas. Morreu em 6 de setembro, aos 88 anos, em Paris, de causas não reveladas pela família.

DIVULGAÇÃO

VERSÁTIL Brasil, de Chopin a Tom Jobim: teclado para todos os gostos

PIANO CLÁSSICO E POPULAR

O pianista **João Carlos Assis Brasil,** de formação clássica, com longos períodos de estudos na Europa, nunca teve receio em ir de Chopin, Debussy e Villa-Lobos a Lupicínio Rodrigues, Tom Jobim e Chico Buarque de Hollanda. Internacionalmente reputado por suas interpretações de grandes compositores, no Brasil gravou com nomes como Maria Bethânia, Ney Matogrosso e Wagner Tiso. Morreu aos 76 anos, em 6 de setembro, de infarto, no Rio de Janeiro.

UM ECONOMISTA REPUBLICANO

Membro de um grupo conhecido como "os novos economistas paulistas", ao lado de José Serra, Luciano Coutinho e André Franco Montoro Filho, **João Sayad** foi um dos nomes por trás da elaboração do projeto de reconstrução que culminaria com o Plano Cruzado, em 1986, ancorado na luta contra a hiperinflação e o congelamento de preços. Ministro do Planejamento do presidente José Sarney, nunca pôs a ideologia à frente dos interesses republicanos. Sayad foi também secretário de Finanças e Desenvolvimento Econômico durante a prefeitura de Marta Suplicy em São Paulo, então no PT, de 2001 a 2003. Quatro anos depois, seria secretário da Cultura e presidente da Fundação Padre Anchieta do governador tucano Serra. Morreu em 5 de setembro, em São Paulo, aos 75 anos, de leucemia.

LUIS USHIROBIRA/VALOR/FOLHAPRESS

COERÊNCIA Sayad, sem ideologia: secretário dos governos do PT e do PSDB

TRILHA DA RESISTÊNCIA

Compositor de sinfonias e oratórios, o grego **Mikis Theodorakis** ficou mundialmente conhecido pela trilha sonora do filme *Zorba, o Grego,* dirigido por Michael Cacoyannis e estrelado por Anthony Quinn. Theodorakis, para além de sua carreira artística, era um símbolo da resistência contra a ditadura dos coronéis, de 1967 a 1974. Morreu em Atenas, aos 96 anos, em 2 de setembro. ■

STEPHANIE LECOCQ/AFP

“Foram só umas pedrinhas. Nada grave.”

JUSTIN TRUDEAU, primeiro-ministro do Canadá, agredido com cascalho atirado por manifestantes antivacina durante um comício

“É só dar uma câmera escondida para uma tia do Zap.”

EDUARDO BOLSONARO, deputado (PSL-SP) e filho, elogiando a prática do grupo conservador americano Project Veritas de tentar controlar jornalistas filmando sua vida pessoal sem o conhecimento deles

“Chegamos a um ponto em que tudo aquilo que a Anvisa orientou antes não foi cumprido.”

ANTONIO BARRA TORRES, diretor da Agência de Vigilância Sanitária, justificando o papelão dos agentes que, alegando irregularidades de jogadores argentinos, entraram em campo e suspenderam o jogo entre Brasil e Argentina pelas eliminatórias da Copa do Mundo

“*(A decisão)* vai definir a agenda sobre a questão em toda a América Latina.”

MELISSA AYALA, coordenadora da ONG feminista Gire, celebrando a sentença da Suprema Corte do México que descriminalizou o aborto no país

“Quando eu ganho, não me sinto feliz, me sinto aliviada. E quando perco, fico muito triste. Não acho isso normal.”

NAOMI OSAKA, tenista campeã que tenta superar problemas mentais, após a derrota para a canadense Leylah Fernandez, novata de 18 anos, no torneio US Open

“Brigamos por causa disso. Claro que doeu.”

ANGELINA JOLIE, atriz que foi vítima do produtor e assediador serial Harvey Weinstein, contando sua reação quando, anos depois, o então marido, Brad Pitt, teve dois filmes bancados por ele

FACEBOOK @ANGELINAJOLIEBRASIL

“Michael está aqui. De maneira diferente, mas ele está aqui.”

CORINNA SCHUMACHER, mulher do piloto de Fórmula 1 em coma e não visto há oito anos, em raro depoimento sobre seu estado de saúde

“A história passa longe do campo da sensualidade. O operador da câmera está no estúdio. Precisamos parar o ato para ajustar a luz ou porque o colega não lambeu seu sovaco direito. É muito louco.”

JOHNNY MASSARO, ator, desmistificando as cenas de sexo no cinema e na TV

“Não nos deixemos abater. Mentalidade de vencido já é meia derrota.”

RUY GUERRA, cineasta, ainda disposto a lutar contra as adversidades aos 90 anos

“É um caminho sem volta e é um caminho do bem.”

SANDY, cantora que começou a carreira ainda criança, revelando que, para conseguir lidar com a fama, faz terapia desde os 18 anos – há vinte, portanto

“Nossa investigação sobre má gestão financeira e outros problemas vai continuar.”

BRITNEY SPEARS, cantora, em recado através de advogados ao pai, Jamie, que pediu para ser afastado da função de tutor da filha, que desempenha havia treze anos – segundo a artista, “uma vitória gigantesca”

FERNANDO SCHÜLER

IDEIAS E LIBERDADE

DIAS ATRÁS me chamou a atenção um texto do amigo e filósofo Luiz Felipe Pondé. Sua provocação era: "O capitalismo estaria apodrecendo?". Estaria chegando ao fim sem nenhuma utopia viável para pôr no lugar? Achei interessante aquilo. Existe agora o "modelo chinês", desafiando a democracia liberal. Há muita instabilidade política e um debate imenso sobre os males do mercado. Estaríamos à beira de algum precipício?

Uma das razões para a decadência seria o impacto das novas tecnologias — como a automação, a internet das coisas e a inteligência artificial — na destruição dos empregos. O raciocínio é intuitivo. Quando chegarem os carros autônomos, o que os motoristas do Uber vão fazer? E o pessoal do telemarketing, quando tudo for automatizado? Foi assim com os cubeiros, lá em Porto Alegre, chamados de "tigres", que carregavam aqueles cilindros com dejetos humanos, antes das redes sanitárias. E com as telefonistas inglesas, que eram 120 000, em 1970, e hoje não passam de 20 000.

Muitos postos de trabalho desaparecerão e outros serão criados. Estudo da OCDE mostrou que, em vinte anos, o emprego industrial declinou 20%, mas cresceu 27% no setor de serviços. É o feijão com arroz da economia de mercado. Schumpeter já havia teorizado sobre isso com sua tese da "destruição criadora". Ainda recentemente, três pesquisadores da Consultoria Deloitte, Ian Stewart, Debapratim De e Alex Cole, apresentaram uma pesquisa com dados do censo inglês desde 1871 e foram taxativos: "A tecnologia criou mais empregos do que destruiu nos últimos 144 anos".

TAYLOR GLASCOCK/THE WALL STREET JOURNAL

VIRTUDE DO CAPITALISMO Deirdre McCloskey: a inovação faz diferença

Outra razão do abismo seria a desigualdade. Se tornou comum dizer que a má distribuição de renda vai corroer o sistema. Falta demonstrar qual o padrão "certo" de distribuição econômica que se deve buscar. Como bem observou John Rawls, tendemos a comparar nossa situação com a de pessoas mais próximas a nós, nas comunidades em que convivemos e em relação às posições a que aspiramos. Não na "grande sociedade". Ninguém acorda todos os dias enfurecido com a fortuna de Jeff Bezos. Mas, com razão, nos indignamos se somos discriminados, no trabalho ou na vida social.

Nos temas que realmente importam há avanços relevantes em nosso tempo. A drástica redução da pobreza talvez seja o mais crucial deles. Apenas no período da mal-afamada globalização, a pobreza global caiu de 36% para 10% entre 1990 e 2015. Outro aspecto: a convergência dos padrões básicos de vida. O US Bureau of Labor Statistics mostrou que, entre 1901 e 2002, o gasto das famílias americanas com alimentação caiu de 42% para 13% de sua renda. Na Inglaterra, o gasto caiu de 35%, em 1950, para pouco mais de 11%, em 2014. Não só a renda cresceu, como o custo relativo dos produtos básicos caiu significativamente.

Há um tema muito mais amplo aí que se refere à igualdade de direitos. Lembro quando Obama, no aniversário dos cinquenta anos na Marcha de Selma, provocou a imensa multidão que refazia o trajeto de Martin Luther King, na luta pelos direitos civis, dizendo que "se você acha que nada mudou nos últimos cinquenta anos, pergunte a alguém que viveu em Selma ou Chicago nos anos 50. Pergunte à mulher que hoje é CEO, e não mais restrita a ser secretária, se nada mudou. Pergunte a seu amigo gay se é mais fácil ter orgulho na América hoje do que há trinta anos". E concluiu: "Negar este progresso é roubar nosso próprio poder de transformar".

No mundo da economia, poucas pessoas expressam melhor um tipo de otimismo realista do que Deirdre McCloskey, autora da monumental trilogia sobre a igualdade, a dignidade e as virtudes burguesas. Deirdre não gosta

da palavra capitalismo. Prefere a ideia do "inovismo". Seu ponto é que não foi o capital, mas, sim, as ideias, ou a inovação que fizeram a diferença no surgimento da moderna economia de mercado. Em algum momento entre os séculos XVII e XIX, o homem comum ganhou dignidade. O padeiro, o comerciante, o inventor de coisas. Primeiro timidamente, mas em um processo contínuo e pari passu à afirmação das sociedades de direito. Daí o casamento moderno entre a economia de mercado e a democracia liberal.

Deirdre fala em um tipo de humanismo liberal. O apreço pela persuasão, o direito inegociável de dizer "não", a aplicação apenas muito moderada do que Weber chamou de "monopólio do uso legítimo da violência", por parte do Estado. No fundo, o receituário liberal de regras estáveis, direitos iguais, menos política e burocracia infernizando a vida das pessoas. A partir daí, valem as escolhas humanas, e seu resultado não é sujeito a nenhum padrão distributivo predeterminado. Quando Pondé observa a incorporação da retórica identitária, ligada a temas de gênero ou orientação sexual, na vida das empresas, é disso que se trata. Alguns gostam, outros ficam nervosos, mas é o capitalismo fazendo seus ajustes. O mercado é antropofágico. Digere a diferença, "marketiza" o dissidente. Boas atitudes surgem como um tipo de commodity. Mesmo os filósofos adquiriram bom valor de mercado.

Pessimistas tendem a subestimar o traço espontâneo e adaptativo do sistema. Afora isso, o pessimismo é um estilo intelectual que vem de longe. Em 1979, Karl Popper fez um inspirado discurso na abertura do Festival de Salzburg, dizendo que "o pessimismo havia se tornado a moda dominante da intelligentsia". O velho professor se dizia um otimista e garantia que sua época era "melhor do que a sua reputação". Em um ambiente de desprezo pelas vulgaridades da indústria cultural, ele provoca: graças a ela, milhões de pessoas podem hoje ter acesso ao melhor de Bach, Mozart e Beethoven.

Popper pede que prestemos atenção ao "outro lado". Tenho essa impressão quando observo esses multibilionários aventurando-se no espaço para fins inteiramente comerciais. Hoje soa algo extravagante. Logo será uma indústria. Tive essa mesma sensação em uma noite fria de Nova York, quando fui ao Village assistir a um show de novos negócios da chamada sharing economy. Sua marca era entregar coisas às pessoas, de legumes frescos a relógios de luxo, a custos muito mais baixos e autorregulação feita pelos indivíduos. Se alguém "olhar para o outro lado", a cada canto do mundo verá dessas coisas.

> **"Ninguém acorda todos os dias enfurecido com a fortuna de Jeff Bezos"**

O capitalismo não vai desaparecer. A inteligência artificial, a revolução energética e tantas outras seguirão sua marcha. Tudo que precisamos decidir é se estaremos dentro ou fora do jogo. Para saber o que fazer, é só dar uma olhada na lista das ocupações destinadas a desaparecer e as que vão crescer rapidamente. Num relance vamos descobrir que precisamos capacitar as pessoas para pensar, e não apenas para apertar botões. Não é à toa que o pensamento crítico se tornou a habilidade decisiva nesta época em que o excesso de ruído e imagem exige um pouco mais de cada um. Aqui nos trópicos isso tudo ainda é muito abstrato, mas não deveria ser. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

ARTHUR LIRA
Em um claro recado a Bolsonaro, o alagoano disse em discurso na Câmara que era hora de parar as bravatas e se concentrar nos problemas reais do país.

MÉXICO
Em votação unânime, a Suprema Corte do país declarou inconstitucional a criminalização do aborto.

BRITNEY SPEARS
Depois de mais de uma década, a cantora poderá retomar o controle de sua vida: o pai dela, Jamie Spears, entrou com um pedido na Justiça americana para encerrar o processo de tutela sobre a filha.

DESCE

JOSÉ DE ABREU
Condenado a indenizar por danos morais Bia Doria, primeira-dama de São Paulo, o ator depositou em juízo 27 147,73 reais, referentes ao cumprimento provisório de sentença.

BRASIL X ARGENTINA
A Fifa abriu processo disciplinar contra as duas seleções para apurar a responsabilidade pelo jogo interrompido aos 5 minutos por agentes da Anvisa.

BOLSA FAMÍLIA
Enquanto o governo não viabiliza o Auxílio Brasil, a fila de espera pelo programa assistencial em vigência cresce: supera hoje a marca de 1 milhão de pessoas.

ROBERTO JAYME/ASCOM/TSE

O TROCO Edson Fachin: defesa de reação enérgica contra os ataques ao STF

A reação
Edson Fachin, Ricardo Lewandowski e Luís Roberto Barroso se uniram na reunião no STF para garantir que a fala de Luiz Fux em nome da Corte fosse dura com Jair Bolsonaro. Nas palavras de um ministro do STF, o trio estava com "sangue nos olhos". Quando Nunes Marques ensaiou pedir cautela, foi duramente repelido. "Não é o momento de relativizar nada", disse Fachin.

Dois lados
A avaliação dos ministros sobre o 7 de Setembro teve altos e baixos. A Polícia Militar não aderiu ao golpismo, mas... o evento golpista levou muita gente.

Todo o cuidado é pouco
Na quarta, antes que Fux fosse ao STF falar ao país, a segurança da Corte fez uma pesada varredura no plenário. Protocolo-padrão contra atentados.

Bipolaridade
Na terça, a bolsonarista Bia Kicis atacou o STF sem dó nos atos e nas redes. Na quarta, pediu e foi recebida por Luiz Fux na Corte para tratar de questões triviais. Haja Rivotril.

Só a passeio
Agentes disfarçados da polícia do DF e do Supremo mapearam suspeitos de financiar as caravanas. A oferta de turismo grátis na capital federal foi o que atraiu boa parte dos militantes que lotaram os ônibus até a Esplanada.

Baita susto
Houve desespero real no STF na noite de segunda, quando os caminhões romperam o isolamento da PM. O reforço na proteção, com homens do Exército, chegou a ser cogitado.

Não falou?
Ao ser informado, na quarta, do teor da fala de Arthur Lira sem menção a "impeachment", Fux respondeu: "Eu vou fazer a minha parte". E fez.

Vírus contagioso
A reunião ministerial de quarta foi um festival de ataques ao STF e a Alexandre de Moraes. Um ministro notou: "O Abraham Weintraub, que chamou os ministros do STF de 'vagabundos', hoje seria maioria na reunião de governo".

Mais fraco a cada dia
Bolsonaro, admite um ministro, usou os atos não só para peitar o STF, mas para mostrar ao Centrão que ainda não é o presidente manco que alguns começam a ver. Não deu muito certo.

De olho na telinha
Bolsonaro parou a reunião ministerial para ver Lira falar. Quando ele defendeu as eleições de 2022, houve comemoração: "Se vai ter eleição, não tem o impeachment", festejou João Roma.

A união faz a força
Presidente do STJ, o ministro Humberto Martins e outros integrantes da Corte telefonaram a Fux para prestar solidariedade ao STF no feriado. O discurso foi bastante festejado no tribunal.

Ele não ouve
O chefe da Fiesp, Paulo Skaf, tentou inutilmente fazer Bolsonaro refletir no feriado: "Presidente, o senhor faz coisas impossíveis, como reunir essa multidão. Não seria melhor só estender a mão aos outros poderes?".

A debutante
A deputada Tabata Amaral terá festa de gala no próximo dia 21 de setembro, quando se filiará ao PSB num grande evento em Brasília.

Casamento marcado
O PSL selou a fusão com o DEM. Luciano Bivar será o presidente e ACM Neto, secretário-geral da nova sigla. A meta é ter a maior bancada da Câmara. O anúncio sai ainda neste mês.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Agora, não

O presidente do México, López Obrador, convidou recentemente Lula para visitá-lo no México. O petista agradeceu, mas não topou. Ele só vai aceitar esses encontros depois de eleito.

O piadista

Ciro Nogueira foi provocado recentemente, num jantar, se já tinha preparado uma justificativa para trocar Bolsonaro por Lula. "Sou um homem do povo. Se o povo decidir que está com Lula, lá estarei", disse, gargalhando.

Mais um no páreo

Figura frequente no avião presidencial, o pastor **Silas Malafaia** saiu do palanque na Paulista aclamado como "o vice do Bolsonaro". O presidente, meio que na brincadeira, mandou um "eu topo".

Nova testemunha

Nesse recesso forçado, a CPI da Pandemia fez mais uma descoberta explosiva: Ivanildo Silva não era o único motoboy da VTCLog a fazer supostos pagamentos de propinas a burocratas do governo Bolsonaro. Há outro. E a CPI vai tentar convocá-lo.

MAURO PIMENTEL/AFP

EU QUERO Malafaia: o pastor entrou na fila de vice de Bolsonaro em 2022

PROSA Liudmila: a premiada escritora russa lança coletânea de contos no Brasil

JOEL SAGET/AFP

Boicote oficial

A CPI, aliás, decidiu ir pra cima do Banco Central, da Receita e do Ministério da Saúde por retardarem a entrega de dados dos investigados.

Desgaste

A relação entre Bolsonaro e Paulo Guedes anda tensa. Nos últimos dias, foram três discussões acaloradas. Guedes mantém a defesa fiscal, enquanto Bolsonaro exige recursos para a reeleição — leia-se o novo Bolsa Família.

Trincou o cristal

Na última discussão, na frente de outros ministros, o presidente perdeu a linha com o "PG": "Tá querendo me derrubar, tá querendo me f...?".

Até o fim

Isolado na defesa do controle de gastos e boicotado pelos atos de Bolsonaro contra o STF, Guedes aproveitou o feriado para descansar. A amigos, admitiu o desalento, mas disse que não desistirá: "Sigo confiante que vamos conseguir fazer o que nos propusemos".

Na mira

Pedro Guimarães entrou de vez na mira do TCU. Além do pedido de afastamento, o procurador Lucas Furtado acionou o chefe do banco por uso da máquina para "promoção pessoal" no caso da gerência Caixa Mais Brasil.

Limpa e borbulhante

A Petrobras começou a investir em tecnologia para gerar energia a partir da água encontrada em alguns poços do pré-sal em altas temperaturas.

Obra-prima

Vencedora do Prêmio Simone de Beauvoir e cotada ao Nobel de Literatura, a russa **Liudmila Ulítskaia** lança em setembro, pela Editora 34, *Meninas*, primeira obra dela traduzida no país. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

AS GUERRAS IMAGINÁRIAS

Desplugado da vida real, Bolsonaro acredita que existe uma conspiração para inviabilizar seu governo e eleva perigosamente sua retórica de enfrentamento contra os supostos inimigos

DANIEL PEREIRA

Há quem acredite que Jair Bolsonaro impulsiona determinadas crises para desviar a atenção dos problemas que importam, disfarçar a inépcia do governo e se manter permanentemente sob os holofotes. Há quem veja na postura beligerante do presidente um simples método — uma estratégia pensada para pautar o debate e não ter de prestar contas pelo descalabro administrativo. A verdade é que os arroubos retóricos, as decisões erradas e as recorrentes trapalhadas são quase sempre derivados de convicções que o presidente forma a partir uma realidade paralela que ele mesmo criou, apenas ele conhece e, por isso, é difícil de compreender. Bolsonaro enxerga sabotadores em todos os cantos e, atormentado por fantasmas, não lida com a vida real, na qual só 30% da população foi totalmente imunizada contra o coronavírus, 14 milhões estão desempregados, a inflação dos alimentos avança de forma assustadora e há até risco de apagão *(leia a reportagem na pág. 30)*.

Ninguém faz oposição ao país e ao governo como Jair Bolsonaro. Desde o início do mandato, ele se dedica a escolher adversários de ocasião e a combater toda sorte de supostas conspirações que teriam o mesmo objetivo: tirá-lo do poder. Para o presidente da República, o Legislativo, que é controlado por seus aliados do Centrão, trabalha para inviabilizar a sua gestão. Já o plano do Judiciário seria declará-lo inelegível em uma frente de ataque e, em outra, decretar a prisão de seus filhos. Bolsonaro, o escolhido, Messias de sobrenome, seria vítima de uma perseguição do sistema, do tal establishment que o sustenta há trinta anos, mas que ele tanto jura combater. Os problemas dos brasileiros são muito mais graves e urgentes do que as guerras imaginárias travadas pelo ex-capitão. Bolsonaro não entende isso, ou finge não entender, tanto que deu o passo mais arriscado até agora em sua tática de confrontar às instituições.

No feriado de 7 de setembro, em discursos para uma multidão de apoiadores em Brasília e São Paulo, o presidente ameaçou fechar o Supremo Tribunal Federal (STF), disse que pode desrespeitar decisões da Justiça, o que configuraria crime de responsabilidade, e

FANTASIA Bolsonaro: ele acredita que o Supremo atua para prender seus filhos e retirá-lo do poder

ALAN SANTOS/PR

afirmou que só deixará o cargo morto. Na Avenida Paulista, os poucos minutos de seu discurso foram recheados de tentativas de intimidação. "Quero dizer aos canalhas que eu nunca serei preso. Ou esse ministro se enquadra ou ele pede para sair. Não se pode admitir que uma pessoa apenas, um homem apenas, turve a nossa liberdade", disparou. O homem, no caso, é o ministro do STF Alexandre de Moraes, relator de inquéritos que investigam o presidente e dois de seus filhos — Eduardo, deputado federal, e Carlos, vereador pelo Rio. Já a liberdade, em tese, diz respeito à liberdade de expressão, empunhada como bandeira depois de Alexandre de Moraes determinar a prisão de bolsonaristas acusados de pregar a ruptura democrática e até a violência física contra ministros do STF.

A liberdade que mais preocupa Bolsonaro, no entanto, não é a de expressão, mas a de ir e vir. O presidente colocou na cabeça que o Supremo se articula há algum tempo para prender o vereador Carlos, o Zero Dois, foco constante de monitoramento nos inquéritos que apuram ataques às instituições e propagação de *fake news*. Foi por isso que Bolsonaro partiu para o enfrentamento direto com Alexandre de Moraes. "Ou o chefe desse poder enquadra o seu ou esse poder pode sofrer aquilo que nós não queremos", afirmou Bolsonaro em Brasília, em recado direcionado ao ministro Luiz Fux, presidente do Supremo e chefe do Judiciário. Ao externar o recado, Bolsonaro tinha a seu lado o ministro da Defesa, general Braga Netto, e o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, coadjuvantes especialmente convocados para transmitir a ideia de que — se a corda esticar a ponto de estourar — os militares marcharão ao lado do mandatário. A grei bolsonarista res-

MARCOS CORRÊA/PR

RETAGUARDA Braga Netto e Mourão: mensagem subliminar de apoio militar

TWITTER @BOLSONAROSP

ZERO TRÊS Eduardo Bolsonaro, alvo de investigações no STF: forte influência no comportamento do pai

FILIPE BISPO/FOTOARENA

PERSEGUIDO Cartazes do ministro Alexandre de Moraes: o alvo principal dos ataques do presidente e dos manifestantes

pondeu aos gritos de "eu autorizo", em referência a uma eventual intervenção militar destinada a fechar o Supremo.

"Por que dar ênfase a casos simples só por envolverem parentes do mandatário? Isso não deveria se chamar perseguição?", diz o deputado governista Marco Feliciano (PL-SP). "O recado dado ao Supremo é o de que o ativismo político do Judiciário precisa ser contido. Milhares de pessoas foram às ruas para dizer isso", acrescenta o líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (Progressistas-PR). Ao contrário do que sugerem essas declarações, o Supremo não faz oposição a Bolsonaro — e, evidentemente, não é o responsável pelos verdadeiros problemas brasileiros. É fato que o tribunal já tomou decisões que contrariaram o presidente, como a suspensão da nomeação de Alexandre Ramagem para o cargo de diretor-geral da Polícia Federal, que foi entendida como usurpação de uma competência do presidente. Mas também é fato que a Corte deu decisões que dificultaram o avanço da investigação da rachadinha no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro e, de maneira geral, sempre demonstrou boa vontade com o governo. Prova disso é que o ministro da Economia, Paulo Guedes, pediu ajuda ao STF para encontrar uma forma de financiar o Auxílio Brasil, programa com o qual Bolsonaro pretende recuperar sua popularidade entre os mais pobres. O entendimento, claro, ficou mais difícil *(leia a reportagem na pág. 46)*.

Assim que terminaram as manifestações de rua no dia 7, ministros do STF se reuniram virtualmente para analisar a escalada retórica do presidente e debater o teor de uma resposta institucional. O mais exaltado era Alexandre de Moraes. "Temos de responder duramente", defendeu Ricardo Lewandowski. A resposta foi dada na quarta-feira 8, por Fux. Ao abrir a sessão plenária, ele declarou que nin-

FREDERICO BRASIL/FUTURA PRESS

ZERO UM Flávio Bolsonaro: o recurso que pode travar o caso das rachadinhas será julgado pelo STF

guém fechará o Supremo, tachou de ilegais e inaceitáveis os rompantes autoritários de Bolsonaro e afirmou que eventual desrespeito a uma decisão judicial configurará crime de responsabilidade, que é punível com impeachment. Considerando as famosas "quatro linhas da Constituição", Fux deixou clara a disposição de tabelar com o Congresso, a quem cabe tocar um processo de impedimento do chefe do Executivo *(leia a coluna de Dora Kramer, na pág. 90)*. "Os ataques ao Supremo têm a ver com a busca do inimigo externo, que faz parte da estratégia como líder populista", diz o professor do Ibmec Bruno Carazza.

No estranho mundo de Jair Bolsonaro, o Legislativo também sabota suas ações — um raciocínio, digamos, absolutamente psicodélico. Na prática, deputados e senadores aprovaram pontos importantes da agenda econômica do governo, derrotaram o Palácio do Planalto uma ou outra vez no varejo, mas sempre garantiram uma vida tranquila ao presidente no atacado. Essa relação predominantemente harmoniosa, pontuada por desgastes esporádicos, ficou evidente na ressaca pós-feriado. Notório defensor de um pacto entre os poderes e de um ambiente de união nacional, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), avalia devolver a medida provisória editada para dificultar a retirada de conteúdo das redes sociais, mas, como de costume, evitou bater de frente com Bolsonaro. Já o comandante da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), pediu temperança, enalteceu a Constituição, mas, em sua resposta institucional, nem sequer fez menção à possibilidade de impeachment. Por mais que haja torcida nesse sentido e até motivos, a destituição de Bolsonaro não está na pauta nem do chefe nem da maioria da Câmara. "Vale lembrar que temos a nossa Constituição,

PAULO PAIVA/AGIF/AFP

EDUARDO MATYSIAK/FUTURA PRESS

REALIDADE Supermercados: inflação dos alimentos tende a provocar danos na imagem do presidente

TIRO NO PÉ Manifestação pedindo impeachment: depois das falas golpistas de Bolsonaro, o assunto voltou

que jamais será rasgada. O único compromisso inadiável e inquestionável que temos em nosso calendário está marcado para 3 de outubro de 2022", disse Lira, citando a data das próximas eleições.

Em meio à confusão, as cúpulas de alguns partidos passaram a debater a possibilidade de defender o impeachment. A dificuldade delas está em convencer as suas bases a aderir ao movimento. Apesar do desgaste do governo, parlamentares ainda preferem rumar ao lado de Bolsonaro, o que lhes garante cargos, acesso privilegiado a fatias do Orçamento e outras benesses (a partir de abril do ano que vem, o jogo pode mudar). Outro obstáculo está no fato de o vice-presidente Hamilton Mourão não dar sinais de que tope trabalhar pelo impedimento do presidente. Sem ele em campo, dificilmente haverá jogo. "Não vejo que haja clima para um impedimento do presidente. Clima tanto na população como um todo como dentro do próprio Congresso. Acho que nosso governo tem maioria confortável de mais de 200 deputados", disse Mourão. Uma votação recente lhe dá razão.

No mês passado, o plenário da Câmara rejeitou a proposta de emenda constitucional que instituía o voto impresso, tema que substituiu a cloroquina no rol de obsessões presidenciais. As cúpulas dos partidos esperavam uma derrota acachapante de Bolsonaro, mas a PEC recebeu 229 votos a favor e apenas 218 contrários. O presidente não conseguiu os 308 votos necessários, mas colheu uma vitória importante ao mostrar que tem na Casa mais do que os 171 votos exigidos para barrar qualquer processo de impeachment. Os atos do feriado reforçaram a posição de Bolsonaro momentaneamente e deixaram claro que ele também tem suporte de parte considerável das ruas. Na quinta-feira 9, o presidente tentou amenizar um pouco o impacto de sua escalada retórica. "Nunca tive a intenção de agredir os poderes", alegou em nota.

Enquanto submete o país a um estado de tensão permanente e trava suas guerras particulares contra os ilusórios conspiradores, Bolsonaro descuida da administração e sabota os esforços de recuperação da economia. Depois das manifestações do dia 7, ele pode até se sentir fortalecido na realidade paralela em que atua, mas nas eleições de 2022 quem definirá o resultado serão o desempenho da economia, o peso da inflação, o nível de emprego, o preço do gás de cozinha, a conta de luz. A vida real, dificultada pela crise econômica e pela pandemia, é a grande — e verdadeira — ameaça ao mandato e à reeleição de Bolsonaro. Mas definitivamente ele não consegue enxergar isso. ■

Com reportagem de Rafael Moraes Moura e Letícia Casado

À BEIRA DO APAGÃO

Enquanto o presidente continua a ver fantasmas, a possibilidade de um novo racionamento de energia cresce — um problema real, de alto custo econômico e político **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS** E **CAÍQUE ALENCAR**

NO DURO pronunciamento em resposta aos ataques de Bolsonaro ao STF nas manifestações de 7 de setembro, o ministro Luiz Fux, presidente da Suprema Corte, colocou o dedo na ferida do desgoverno. Segundo ele, o verdadeiro patriota não fecha os olhos para os problemas reais e urgentes do Brasil. "Pelo contrário, procura enfrentá-los", completou Fux. A cerca de 400 quilômetros da Avenida Paulista, onde ocorreu a principal concentração bolsonarista do feriado da Independência, é possível ver o cenário desolador de um problema real do país, cuja gravidade não tem merecido a devida atenção de um presidente mais empenhado em fazer comícios para sua base radical de fãs. Na região de Furnas, ao sul de Minas Gerais, a nova crise hídrica que assola o país ganha contornos nítidos. Ali há represas semivazias, áreas antes submersas e agora tomadas por lama e pasto, marinas rodeadas de terra, barcos parados e uma sequência de paisagens turísticas desfiguradas pela maior estiagem já registrada no país. A situação dramática no entorno desse que é um dos principais complexos de fornecimento de energia

FOTOS JONNE RORIZ

CADÊ O LAGO?

Simone Santana, 50 anos, dona da pousada Pontal do Lago *(no detalhe)*, em Carmo do Rio Claro (MG), posa à frente de área em Furnas, onde havia muita água e era o principal atrativo do lugar. "Eu perdi 100% do turismo náutico. As pessoas vinham com suas embarcações, muita gente nadava", conta. Com a seca, o movimento caiu 60% e ela demitiu funcionários. "A luta é para não fechar", diz.

elétrica do Brasil mostra de forma eloquente a probabilidade cada vez maior de um racionamento. A exemplo do que ocorreu em 2001, ele teria consequências desastrosas para a vida das pessoas, a economia — e atenção, Bolsonaro —, a política e a eleição.

A preocupação com a repetição do triste episódio da reta final do governo FHC não é gratuita. A situação atual é tão crítica que os níveis dos reservatórios do sistema Sudeste/Centro-Oeste, onde se produzem 70% da energia do país, estão ainda mais baixos do que há vinte anos *(veja o quadro na pág. 32)*. Além disso, as projeções para os próximos meses não são nada alentadoras. Uma nota técnica divulgada em agosto pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) aponta para possíveis déficits no fornecimento de energia em outubro e novembro — ou seja, risco de apagões. O ONS sugere postergar manutenções programadas, importar mais energia da Argentina e do Uruguai e acionar termelétricas que não têm contrato de fornecimento com o governo. "A probabilidade de racionamento é grande, e não será uma surpresa", alerta Roberto Pereira d'Araujo, diretor do Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Energético (Ilumina) e ex-conselheiro de Furnas.

Tempo para agir não faltou ao governo. Em outubro do ano passado, o ONS já apontara em relatório o que chamou de "contexto hidrológico desfavorável". E os sinais se tornaram fortes. A bacia do Rio Paraná, que abastece Itaipu, por exemplo, teve entre setembro de 2020 e julho de 2021 seus piores índices hidrológicos dos últimos cinquenta anos para o período úmido. Em outubro, o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico, presidido pelo ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, determinou reuniões semanais para debates técnicos. Desde então, o governo autorizou aumentar a geração termelétrica, mais cara, elevar as importações de energia, flexibilizar restrições operativas do sistema e ampliar a transferência de energia do Nordeste,

FOTOS JONNE RORIZ

NADA DE PEIXE

Morador de Fama (MG), Edcarlos dos Reis, 42 anos, deixou a vida de pedreiro e se mudou em 2020 com a mulher e os filhos para uma casa à beira de um lago. "Tirei a carteira de pescador, mas seis meses depois veio a seca", conta. Agora, ele viaja até 5 quilômetros para achar um local onde haja peixes. "Mesmo assim, os lagos são bem pequenos hoje", diz.

onde os reservatórios estão mais cheios, para outras regiões, sobretudo o Sudeste. Tudo isso não se mostrou suficiente. Para bancar os elevados custos com as termelétricas e a importação de energia, o governo criou na semana passada uma nova bandeira tarifária, a "Escassez Hídrica". Prevista para valer entre setembro e abril, a medida fará o brasileiro pagar mais 14,20 reais a cada 100 quilowatt-hora

consumidos, um aumento médio de 6,78% nas contas de luz residenciais. "É consenso que o governo demorou para fazer isso. Tinha de ter sido feito em junho, depois dos baixos níveis dos reservatórios em maio. Foram três meses vendo o reservatório cair, comprometendo o equilíbrio entre oferta e demanda para outubro e novembro, e não se tomou nenhuma medida mais rápida", critica Nivalde José de Castro, coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico, da UFRJ.

Em uma aposta arriscadíssima (e até mesmo irresponsável) de que o próximo regime de chuvas poderá evitar o pior, o governo postergou a todo custo o primeiro pacote de medidas de emergência. Mesmo assim, continua descartando ações mais graves — e muito impopulares, algo que certamente fará piorar ainda mais os já altos índices de reprovação do presidente nas pesquisas. Mas já não é possível negar a crise. O ministro Bento Albuquerque convocou uma cadeia nacional de rádio e TV no dia 31 de agosto para admitir a precária situação dos reservatórios, dizer que o Estado está fazendo o que pode — como cortar em 20% o consumo de energia elétrica nos órgãos públicos — e pedir à população que economize. "O empenho de todos nesse processo é fundamental para que possamos atravessar com segurança o grave momento energético", disse. Chegou a pedir que os brasileiros usassem menos o ferro de passar roupa e prometeu dar desconto a quem poupar. Cinco dias antes, o próprio Bolsonaro acusara o golpe. "Peço esse favor para você: apague um ponto de luz agora", declarou. Em boa parte do entorno do presidente, em vez de conselhos para a adoção de ações concretas e efetivas, existe apenas a torcida para que a natureza evite o pior. "Apesar de ser um quadro muito grave, que está sendo acompanhado de perto, há a esperança de que se consiga atravessar esse período sem racionamento", diz o líder do governo no Congresso, senador Eduardo Gomes (MDB-TO), um dos aliados de Bolsonaro que apostam no período chuvoso.

O governo terá de contar mesmo com a ajuda de São Pedro. Diante dos números atuais dos reservatórios, técnicos da pasta de Minas e Energia e especialistas veem como virtualmente impossível um cenário em que o problema seja debelado até os primeiros meses do ano que vem — isso no cenário mais otimista. Não por acaso, portanto, há entre interlocutores do presidente quem tema os desdobramentos eleitorais da encrenca. Ao deixar a situação chegar a esse ponto, Bolsonaro dificilmente escapará de ter de explicar aos eleitores a sua responsabilidade sobre a falta de energia e as consequências desastrosas dessa escassez. Com custos mais altos à indústria e a falta de chuvas afetando a produção de alimentos, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, já admitiu o forte impacto da crise hídrica na inflação, que fechou agosto com acumulado de 9,68% em doze meses. É o que faltava para agravar ainda mais um quadro de desemprego elevado e renda debilitada, que inibem o consumo *(leia a reportagem na pág. 50)*. Além disso, o peso econômico de um apagão seria grande também porque atingiria o país no momento em que este tenta

SEM TURISTAS

Em Formiga (MG), o presidente do Clube Náutico, Thadeu Alencar, 29 anos, trava uma batalha diária para não fechar as portas, como vários estabelecimentos turísticos locais. Antes, com um grande movimento no resort, ele tinha quarenta seguranças – hoje, possui apenas um, que vem eventualmente à noite. "Neste momento, só penso em sobreviver. Esse é o cenário da região", conta.

JONNE RORIZ

se reerguer dos estragos causados pela pandemia. "Se houver um racionamento, ele vai provocar o apagão definitivo em qualquer possibilidade de recuperação da imagem do governo e das chances efetivas de reeleição", aponta o cientista político e sociólogo Antonio Lavareda.

No campo do impacto político de um problema desse tamanho, há uma lição histórica que Bolsonaro não deveria subestimar. A crise energética que atingiu o governo FHC começou com uma série de alertas emitidos após um apagão em março de 1999, que atingiu onze estados. Antes de o governo decidir pelo racionamento, em 2001, foram registrados ao menos nove avisos sobre o risco de colapso energético em razão da escassez de chuvas e da diminuição do nível dos reservatórios. A avaliação da época é que a gestão tucana deixara de investir na geração de energia contando também com a boa vontade de São Pedro. Com a nação já combalida pela crise financeira que vinha da Ásia e da Rússia, o governo foi atingido em cheio pela irritação da população. Entre abril e maio de 2001, a avaliação negativa de FHC subiu de 28% para 37%, de acordo com pesquisa Vox Populi — um mau humor que inevitavelmente respingaria no candidato José Serra, escolhido pelo PSDB à sucessão e que acabaria derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva em 2002.

Devido à demora em agir, o remédio emergencial para controlar o prejuízo na época foi amargo. Por meio de medida provisória, o governo estabeleceu 20% de redução no consumo e previu pesadas multas e o risco de corte do fornecimento a quem não se enquadrasse nas novas regras. Os efeitos na economia foram, como era de esperar, os piores possíveis: não só o governo teve de bancar parte do prejuízo das geradoras em razão do consumo menor, como a conta ficou mais cara, a balança comercial registrou prejuízo de 1 bilhão de dólares, fábricas cortaram empregos, empresários reduziram investimentos e a baixa oferta de energia elétrica freou o crescimento do PIB. Em 1999, por causa da crise cambial, o indicador subiu apenas 0,5%. No ano seguinte, houve a retomada, para

MERGULHO NO VAZIO

Dono da marina Mar de Minas, em Formiga (MG), José Eduardo da Silva Chagas, 48 anos, percorre 1,5 quilômetro puxando barcos com trator para colocá-los na água. Antes, ele mergulhava com a família em uma das docas *(foto)*, que tem 4,30 metros de altura e ficava quase totalmente submersa na cheia. "Hoje, há trechos de lagos onde nem é mais possível navegar", relata.

ED FERREIRA/ESTADÃO CONTEÚDO

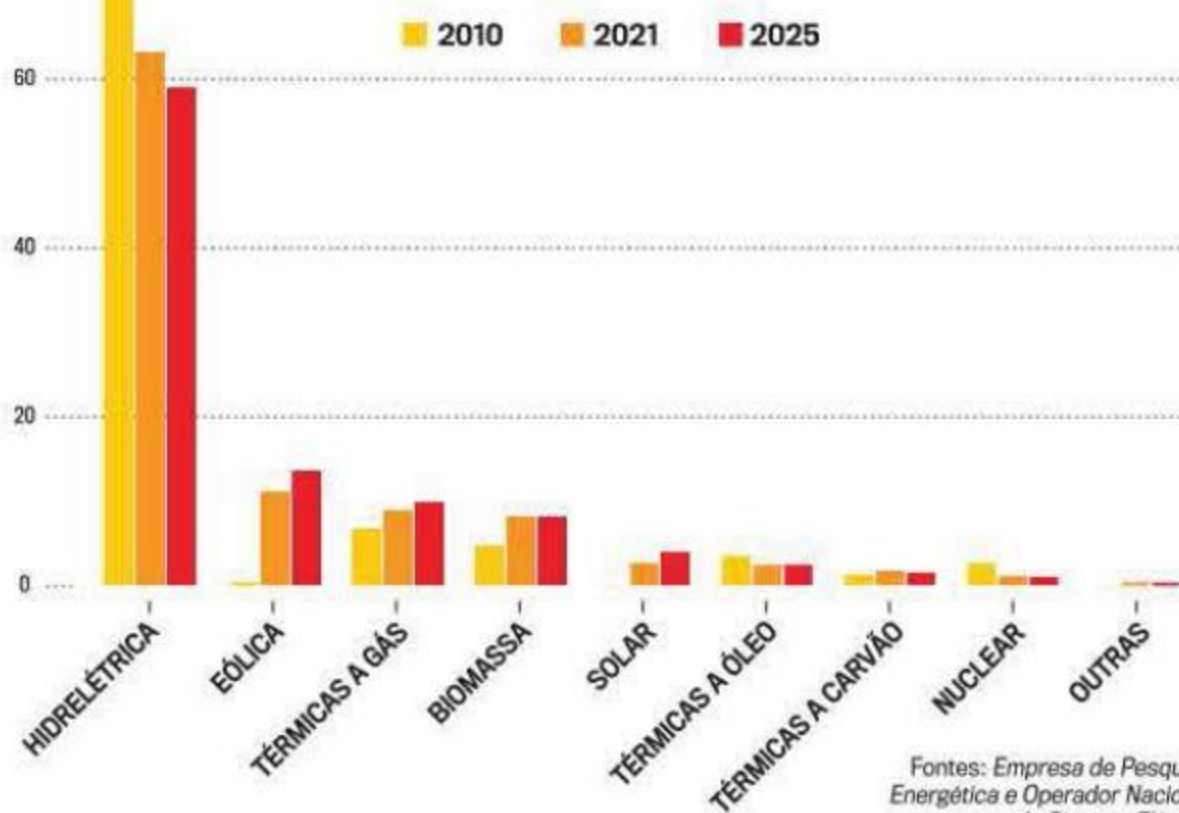
CRISTIANO MARIZ

ONTEM E HOJE Pedro Parente, FHC e Bento Albuquerque: medidas impopulares postergadas a todo custo

4,36%, mas em 2001, com o racionamento, caiu para 1,5%, com três trimestres de queda. "A abordagem à época foi feita de maneira mais racional, nós nos reuníamos todo dia no Palácio, foi a prioridade número 1", relembra José Jorge, então ministro de Minas e Energia. FHC criou um gabinete específico para cuidar do problema e nomeou para chefiá-lo o economista Pedro Parente. "Enquanto isso, a gestão de Bolsonaro está tentando esconder, passar por cima, como se isso não fosse aparecer. O grupo que cuida disso atualmente não tem tanta força. Na época, o governo todo se reunia, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, participava, e até o presidente comparecia às discussões", completa José Jorge.

EQUILÍBRIO DISTANTE

A participação de hidrelétricas no fornecimento de energia cai, mas a dependência do país ainda é grande (em %)

Fontes: *Empresa de Pesquisa Energética e Operador Nacional do Sistema Elétrico*

Durante o colapso de 2001, o sistema de Furnas chegou a 16,63 % de sua capacidade, situação muito parecida com a atual. Segundo as previsões do próprio ONS, esse número pode ficar entre 3% e 10% até novembro. Localizada na cidade de Formiga, uma das mais afetadas na região, uma marina, Mar de Minas, carrega em seu nome uma triste ironia: lagos para navegar sumiram do pedaço e docas de mais de 4 metros de altura que ficavam quase totalmente submersas na cheia viraram plataformas perdidas no horizonte. Em Areado, outro município da região, o cafeicultor Wilmar Messias da Silva, 58 anos, perdeu grande parte da produção de grãos que poderá entregar na safra do ano que vem devido à falta de água. Dos 4 500 sacos que ele previa gerar com a produção, só 500 estão garantidos. "O café queimou por conta da geada de julho deste ano. Se eu tivesse o lago na frente da plantação, com certeza essa perda não seria tão grande", lamenta. Como lembrou o ministro Luiz Fux em seu discurso, essas são cenas de um problema real e urgente do Brasil. Se a crise hídrica se agravar, não vai dar para culpar o STF. Nem os aloprados vão acreditar nessa. ■

Com reportagem de Leonardo Lellis

FRENTE AMPLA EM MARCHA

Escalada de Bolsonaro muda o foco da manifestação de oposição no dia 12, que agora tenta ampliar o palanque a fim de aumentar a pressão pelo impeachment

REYNALDO TUROLLO JR. E **CAMILA NASCIMENTO**

AO LEVAR às ruas uma escalada insana contra o STF no Dia da Independência, Jair Bolsonaro produziu um efeito colateral que pode gerar obstáculos consideráveis às suas pretensões políticas. Além da condenação em uníssono pelas instituições da República, o esforço para mobilizar a tropa mais radical de apoiadores em um momento de total desgoverno diante dos problemas graves e reais do país acendeu o pavio de um movimento de união da babel oposicionista. Esse fenômeno vem tomando forma em torno da manifestação marcada para o próximo domingo, 12. Convocado desde agosto pelo MBL e pelo Vem Pra Rua, movimentos que se notabilizaram nos protestos contra Dilma Rousseff, o ato tinha a proposta inicial de insuflar as pessoas em volta da chamada terceira via — ou seja, era destinado àqueles que rejeitam os extremos ideológicos representados pelos atuais favoritos nas pesquisas à corrida do Palácio do Planalto em 2022, Lula e Bolsonaro. O destempero presidencial no feriado do dia 7, no entanto, mudou o foco: agora, o objetivo é se descolar do debate eleitoral e reunir o maior número possível de pessoas, da direita à esquerda, para reagir a Bolsonaro sob o mote da defesa da democracia e do impeachment. As conversas sobre a mudança de perfil do ato e da ampliação do palanque começaram a ocorrer enquanto Bolsonaro ainda vociferava contra o Supremo e as urnas eletrônicas na Avenida Paulista. “Queremos contar com o maior espectro ideológico possível”, afirma o deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP), do MBL.

Essa movimentação inicial já produziu o feito de reaproximar em torno da causa alguns nomes importantes do chamado centro democrático, algo que parecia difícil de acontecer até alguns dias atrás. A primeira tentativa de construir uma alternativa presidencial suprapartidária de terceira via foi esboçada em abril. Logo após Bolsonaro ter saudado o golpe militar de 31 de março, seis presidenciáveis à época assinaram um manifesto: Ciro Gomes (PDT), Luiz Henrique Mandetta (DEM), João Amoêdo (NOVO), os tucanos Eduardo Leite e João Doria e Luciano Huck, além da participação nos bastidores do ex-juiz Sergio Moro. O autodenominado “Polo Democrático” não foi além, no entanto, de um grupo de WhatsApp. Agora, a maior parte dessas lideranças, com a exceção de Moro e de Huck (sendo que o apresentador já descartou as pretensões políticas ao renovar seu contrato com a Rede Globo), está envolvida de alguma forma no protesto de domingo. “O 7 de setembro deu uma tração grande ao impeachment, porque mostrou o total desequilíbrio golpista do presidente. As divisões iniciais foram superadas”, acredita Roberto Freire, presidente do Cidadania e um dos maiores entusiastas do ato previsto para ocorrer na mesma Avenida Paulista lotada por bolsonaristas no feriado da Independência.

A despeito do avanço, ainda restam dúvidas sobre quem estará efetivamente no palanque. Embora apoie o ato, o governador paulista João Doria não havia confirmado participação até quinta 9. Ciro é uma presença esperada, assim como Mandetta. O ex-ministro da Saúde diz que a manifestação não tem o intuito de viabilizar uma terceira via eleitoral. “Mas, de certo modo, ela acaba sendo importante para demonstrar unidade e dar uma alternativa a mais de 50% da população que rejeita Bolsonaro”, diz Mandetta. Também deve estar por lá a senadora Simone Tebet (MDB-MS), que tenta se viabilizar como presidenciável do MDB. A organização prevê

SEBASTIAO MOREIRA/EFE

OUTRA COR Protesto da esquerda em São Paulo: a organização pede que manifestantes usem branco no dia 12

ORLANDO BRITO

ALTERNATIVA Brasília: manifestante anti-Bolsonaro rejeita a polarização

contar também com o comparecimento dos senadores Alessandro Vieira (Cidadania-SE) e Randolfe Rodrigues (Rede-AP), ambos membros da CPI da Pandemia, e de Marcelo Ramos (PL-AM), vice-presidente da Câmara. "Na medida em que cresceu a escalada de Bolsonaro de ataques às instituições, fica claro que a questão partidária e eleitoral é secundária", afirma o ex-presidenciável João Amoêdo (Novo), que apoia o movimento desde o início.

A costura para trazer ao mesmo palanque parte da esquerda é bem mais complexa, embora algumas adesões já tenham sido registradas. Nesse campo, um dos primeiros a demonstrar apoio

foi o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), ex-ministro de Lula e Dilma. “O que demarca os campos políticos neste momento não é esquerda e direita, é quem defende a democracia ou pretende romper com ela. Independentemente de posições políticas no passado recente”, diz. A deputada paulista Isa Penna (PSOL) foi outra que se juntou ao grupo. Para a porta-voz do Vem Pra Rua, Luciana Alberto, porém, quem vai aderir “não é a esquerda do PT, que está fechada com Lula”. “Nossa esperança é ter conosco uma centro-esquerda democrática”, afirma.

De fato, o ponto mais crítico desde o começo era o tratamento que seria dado a Lula. Mesmo com a promessa da mudança da pauta do ato, os petistas devem manter distância desse palanque. Na quinta 9, o partido emitiu nota dizendo que apoia o esforço pró-impeachment, mas que vai fazer sua própria manifestação nas ruas no futuro. “O que eu defendo é construir um ato conjunto para depois do dia 12, com PSDB, MDB, Ciro, Doria. Só engrossar e chancelar o do MBL, não”, diz o vice-líder da minoria na Câmara, deputado Alencar Santana Braga (PT-SP). Na mesma toada, Raimundo Bonfim, coordenador da Central de Movimentos Populares, que integra a Frente Brasil Popular ao lado da CUT e de outras organizações próximas ao PT, não vê possibilidade de adesão ao protesto do dia 12. Mas admite que muitas figuras da esquerda podem comparecer “em nome próprio”, até com vistas a viabilizar, no futuro, um novo ato unificado contra o bolsonarismo, que não tenha o vício de origem de ser convocado com críticas a Lula.

ORLANDO BRITO

FRENTE AMPLA Diretas Já: o desafio é criar uma aliança parecida com a de 1984

Apesar das dificuldades com o principal partido de esquerda, a ambição dos organizadores do ato do dia 12 é formar contra Bolsonaro um palanque tão diverso quanto o das Diretas Já, movimento que reuniu líderes políticos de grande relevância na redemocratização do país, mas que tinham algumas profundas diferenças entre si, como FHC, Lula, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Ulysses Guimarães e Franco Montoro, com o objetivo de contestar a ditadura e pedir eleições. A imagem que ficou para a posteridade foi a do gigantesco comício realizado na Praça da Sé, em São Paulo, em janeiro de 1984, que reuniu cerca de 200 000 pessoas. O contexto histórico, no entanto, era outro. Além de haver uma ocupação ilegítima da Presidência da República, não estavam em jogo objetivos eleitorais imediatos, como os de agora, e o espectro ideológico não era tão multifacetado. O desafio de hoje é saber se a simples bandeira “Fora Bolsonaro” será suficiente para manter acesa a chama do grupo que se tenta criar ou se as divergências e os interesses mais particulares implodirão a evolução de uma frente ampla.

CONVOCAÇÃO MBL na rua: no início, a pauta visava a atrair quem não apoia nem Lula nem Bolsonaro

Outro ponto que ainda provoca debates é sobre a conveniência de tentar rivalizar nas ruas com os bolsonaristas. O receio é de que essas manifestações só sirvam para fortalecer o clima de embate que o capitão adora produzir. "O que ele deseja é essa agitação permanente e confrontos", pondera o governador do Maranhão, Flávio Dino (PSB). A política de enfrentamento com a escolha de adversários reais e fictícios é parte fundamental da política do presidente para mobilizar as redes sociais, manter o apoio dos seguidores radicais e, como se viu, levar multidões às ruas para defender bandeiras antidemocráticas. O ato do dia 12 será um grande teste para saber se o esforço de união e a mobilização para combater a minoritária (mas barulhenta) força popular bolsonarista são as estratégias mais acertadas para a oposição neste momento. ■

ALON FEUERWERKER

DIFÍCIL EMBATE EM DOIS POLOS

Não se pode depender tanto da falta de entendimento entre inimigos

QUAL É HOJE a situação do presidente da República no teatro de operações? Jair Bolsonaro e os dele são um grande exército, razoavelmente coeso e muito disposto a combater, mas cercado.

À esquerda estão acampadas as tropas do PT, que trabalham a favor do tempo. Têm o candidato que, por ora, aparece melhor na corrida eleitoral. Para o petismo, o ideal é nada mudar nos próximos meses. Mas esse tempo na política é mais que uma eternidade.

E a outra tropa que completa o cerco a Bolsonaro sabe que não pode deixar a inércia prevalecer, o relógio correr solto. Para não ser linha auxiliar do petismo. O assim chamado "centro" precisa criar um fato novo. Pois ambiciona o poder. Ainda que nos últimos tempos tenha tido mais sucesso em derrubar governos e menos em ganhar eleições.

Daí que esquerda e "centro" percorram estes dias com um olho no peixe e outro no gato. O peixe é Bolsonaro. O gato, para cada um deles, é o outro, o parceiro de momento da "ampla frente democrática" e inimigo já contratado para o futuro.

> "Esquerda e centro veem um no outro o parceiro de momento e o inimigo contratado para o futuro"

O adversário eleitoral mais perigoso hoje para Bolsonaro, ou alguém do grupo dele, é Luiz Inácio Lula da Silva, ou alguém apoiado pelo ex-presidente. Mas o adversário político mais letal da hora é o amálgama dos que precisam, a qualquer custo, remover o presidente da corrida para retomar o projeto de 2015/16.

Das diversas escolhas duvidosas de Jair Bolsonaro, e entre elas figuram com destaque as más avaliações e decisões sobre a pandemia, talvez a menos falada e potencialmente mais daninha tenha sido não fugir de travar a guerra em duas frentes.

Por convicção ou para satisfazer o núcleo mais fiel da sua base, o presidente buscou apertar cada vez mais o torniquete no pescoço da esquerda. E talvez não tenha alocado forças suficientes para enfrentar o inimigo político mais feroz no momento. E circunstancialmente mais perigoso, pelas conexões no establishment e influência superestrutural. Por exemplo, no Judiciário.

A esquerda não pode simplesmente abrir mão de buscar enfraquecer Bolsonaro, pois sabe que uma eventual reeleição do presidente abrirá para ela quatro anos ainda mais difíceis na luta pela sobrevivência contra o inimigo ideológico.

E a direita tradicional, hoje agrupada no chamado "centro", precisa, como dito acima, livrar-se do presidente para melhor visualizar seu objetivo de poder.

Bolsonaro reúne por enquanto forças para resistir, por ter sólida base de massas, mas também pela falta de consenso entre os oponentes sobre como organizar o poder na ausência dele. Não há uma saída "natural". Se um extraterrestre chegasse à Terra e pedisse para ser levado ao líder do "centro", ninguém saberia a quem levá-lo.

Itamar Franco foi conveniente aos adversários de Fernando Collor porque não podia concorrer à reeleição. Michel Temer acabou consolidando-se como uma boa opção para PSDB e PMDB (hoje MDB) por apresentar-se antes de tudo como uma ponte para o futuro. Ou pinguela, na fala dos mais sinceros.

E agora?

Não se sabe, mas nunca é seguro depender tanto assim da falta de entendimento entre os inimigos. ■

REALISMO FANTÁSTICO

Os desvarios da direita radical vão da existência de campos de concentração para infectados pela Covid a uma conspiração mundial para inviabilizar o governo **LARYSSA BORGES**

A PRIMEIRA impressão de quem foi ao Centro de Convenções de Brasília acompanhar a segunda Conferência de Ação Política Conservadora (Cpac) é de que o local abrigaria um show, um grande espetáculo. Não era uma percepção totalmente distante da realidade. O clima de micareta começava na aquisição do ingresso com cobrança de taxa de conveniência, continuava na rigorosa revista pessoal, na fila de acesso quilométrica e no aparato que acompanhava o astro e organizador do encontro, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). "A fila está maior do que a do auxílio emergencial", reclamou uma orgulhosa militante bolsonarista ao ser informada da estimativa de quase duas horas de espera para entrar no primeiro dos dois dias do evento, que começou na sexta-feira 3 e reuniu por dia 1 500 apoiadores do presidente da República. A fila foi a última coisa normal que se viu por lá.

A Cpac se considera o maior evento conservador do mundo, foi realizada no Brasil pela primeira vez após a eleição do presidente Bolsonaro e se propõe a traçar estratégias para fazer frente a uma suposta conspiração global para tomada de poder que uniria grandes empresas de tecnologia e ditaduras comunistas. A ameaça, aliás, é iminente. Logo no primeiro dia da conferência descobre-se que, por aqui, a conspirata já está em andamento e conta com o apoio de veículos de imprensa, cientistas e organismos internacionais, que se associaram para inviabilizar o governo Bolsonaro e abrir caminho para a ocupação esquerdista. "Steve Bannon disse que o Brasil é a bola da vez", revelou o deputado Bolsonaro sobre antevisões que o ex-estrategista-chefe da Casa Branca teria tido sobre o avanço comunista na América Latina. Os participantes compartilharam outros testemunhos.

De uma palestrante cubana naturalizada brasileira, ouviu-se que "o papa é comunista". De duas convidadas argentinas, acusações de que uma província no norte do país, comandada por esquerdistas, criou campos de concentração para doentes de Covid e de que há execuções de dissidentes contrários ao *lockdown*. Um venezuelano relatou que o desarmamento no seu país ampliou a insegurança da população e que a fome é usada como arma política pela ditadura comunista de Nicolás Maduro. Nesse momento, o deputado resolveu agregar à mesa sua contribuição: "Recebi outro dia um vídeo de um rapaz que estava desossando um gato para comer". No camarote VIP e vestida de verde e amarelo, a ex-mulher de Bolsonaro Rogéria Nantes parecia desinteressada e posava para fotos. A primeira-dama Michelle Bolsonaro só marcaria presença no dia seguinte, acompanhando o marido, quando a ex já não ocupava mais a tribuna reservada a convidados.

Em tempos de pandemia, parte dos assentos do auditório do Centro de

FUTURO SOMBRIO O deputado Eduardo Bolsonaro e o ex-ministro Abraham Weintraub: fraudes em urnas eletrônicas e planos comunistas para tomar o poder no Brasil

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

EM CASA Bolsonaro, estrela na conferência dos conservadores: "Quem tomou hidroxi levanta a mão"

Convenções foi interditada para manter uma distância segura entre os participantes. Não adiantou. "Como é que eles vão saber?", questionou um homem, sem máscara, após arrancar a fita que isolava as cadeiras. No palco ou nas conversas durante o intervalo, sucessivas defesas do direito de não usar máscaras, de não se vacinar, de ingerir medicamentos considerados ineficazes — e vários relatos de pessoas que supostamente morreram por efeitos colaterais provocados pelos imunizantes anti-Covid. No segundo dia, Jair Bolsonaro foi ao evento e se comportou literalmente como um animador de auditório: "Quem aqui pegou Covid levanta a mão. Quem tomou hidroxi ou ivermectina levanta a mão". Diante da constatação de que a maioria havia levantado a mão em ambas as situações, o presidente concluiu: "Tá aqui a prova. Por que ficarmos apenas focados na vacina?".

Neste ano, a versão made in Brazil tinha como atração internacional a presença do empresário e primogênito do ex-presidente americano Donald Trump, Donald Trump Jr., que cancelou de última hora sua vinda ao país. Por videoconferência, ele reforçou a teoria de que os brasileiros estão na mira da China para serem transformados em um governo socialista já em 2022 e advertiu: "Se você acha que eles não estão fazendo o que puderem para instalar um governo socialista que eles possam manipular, alguém que acredita e pensa como eles, ao contrário de alguém que ama a liberdade, se você acha que eles não têm planos para a alternativa no ano que vem, então você não está prestando atenção". Havia tradução simultânea.

A conferência também serviu como teste de popularidade para bolsonaristas que pensam em se arriscar nas eleições "fraudadas" do ano que vem. Passou pelo evento o pouco cativante ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, que desfiou números sobre concessões de obras, enquanto alguns militantes cochilavam. Na sua vez de falar, o ex-ministro Ricardo Salles discorria sobre índios e transgênicos quando, de repente, viu parte da plateia abandonar o auditório para fotografar a chegada de um ex-*Big Brother*. Coube ao ex-ministro da Educação Abraham Weintraub a participação mais curiosa. Ele gravou um esquete simulando estar em um futuro não muito distante, em 2040, época em que o Brasil já terá sucumbido ao comunismo e não haverá espaço para partidos políticos ou para personalidades como ele expressarem suas ideias. Do lado de fora do auditório, os stands montados praticamente esgotaram seus estoques de souvenirs, incluindo uma banca que oferecia roupas infantis estampadas com manchas de sangue. Um espetáculo grotesco. ■

INSTAGRAM @BOLSONAROSP; REPRODUÇÃO

SONEGAÇÃO, FRAUDE E CONLUIO

A Receita acusa Lula de cometer três crimes e cobra do ex-presidente 1,2 milhão de reais em impostos por propina recebida de empreiteiras **HUGO MARQUES**

AO CONSIDERAR que o ex-juiz Sergio Moro agiu com parcialidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) anulou as duas condenações que havia contra Lula e abriu caminho para que o ex-presidente voltasse com força à cena política. Ao contrário do que se propaga, porém, a Justiça não inocentou o petista das acusações de corrupção e lavagem de dinheiro. Na prática, as decisões do STF transferiram do Paraná para Brasília a competência para apurar e julgar os dois casos e também tornaram sem efeito as provas obtidas pelos procuradores da força-tarefa da Lava-Jato de Curitiba. Calcula-se que seriam necessários no mínimo cinco anos para refazer e julgar os processos. É pouco provável que isso aconteça, mas não quer dizer que o ex-presidente possa se considerar completamente livre de problemas. Há outras pedras no caminho do pré-candidato do PT à Presidência da República. Para a Receita Federal, por exemplo, Lula é um sonegador de impostos que, em conluio com empreiteiros, tentou ocultar rendimentos milionários com o objetivo de fraudar o Fisco.

Os detalhes dessa acusação estão transcritos em um processo de execução fiscal que tramita na 2ª Vara da Justiça Federal em São Bernardo do Campo (SP). VEJA teve acesso aos documentos. Neles, a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional cobra do ex-presidente uma dívida de 1,25 milhão de reais referente a impostos que deixaram de ser recolhidos. Segundo a Receita, Lula omitiu em suas declarações de renda recursos que recebeu de duas empreiteiras para executar reformas no famoso tríplex do Guarujá e do notório sítio de Atibaia — os dois casos em que o petista foi condenado em Curitiba. A ação foi impetrada em junho passado, cinco dias depois da decisão do STF que livrou o petista dos processos criminais. Os auditores concluíram que o tríplex pertencia ao ex-presidente — o que Lula nega até hoje —, e a reforma fazia parte de um pacote de vantagens financeiras não declaradas sobre as quais incidem tributos.

Como se sabe, a reforma do apartamento do Guarujá foi patrocinada pela OAS como contrapartida a contratos bilionários que a empreiteira faturou no período em que o petista governava o país. Por causa disso, Lula foi condenado a treze anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro. A sentença foi confirmada em duas instâncias superiores e valeu até abril, quando foi anulada pelo Supremo. O ex-presidente chegou a ficar preso por mais de 500 dias. Um dos donos da empreiteira contou à Justiça que o dinheiro que financiou a obra saiu de uma "caixinha de propinas" que a empresa disponibilizava para ser utilizada pelo PT e seus dirigentes. O processo criminal sobre o caso foi encerrado, mas a investigação fiscal prosseguiu. "Infere-se que o fiscalizado foi beneficiado pelas reformas, não fez o pagamento, razão pela qual os valores concernentes às mesmas devem ser considerados renda, que são tributáveis", diz o relatório da Receita, que anexa na representação notas fiscais e documentos que comprovam as transações.

O caso de Atibaia deu a Lula uma segunda condenação por corrupção. Depois de deixar o governo, o ex-presidente passava temporadas inteiras num sítio que supostamente pertencia a um sobrinho dele. Em 2015, VEJA revelou que a OAS também havia reformado a propriedade a pedido do

SP ARARAQUARA DRF FL 53

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil
Coordenação Geral de Fiscalização
Equipe Especial de Fiscalização 201512

Receita Federal

Art. 73. Conluio é o ajuste doloso entre duas ou mais pessoas naturais ou jurídicas, visando qualquer dos efeitos referidos nos arts. 71 e 72.

142. O fiscalizado omitiu rendimentos tributáveis na forma de bens e direitos oriundos de reformas pagas pela OAS no Apto. Triplex e no sítio Atibaia, conforme exaustivamente detalhado neste relatório. O mesmo era proprietário do tríplex e, com relação ao sítio Atibaia, foi beneficiado pelas reformas feitas no mesmo, haja vista que era usuário contumaz do imóvel e tais reformas só foram feitas devido a esse fato.

NELSON ALMEIDA/AFP

COBRANÇA Lula: livre das condenações por corrupção, ele ainda enfrenta milionários processos tributários. Documento da Receita mostra que "o fiscalizado omitiu rendimentos"

petista. As obras incluíram a construção de piscina, churrasqueira, lago para peixes, campo de futebol e a revitalização da sede. As investigações da Lava-Jato confirmaram as informações da reportagem. Os procuradores reuniram notas fiscais, comprovantes de pagamento, testemunhos e confissões de que a empreiteira, dessa vez em parceria com a Odebrecht, financiou as reformas com o aval do ex-presidente. Lula foi julgado e condenado a mais treze anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro. A sentença, assim como no caso do tríplex, também foi anulada neste ano pelo STF. A Receita Federal afirma que, independentemente disso, os crimes fiscais ficaram configurados.

"O fiscalizado omitiu rendimentos tributáveis na forma de bens e direitos oriundos de reformas pagas pela OAS no apartamento tríplex e no sítio Atibaia, conforme exaustivamente detalhado neste relatório. O mesmo era proprietário do tríplex e, com relação ao sítio Atibaia, foi beneficiado pelas reformas feitas no mesmo, haja vista que era usuário contumaz do imóvel e tais reformas só foram feitas devido a esse fato." Após o ex-presidente ser notificado pela Receita, sua defesa questionou a legalidade da cobrança, argumentando

FOTOS ANTONIO MILENA

SP ARARAQUARA DRF FL 12

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil
Coordenação Geral de Fiscalização
Equipe Especial de Fiscalização 201512

APARTAMENTO TRIPLEX

17. Os elementos constantes na ação penal 5046512-94.2016.4.04.7000/PR mostram de maneira cristalina que o contribuinte era proprietário de fato do "Apto. Triplex", no condomínio "Solaris" (antigo Residencial Mar Cantábrico), no município de Guarujá, SP.

"CAIXINHA" Tríplex: ficou demonstrado "de maneira cristalina" que o apartamento pertencia ao ex-presidente e reformas foram pagas por empreiteira

que os documentos utilizados pelos fiscais para embasar as acusações tiveram origem nos processos anulados pelo Supremo. As conclusões, portanto, seriam inválidas. "Essa cobrança se refere a tributos que teriam sido supostamente gerados em virtude da aquisição do tríplex e do sítio, só que tudo se baseia na Operação Lava-Jato, que foi anulada pelo Supremo", disse a VEJA Cristiano Zanin, advogado de Lula. O caso vai gerar um novo embate nos tribunais.

Para o ex-secretário da Receita Everardo Maciel, a decisão do Supremo que anulou as sentenças que condenaram Lula por corrupção não interfere nas ações de cobranças de dívidas fiscais do ex-presidente. Segundo ele, são assuntos distintos que tramitam em instâncias que não se confundem. "Mesmo que um ladrão seja perdoado num processo criminal, mesmo que eventualmente o crime tenha prescrito, o fruto do roubo tem de ser taxado. A questão tributária tem a ver com acréscimo patrimonial. Se houver acréscimo, paga-se o imposto. Ponto-final", explicou. Essa, aliás, não é a única pendência fiscal envolvendo o petista. No Tribunal Regional Federal, em São Paulo, a Receita cobra outros 15 milhões de reais em impostos supostamente devidos pelo ex-presidente. Os auditores apuraram que, ao deixar o governo, Lula se instalou na sede do instituto que leva o seu nome, recebeu doações de empresários, montou uma firma de palestras que lhe rendeu

SP ARARAQUARA DRF FL 50

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
Secretaria Especial da Receita Federal do Brasil
Coordenação Geral de Fiscalização
Equipe Especial de Fiscalização 201512

Receita Federal

128. Portanto, de acordo com os fatos narrados neste relatório e documentos acostados no processo, ficou claro que, no que concerne ao Sítio Atibaia:

128.1 Que foram efetuadas reformas e comprados objetos para atender interesses de Luiz Inácio Lula da Silva e de sua família, tendo em vista que o mesmo era usuário contumaz do imóvel.

128.2 Que as obras foram feitas pedido da esposa do fiscalizado, Marisa Leticia, sendo que o mesmo acompanhou o arquiteto responsável ao menos na sua primeira visita ao sítio, bem como o recebeu em São Bernardo do Campo para que este explicasse o projeto;

128.3 Que a OAS foi a responsável pelas reformas na cozinha no ano de 2014, feitas pela empresa Kitchens, no valor de R$ 170.000,00;

128.4 A execução da obra foi realizada de forma a não ser identificado quem a estava executando e em benefício de quem seria realizada;

LEÃO Sítio em Atibaia, também citado na fiscalização da Receita: construção, reformas bancadas por empreiteiras para atender o ex-presidente, "usuário contumaz do imóvel"

27 milhões de reais e, de novo, não recolheu os tributos devidos.

Na ação impetrada em São Bernardo do Campo, além de cobrar a dívida de 1,25 milhão de reais, a Fazenda Nacional solicitou a instauração de um processo penal contra o ex-presidente por sonegação. Segundo os fiscais, Lula agiu de maneira dolosa ao tentar "impedir ou retardar, total ou parcialmente, o conhecimento por parte da autoridade fazendária da ocorrência do fato gerador da obrigação tributária". Na representação, os fiscais também destacam que o ex-presidente participou de uma fraude com uso de laranjas para esconder as operações financeiras e, por essa razão, cometeu crime contra a ordem tributária. Somadas, as penas por esses delitos podem chegar a cinco anos de prisão. O cenário político brasileiro, de fato, é bastante complicado. Dos dois candidatos a presidente que lideram as pesquisas, um não sabe governar e flerta com um golpe; o outro já mostrou do que é capaz. ■

MURILLO DE ARAGÃO

INFINITO LOOPING NEGATIVO

O governo Bolsonaro precisa de cuidados intensivos

EM MEIO a um cenário de pandemia, surto inflacionário, desemprego em alta, crise hídrica e desafios fiscais no Brasil, o 7 de Setembro nos revelou que a maior preocupação do presidente Jair Bolsonaro é com o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Seria justo considerar que todos os demais problemas do país são menos importantes do que a conduta do ministro? E, a partir daí, pregar a desobediência às leis e às decisões judiciais, estimular bloqueios e invasões de prédios públicos?

Custa crer que um governo que se apresentou como amparado nos valores da disciplina e da hierarquia possa admitir a desordem como solução para impasses institucionais. No entanto, a questão vai mais além.

Pouco antes do 7 de Setembro, conversei com autoridades dos três poderes e expoentes do empresariado. Recolhi informações e impressões relevantes, como a de que não há, por parte dos círculos mais íntimos da República, uma noção clara da divisão de competências entre os poderes. Nem do que realmente sejam as regras do jogo político dentro das "quatro linhas" da Constituição.

> "Alguns em Brasília vivem em um hiper-realismo sustentado por autoengano e narrativas enviesadas que levam à tomada de decisões erradas"

Alguns em Brasília vivem em um hiper-realismo sustentado por autoengano e narrativas enviesadas que levam à tomada de decisões erradas, como estimular a desobediência às leis. Parece que sofrem de afasia de Wernicke, distúrbio neurológico que afeta a capacidade da fala a partir da dificuldade de se apreender o que acontece a seu redor. Nas pessoas que sofrem dessa doença as palavras vêm em sequência, mas não fazem sentido. No nosso caso, fazem sentido somente para aqueles que não sabem como o sistema e as instituições funcionam.

Voltando ao ponto inicial, atacar o ministro Alexandre de Moraes sem seguir os ritos causa efeitos amplos e trágicos em toda a nossa sociedade. Os resultados no mercado financeiro pós-7 de Setembro já agravaram o custo da instabilidade e das agendas, com o dólar disparando e a bolsa caindo, investimentos sendo adiados e a credibilidade do país sendo demolida.

Para o governo, tal custo poderá ser fatal. Ainda que não ocorra o desembarque do Centrão do Palácio do Planalto, o custo de apoiar Jair Bolsonaro tem subido exponencialmente. Assim como a possibilidade de que ele seja traído politicamente e, mais adiante, abandonado. Aliás, como se sabe, o apoio entre os políticos é igual ao amor cantado por Vinicius de Moraes: infinito enquanto dure.

Como Brasília não é apenas palco do possível — visto que em política até o impossível acontece —, três cenários, grosso modo, podem se desdobrar após as manifestações promovidas por Bolsonaro no 7 de Setembro. Primeiro: não acontecer nada e a tensão institucional se limitar a escaramuças retóricas. Segundo cenário: ocorrer um agravamento dramático da cena política com Bolsonaro isolado e, até mesmo, inviabilizado. Terceiro: haver uma conciliação de Bolsonaro com a base e o sistema a partir da atuação dos "bombeiros de plantão".

Nossa democracia não está na UTI. Já o governo Bolsonaro, está a demandar cuidados intensivos. E, apesar de tudo, parece que o presidente ainda não percebeu que está dentro de um infinito "looping negativo", como disse o presidente da Câmara, Arthur Lira. E levando o país junto com ele. ■

MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL

Com o discurso aloprado de Jair Bolsonaro, a equipe econômica, que já enfrentava dificuldades na Câmara, no Senado e no Judiciário, agora tenta salvar sua agenda de projetos do naufrágio

VICTOR IRAJÁ E **FELIPE MENDES**

Posicionado na segunda fileira de autoridades que acompanhavam o presidente da República, Jair Bolsonaro, na cerimônia de hasteamento da bandeira no Dia da Independência, o ministro da Economia, Paulo Guedes, participou apenas da parte mais simbólica e protocolar do 7 de setembro, ao lado do chefe do governo. Nos eventos seguintes, enquanto colegas de ministério seguiram ao lado de Bolsonaro em seus discursos incendiários em Brasília e São Paulo, Guedes se manteve afastado. No fim daquele feriado tumultuado, o responsável pela gestão econômica do país sabia que seu trabalho daqui para a frente havia ficado muito mais complicado, ou mesmo impossível.

Ao se manter afastado das diatribes autoritárias de Bolsonaro, Guedes tentou se preservar e manter a pauta econômica longe dos delírios presidenciais. O ministro sabe que o acirramento da crise política é péssimo para a economia e prejudica a atração de investimentos cruciais para o país em sua retomada pós-pandemia. "Quem está ganhando dinheiro em dólar no exterior nem pensa em trazer o dinheiro para o país, justamente por causa dessa instabilidade", diz um auxiliar do ministro. Pelos cálculos do próprio governo, a cotação natural da moeda americana seria de 4,50 reais, e não os 5,30 reais alcançados na quarta-feira 8 — alta de 2,93% desde segunda 6, a maior desde junho de 2020. O Ibovespa caiu 3,78%, algo que não se via desde março, quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se tornou elegível.

Dias antes da confusão verde e amarela patrocinada por Bolsonaro, os desafios de Guedes já se mostravam complexos. O seu aliado Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara, conseguiu a aprovação da reforma do imposto de renda, uma vitória notável para uma medida polêmica, bombardeada por economistas, mercado financeiro e tributaristas. Apesar de a reforma ter sido apresentada pela equipe de Guedes, o texto foi bastante modificado em sua tramitação por deputados próximos de Lira, que nego-

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

LIDERANÇA Lira, presidente da Câmara: ele passou a ditar a agenda

INDEPENDÊNCIA
Pacheco, do Senado: difícil reaproximação com o Ministério da Economia

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

WASHINGTON COSTA/ASCOM/ME

SOBRARAM PROBLEMAS Paulo Guedes: projetos alvejados pelos discursos incendiários do presidente

ciou diretamente as mudanças com os congressistas, sem realizar nenhuma consulta ao ministro ou a sua equipe — mesmo com os pedidos feitos nesse sentido por Guedes.

Poucas horas antes da conquista de Lira na Câmara, outra medida cara a Guedes, a minirreforma trabalhista, havia sido abatida no Senado, presidido por Rodrigo Pacheco (DEM-MG). Os dois movimentos quase que simultâneos ilustram quanto o prestígio de Guedes se agastou em um cenário pouco favorável. Além de ter de lidar com a vaidade de Lira que tenta se projetar como novo artífice da agenda econômica, há a resistência de Pacheco, cujo nome começou a ser cotado como um possível candidato à Presidência nas eleições de 2022. Após o destempero de Bolsonaro contra os seus opositores, o clima ficou ainda mais azedo. "Pacheco se tornou um inimigo e já é alvo das tropas bolsonaristas", avalia o jurista Miguel Reale Jr., autor dos pedidos de impeachment dos ex-presidentes Dilma Rousseff e Fernando Collor. Não à toa, horas depois dos acontecimentos de terça-feira, o senador cancelou a agenda semanal do Senado, alegando que o momento não era propenso para a discussão de nenhum projeto.

Em princípio, a decisão pode contribuir para os ânimos arrefecerem. Mas, do ponto de vista da economia, o presidente do Senado deixa explícito o rigor que será dispensado aos projetos governistas. "Aprovamos recentemente a capitalização da Eletrobras, a nova Lei de Licitações e a nova Lei de Falências. Vamos avaliar nos próximos dias a privatização dos Correios e o marco legal das ferrovias. A única condição é a boa qualidade da agenda econômica", disse Pacheco a VEJA. "Se for bom, aprovamos. Se não for, rejeitamos, com a independência própria de uma Casa de quase 200 anos." Em uma tentativa de consertar o estrago, o líder do governo no Senado, Fernando Bezerra (MDB-PE), passou a manhã de terça reunido com Pacheco. Fez um apelo para que a Casa agilizasse os projetos de autoria de Guedes. Disse a pessoas próximas ter "a impressão de que será atendido". Aliados de Pacheco, porém, apontam

ser nula a chance de a reforma do IR prosperar no Senado.

O pior é que a batalha de Guedes no Senado nem deve ser a mais complicada das que terá pela frente. Ele precisa encontrar uma solução jurídica para a obrigação do pagamento de quase 90 bilhões de reais em precatórios, dívidas judiciais, que vencerão em 2021. O valor é 40 bilhões de reais superior ao deste ano e inviabilizará qualquer investimento maior em um momento decisivo para o governo. Sem o dinheiro, o grande projeto para levantar a popularidade de Bolsonaro, o aumento do Bolsa Família, se torna extremamente complexo.

O caminho mais fácil para desarmar a bomba seria um acerto com o Supremo Tribunal Federal (STF), a instância mais atacada por Bolsonaro em seus discursos. O presidente do STF, ministro Luiz Fux, vinha articulando junto ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e ao Tribunal de Contas da União (TCU) para repassar parte dos pagamentos de precatórios para anos posteriores. Hoje essa solução parece remota. A alternativa anterior de Guedes era uma proposta de emenda constitucional (PEC) de parcelamento das dívidas, que já foi mal recebida pelo Congresso. Sem saída dentro do Orçamento, o maior risco, segundo o Ministério da Economia, envolve o não cumprimento do teto de gastos, que em última análise pode levar o presidente a ser acusado de irresponsabilidade fiscal, o que o coloca na zona de risco do impeachment. Manter a distância da confusão no dia 7 de setembro foi um sinal de equilíbrio do ministro. Mas vai ser preciso muito mais que isso para salvar seu projeto econômico já bastante desfigurado. ■

A DEMOCRACIA DE BOLSONARO

Ele imagina ter poderes dos líderes de países totalitários

O PRESIDENTE Jair Bolsonaro tem reiterado seu compromisso com a democracia e as regras da Constituição, mas se contradiz com ações que denunciam projetos autoritários e golpistas. Além disso, seus ataques a juízes do Supremo Tribunal Federal (STF) e a inédita petição para que o Senado decretasse o impeachment do ministro Alexandre de Moraes — rejeitado pelo presidente da Casa — ferem princípios de independência e harmonia entre os poderes, que são inerentes à democracia.

Bolsonaro mostra não entender como funcionam as instituições nem os limites de seus poderes. Daí dizer que "eu sou a Constituição", "com minha caneta tudo pode acontecer" e por aí afora. Invoca equivocadamente o artigo 142 da Carta Magna, que versa sobre as atribuições das Forças Armadas, imaginando que os militares poderiam apoiá-lo na aventura de um golpe. Nessa mesma linha, declarou que estaria "nas mãos das Forças Armadas, o poder moderador", do qual derivaria "a certeza de garantia de nossa liberdade, da nossa democracia e o apoio total às decisões do presidente para o bem da nação". E foi além: "Democracia e liberdade só existem quando as Forças Armadas assim o querem".

> "O presidente revelou ter dificuldades para entender como funcionam as instituições"

O poder moderador, idealizado pelo escritor francês Benjamim Constant (1767-1830), era o principal entre os cinco que ele propôs. Podia sobrepor-se aos demais, cabendo-lhe promover o equilíbrio dos outros quatro. A Constituição brasileira de 1824 o incorporou como o quarto poder. O imperador podia dissolver a Câmara de Deputados, nomear e demitir ministros de Estado. O poder moderador não consta da Carta de 1988.

O voto livre é elemento essencial da democracia, mas esta não pode ser definida com precisão. Na acepção etimológica, democracia é o governo do povo. A Wikipedia cita estudo que identificou 2 234 formas de descrever a democracia na língua inglesa. O cientista político Rafael Cortez prefere definir a democracia como "o regime em que governos perdem eleições". Baseia-se em estudos de outro cientista político, o polonês Adam Przeworski. Aqui voltamos a Bolsonaro e à sua insistência no voto impresso, sem o qual "não vai ter eleição em 2022". A proposta, sabe-se, foi derrotada no Congresso. Ele revelou, outra vez, a dificuldade de entender a extensão de seus poderes. A matéria é constitucional, e não de ato presidencial.

No fundo, para o presidente, a democracia lhe permitiria intervir no sistema político e no STF (como já deu a entender) ou usar a caneta para emitir atos que extravasam sua competência formal. Máxima ironia, sua interpretação se aproxima de paradoxos encontráveis em regimes comunistas. Por exemplo, a Alemanha Oriental se denominava República Democrática Alemã. A Coreia do Norte, notável pela sobrevivência do regime, intitula-se República Popular Democrática da Coreia. Mao Tsé-tung definia o comunismo da China como "democracia ditatorial". Os poderes que Bolsonaro pensa ter são os de líderes de países totalitários. ■

MARLON COSTA/FUTURA PRESS

UM PÉ ATRÁS Decepção no comércio: com a renda comprometida, o consumidor mantém distância das compras

FESTA FRUSTRADA

O governo contava com o aumento dos gastos entre os brasileiros para acelerar a economia, uma expectativa demolida pela perda de poder aquisitivo e pela inflação **LARISSA QUINTINO**

DISTANTE das tensões políticas, dos ataques às instituições e dos discursos inflamados, o mundo real se impõe. É um universo composto de hábitos corriqueiros, como fazer compras no supermercado ou no shopping center, comer fora de casa, usar um aplicativo de transporte, abastecer o tanque do carro ou ainda buscar momentos de lazer, atividades banais que têm impacto substancial sobre a economia. Infelizmente, esse Brasil real está mais pobre — e poucos acreditavam que isso poderia acontecer. A pandemia provocou uma tragédia sanitária sem precedentes e cobrou um preço altíssimo dos brasileiros, mas, uma vez equacionado o problema da imunização da população, a retomada prometia ser forte. Era o que os números indicavam no começo do ano, mesmo com a pancada da segunda onda da Covid-19.

Os dados referentes à atividade econômica no país durante o segundo trimestre, divulgados na semana retrasada, entretanto, materializaram uma surpresa desagradável, com uma redução de 0,1% do PIB no período. Já era esperado que a indústria e a agricultura desacelerassem, por causa da falta de matérias-primas, no primeiro caso, e de uma forte seca, no segundo. Mas essas perdas deveriam ser compensadas pelo consumo das famílias, em especial, com o avanço da vacinação e com o aumento da mobilidade das pessoas. Não é o que tem acontecido. Um estudo da consultoria Kantar Worldpanel mostra que o consumo dos brasileiros recuou 6% entre abril e junho deste ano em relação ao mesmo trimestre do ano passado, quando o país ainda estava em estado de choque com a chegada do novo coronavírus.

Mas, então, o que aconteceu? O sentimento atual na população é de perda de poder aquisitivo, com o custo de vida disparando. Isso está claro em alguns dados recém-divulgados. A massa salarial dos brasileiros, que é a soma de todos os recursos oriundos do trabalho, ficou em 215,5 bilhões de reais mensais no segundo trimestre deste ano, uma queda de 1,7% em relação ao mesmo período do ano passado, ápice da pandemia, quando o valor era de 219,2 bilhões de reais. O mais surpreendente é que isso ocorreu ainda que com uma leve diminuição do desemprego. Ou seja, mesmo com mais gente sendo remunerada, o acumulado dos salários pagos a todos os brasileiros caiu.

Pode até parecer um contrassenso ou uma impossibilidade matemática. Mas esse fenômeno insólito atende por um nome bastante conhecido do brasileiro, e que muitos achavam que tinha ficado no passado: a inflação. O aumento de preços da economia, alimen-

JOÁ SOUZA/FUTURA PRESS

ENERGIA CARA Posto de gasolina: o preço do combustível disparou

tado pela alta do dólar, dos combustíveis, dos alimentos e da energia, chegou a 9,68% em doze meses e está corroendo o poder de compra das famílias. "O país está gerando empregos com remuneração muito baixa, sobretudo ocupações informais, em um cenário como era visto antes da pandemia. Soma-se a isso essa inflação brutal, e o resultado é a diminuição do poder de compra geral", explica José Pastore, especialista em relações do trabalho e professor da FEA-USP. Na comparação entre o fim de 2019 e o segundo trimestre deste ano, o recuo na renda média do brasileiro é de 9,4%, segundo um estudo feito pelo economista Marcelo Neri, da FGV Social. O impacto desse fenômeno é ainda maior entre as pessoas mais pobres, que sofreram uma perda de renda de 21,5%, algo que acaba afetando a economia do país como um todo. "Há uma grande mudança de cenário, que é o desemprego associado com a inflação. É natural que, com o aumento dos preços, você prejudique o volume de vendas", aponta Elen Wedemann, CEO da Kantar Worldpanel. "O bolso do consumidor é um só e ele precisa fazer escolhas."

Para pagar as contas do dia a dia, o brasileiro passou a mexer em reservas de poupança, que haviam crescido durante a pandemia devido às medidas restritivas. Em agosto, os saques da caderneta de poupança superaram os depósitos em 5,46 bilhões de reais, de acordo com dados do Banco Central, o primeiro resultado negativo desde abril. Os recursos poupados eram a grande aposta do governo para salvar 2021, já teriam potencial para impulsionar os serviços, o maior setor do PIB e o que mais emprega. "Esse uso das poupanças estimula um crescimento do setor no ano, mas já há tendência de reversão em um futuro próximo", afirma Carlos Thadeu, economista-chefe da Confederação Nacional de Serviços (CNC). "O aumento de juros para conter a inflação tende a ter efeitos em 2022", avalia. No próximo dia 22, o Banco Central deve decidir a nova taxa básica de juros, a Selic, e o mercado financeiro aposta em uma nova alta, a quarta consecutiva.

Tal mudança de cenário afetou até mesmo os ânimos do ministro da Economia, Paulo Guedes, que vinha comemorando conquistas como o aumento da arrecadação de impostos — em princípio, um bom sinal da retomada da economia. Ele agora admite a pessoas próximas que o ritmo de crescimento já não é mais o que vinha se desenhando e que o clima entre os empresários também foi afetado. Infelizmente para o presidente Jair Bolsonaro, a economia real não responde positivamente a declarações bombásticas. Pelo contrário, elas estimulam a alta do dólar, que impacta a inflação, causando mais perda de renda. O Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getulio Vargas, já prevê nova queda de 0,1% no PIB do terceiro trimestre, o que caracterizaria uma recessão técnica no Brasil. É um desastre que parecia praticamente impossível apenas algumas semanas atrás. ■

MAIS POBRES

O dinheiro das famílias brasileiras no último ano

MASSA SALARIAL REAL DO BRASIL

(em bilhões de reais)

219,2

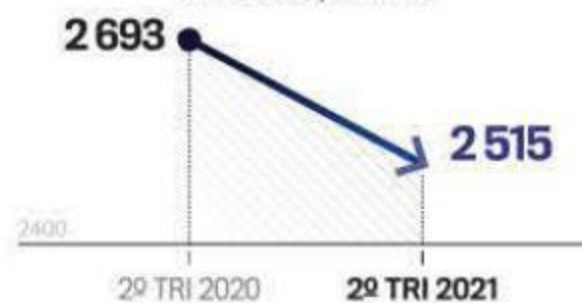
215,5

200 BILHÕES

2º TRI 2020

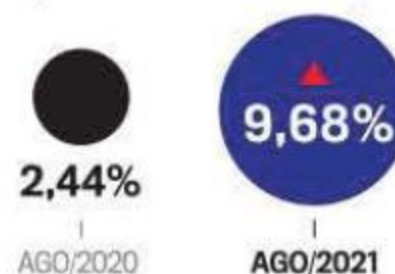
2º TRI 2021

RENDIMENTO MÉDIO DOS SALÁRIOS

(em reais, por mês)

POPULAÇÃO OCUPADA

(em milhões de pessoas)

INFLAÇÃO

(acumulada de 12 meses)

ÍNDICE DE CONSUMO DENTRO E FORA DO LAR

(em pontos)

Fontes: *IBGE e Kantar Worldpanel*

APOSENTADORIA A discreta Merkel: retirada voluntária do governo e do Parlamento, conforme anunciou em 2018

O FIM DE UMA ERA

Angela Merkel sai de cena e deixa a dúvida: será que alguém conseguirá, como ela, ser uma das vozes mais potentes e respeitadas do mundo sem uma gota de carisma e ostentação?

JULIA BRAUN

ENROLADO Laschet: o nome da situação não decolou

ESPERANÇOSO Scholz: imitação de Merkel na campanha

Eleita dez vezes seguidas a mulher mais poderosa do mundo, Angela Merkel está de saída do governo da Alemanha. Após quase dezesseis anos no cargo, a chanceler não será candidata a nada nas próximas eleições, em 26 de setembro, e vai se aposentar da política aos 67 anos — a primeira chefe de Estado alemã a se retirar voluntariamente. "Quero usar meu tempo para ler mais e quem sabe até permitir que meus olhos se fechem quando estiver cansada, sem grandes preocupações", disse recentemente, admitindo, no entanto, que não vai ser fácil se acostumar a ter suas tarefas "executadas por outra pessoa".

CLEMENS BILAN/EPA/EFE

A transferência de poder marcará um ponto de inflexão crucial na Alemanha, que sob o comando de Merkel se tornou mais rica, mais diversa e mais poderosa economicamente. Também provoca ondas de choque na Europa e no resto do mundo desde que ela anunciou, ainda em 2018, a decisão de deixar o Parlamento e a liderança de seu partido, a União Democrata-Cristã (CDU), depois de imprimir na diplomacia global sua marca de negociadora inabalável na busca de compromissos viáveis. "Uma geração inteira não conhece outra realidade que não a de Merkel no poder. Sua saída representa a interrupção de um longo período de estabilidade e confiança por parte da sociedade", diz Reimut Zohlnhoefer, cientista político da Universidade de Heidelberg.

Contribui para a incerteza quanto aos rumos da Alemanha interna e externamente o fato de os dois candidatos mais cotados para o cargo de chanceler não serem... bem, não serem uma Merkel. A aposta inicial da CDU tinha sido em outra mulher, Annegret Kramp-Karrenbauer, a AKK, escolhida a dedo pela chanceler. AKK chegou a assumir a liderança do partido, mas se mostrou extremamente inábil e acabou renunciando. Sobrou para Armin Laschet, governador da Renânia do Norte-Vestfália, que não tem carisma, comete gafes e, ainda por cima, se saiu muito mal na resposta às inundações históricas que arrasaram sua região em julho. Nas últimas pesquisas, ele aparece 5 ou 6 pontos porcentuais atrás do atual ministro das Finanças e vice-chanceler, Olaf Scholz, líder do Partido Social-Democrata (SPD). Mais à esquerda, o SPD formou com a CDU uma coalizão de governo ao longo de todo o pós-guerra. Agora, Scholz — que também não encanta ninguém e é acusado de imitar Merkel até nos gestos — acena com a possibilidade de fazer alianças com outras legendas caso saia vitorioso. Preocupada, a chanceler desistiu da neutralidade e mergulha na campanha por Laschet, que, segundo ela, conduzirá "um governo que levará nosso país para o futuro, com moderação".

Discreta e rodeada de um círculo reduzido de assessores de confiança, Merkel foi alçada ao mais alto posto da política alemã aos 51 anos, apadrinhada por Helmut Kohl, o "chanceler da reunificação", após a queda do Muro de Berlim. Formada em química e física, casada e sem filhos, tornou-se a primeira mulher, e a primeira pessoa nascida na antiga Alemanha Oriental, a governar o país. Seu jeito calmo e até passivo de lidar com problemas, evitando confrontos, cedendo aqui e ali e alinhavando acordos, rendeu muitas piadas e apelidos, como o famoso Mutti, que quer dizer "mãe", mas com uma pontinha de desdém. Seu nome também entrou para o vocabulário: *zu merkeln* define situações em que alguém age de forma hesitante. Essa postura pragmática, porém, foi essencial para que Merkel sobressaísse nas maiores crises do século XXI.

HOSBAS/ANADOLU/GETTY IMAGES

CANSAÇO Manifestação contra *lockdown* em Berlim: a pandemia desgastou o apoio da população ao governo

Logo nos primeiros anos de governo, a chanceler, na condição de líder do país mais rico, conduziu a União Europeia com sucesso pelo tortuoso labirinto da derrocada do euro e o colapso do sistema financeiro global de 2008. Em 2015, já firme na posição de voz mais potente da Europa, tomou a difícil decisão de acolher 1,4 milhão de refugiados do Oriente Médio e da África em seu país, enquanto os vizinhos erguiam cercas de arame e barreiras de todo tipo à entrada das multidões que fugiam de guerras e da pobreza. Mais recentemente, atuou nos bastidores para impedir que a saída do Reino Unido da UE abrisse uma brecha fatal para a existência do bloco e que a postura beligerante de Boris Johnson exaltasse ainda mais os ânimos e as hostilidades no doloroso processo de concretização do Brexit.

PANOS QUENTES Johnson, o cruzado do Brexit: a ação de Merkel impediu um estrago maior na União Europeia

DOMINIC LIPINSKI/PA IMAGES/GETTY IMAGES

Merkel marcou um tento no começo da pandemia: com a aplicação vasta e eficiente de testes e um sistema de saúde azeitado, a Alemanha em um primeiro momento registrou números de contágio e mortes de dar inveja ao mundo todo. Boa parte desse prestígio, no entanto, desmoronou à medida que a segunda e a terceira ondas tomavam conta da Europa e os alemães saíam às ruas para reclamar de novas e rigorosas quarentenas — a certa altura, uma multidão, insuflada por apoiadores de Donald Trump, ameaçou invadir o Parlamento em Berlim. De novo à frente de duras negociações, a chanceler conseguiu aprovar um pacote de mais de 1,5 trilhão de

euros para tirar as economias do bloco do abismo econômico cavado pelo novo coronavírus. "Não exagero quando digo que este é nosso momento mais difícil nos últimos quinze anos", disse em seu discurso de fim de ano em 2020.

Sob Merkel, a Alemanha avançou em termos sociais e ambientais, com a aprovação do casamento gay, a adoção de um salário mínimo nacional, a drástica decisão de fechar todas as usinas nucleares e projetos visando uma economia de carbono zero. No mundo da diplomacia, engoliu antipatias e estabeleceu o diálogo com chefes de Estado controversos, como o turco Recep Erdogan, o ex-presidente americano Donald Trump e o russo Vladimir Putin. "Ela é fluente em russo e se tornou a única líder ocidental a travar um diálogo direto e aberto com Putin", diz Klaus Schubert, analista da Universidade de Münster. Nos últimos anos, foi vista em ocasiões públicas tremendo descontroladamente, mas insistiu que não tinha nenhum problema de saúde sério e seguiu em frente — entre outras coisas, pondo uma alemã de sua confiança, Ursula von der Leyen, à frente da Comissão Europeia, o órgão executivo da UE. Pesquisas mostram que, dentro e fora da Alemanha, Merkel é admirada por ser contida, cautelosa, metódica, pragmática e evasiva. Laschet e Scholz tentam agora passar a mesma imagem na campanha pelo cargo de chanceler, com muito menos talento. Não espanta que o jornal *Die Welt* tenha levantado, em manchete, a questão: "Será esta a eleição mais chata de todos os tempos?". Certo é que a senhora de franja, terninho e salto baixo, sem nada de excepcional na aparência e na postura, vai fazer muita falta. ■

VILMA GRYZINSKI

BIDEN E O PARADOXO DO PODER

Eleitos por seus méritos, poderosos perdem inibições ao chegar lá

"NÃO EXISTEM governos perfeitos. Uma das maiores virtudes da democracia, no entanto, é que seus defeitos são sempre visíveis e, em processos democráticos, podem ser apontados e corrigidos." A frase é de Harry Truman, um dos sujeitos mais humildes a se tornar presidente dos Estados Unidos. Ao vice apagado que assumiu o lugar do gigantesco Franklin Roosevelt coube uma sequência quase inacreditável de decisões, como mandar jogar duas bombas atômicas no Japão, encerrar o último capítulo da II Guerra Mundial, abraçar a política de contenção do comunismo e, por causa dela, colocar os Estados Unidos na Guerra da Coreia. Diante dessa definição tão honesta e simplória das imperfeições dos governos e do exemplo de jogo limpo deixado por Truman, seria recomendável a Joe Biden que parasse de fazer a imitação de grande líder que tem tentado emplacar e apertasse o comando de reiniciar. A oratória repetitiva, os lugares-comuns e o tom defensivo dos últimos discursos só ressaltam a limitação de seus recursos intelectuais e, contraditoriamente, a fraqueza da posição em que colocou a si mesmo ao decretar que a saída do Afeganistão deveria ser feita da maneira desastrosa como aconteceu.

"O presidente deixou entrever reações coléricas, inconsistências morais e até indiferença"

Nos momentos piores, o presidente deixou entrever reações coléricas, inconsistências morais e até indiferença pelo destino de cidadãos americanos que não foram resgatados a tempo ou mesmo indiferença pelos treze militares mortos por um homem-bomba no aeroporto de Cabul. O modo como ficou olhando o relógio a cada caixão que desembarcava contradisse dolorosamente a figura pública cujo "atributo principal é a empatia", na definição entusiástica de seu chefe de gabinete, Ron Klain.

Como um político matreiro, com quase meio século de experiência em todos os corredores do poder em Washington, que adora conversar, consolar e — na era anterior à atual — abraçar eleitores (e eleitoras), pode tomar atitudes tão prejudiciais a si mesmo? Uma das explicações é que talvez a persona pública que ele construiu não coincida com a personalidade revelada em particular, de temperamento irritadiço, obsessão por detalhes e inapetência para assumir a responsabilidade pelos erros.

Outra explicação poderia ser o "paradoxo do poder", a hipótese formulada por Dacher Keltner, professor de psicologia de Berkeley, sobre o efeito desinibidor do poder. "Incontáveis estudos mostram que escolhemos os indivíduos mais modestos e generosos para nos liderar", diz um de seus adeptos, o historiador holandês Rutger Bregman. "No entanto, assim que eles chegam ao topo, em geral o poder lhes sobe à cabeça — e boa sorte para se livrar deles depois disso." Segundo Bregman, os detentores do poder agem como se fossem portadores de um distúrbio chamado sociopatia adquirida e são "mais impulsivos, autocentrados, negligentes, grosseiros e arrogantes que a média". Também têm menos vergonha, "não manifestando aquele fenômeno de expressão facial que torna os homens únicos entre os primatas". Não ficam vermelhos. Eleito por causa da imagem de político correto e equilibrado, sem a estridência de Trump, Biden certamente não é o único a perder a imagem que o levou à Casa Branca — e a capacidade de corar de vergonha. ■

JEFF CHIU/AP/IMAGEPLUS

EM CAMPANHA O democrata Newsom: apelos ao eleitorado desmotivado

MARCIO JOSE SANCHEZ/AP/IMAGEPLUS

MARCAÇÃO CERRADA

Na Califórnia, é possível eleger uma pessoa e, no meio do caminho, removê-la do cargo em um referendo. O governador Gavin Newsom vai ter de passar pelo teste **CAIO SAAD**

IMAGINE eleger o prefeito, o governador, até o presidente, e, tempos depois, considerando que a pessoa não está fazendo o trabalho direito, ter ferramentas para tentar tirá-la do cargo e pôr outra no lugar — pelo voto. É exatamente o que vai acontecer na Califórnia: na terça-feira 14, os eleitores vão às urnas decidir se o governador democrata Gavin Newsom, que ganhou de lavada (62%) a eleição de 2018, fica ou vai embora. Mesmo que atraente, esse tipo de referendo, conhecido como *recall*, é bem pouco usado mundo afora, sendo os Estados Unidos seu palco mais frequente. Como tudo nos últimos tempos, o *recall* de Newsom caiu no fosso da polarização que divide o país ao meio, virou ponto de honra dos republicanos e está chacoalhando os meios políticos no estado mais consistentemente democrata de toda a federação.

A reclamação principal contra o governador é sua atuação na pandemia, que os promotores da ação consideram excessiva por haver imposto fechamento de escolas e negócios e rigoroso *lockdown* — aquelas medidas ancoradas em amplas evidências científicas que, mesmo assim, os negacionistas acham bobagem. Os críticos também condenam o grande aumento da população de rua, atribuído ao preço da moradia, e a projetos de Newsom em favor de imigrantes sem documentos. Pegou muito mal, ainda por cima, o jantar com lobistas de que ele participou em um restaurante estrelado, todo mundo sem máscara, em plena pandemia, quando convocava a população a não sair de casa.

Sendo o *recall* californiano o mais fácil de ser convocado, por exigir um número de assinaturas de apoio igual ou maior que 12% do comparecimento da disputa anterior, os republicanos, capitaneados pelo ex-policial Orrin Heatlie, se mobilizaram nas redes sociais para levar o projeto adiante — em meio à desmotivação geral do lado democrata. Beneficiado por uma extensão do prazo (por causa da Covid-19), o abaixo-assinado caminhou e o referendo virou realidade. Pior: as pesquisas — que, diga-se, já foram bem mais confiáveis — apontam pouca diferença nas intenções de voto. “O entusiasmo republicano é grande. Mas só um em cada quatro eleitores registrados

CLIMA DE FESTA Manifestação de republicanos: pressão pelo *recall*

no estado é do partido e, para ganhar, vão precisar dos independentes", explica David McCuan, professor de política americana na Universidade Sonoma State, na Califórnia.

No referendo, os eleitores respondem a duas perguntas: 1) se Newsom deve sair; e 2) se sim, quem deve sucedê-lo. São 46 esperançosos, todos amadores na política, e o favorito é o conservador Larry Elder, locutor de programas de rádio que já chamou o aquecimento global de "besteira" e acha que o valor do salário mínimo deve ser "zero vírgula zero zero". Nascido na democracia da Grécia Antiga, o *recall* consta da legislação, federal ou regional, de diversos países como Argentina, Peru, Equador e Japão, mas é considerado, entre as práticas democráticas, a mais raramente usada. Na própria Califórnia, a única vez que um governador foi tirado do cargo se deu em 2003: o democrata Gray Davis foi substituído pelo ator Arnold Schwarzenegger, que daí deslanchou uma carreira política.

Preocupado com os números das pesquisas, o Partido Democrata convocou um pelotão digital para disparar meio milhão de mensagens por dia incentivando os eleitores a votar no dia 14. Californiana, a vice-presidente Kamala Harris marcou presença em um comício e Joe Biden também pode comparecer. "Não duvidem nem um segundo: este *recall* tem tudo a ver com a capacidade do Partido Democrata de manter o controle da Câmara dos Deputados em 2022. O 'não' será ouvido em alto e bom som não só no estado, mas no país inteiro", alerta Newsom.

Embora a Califórnia tenha 22 milhões de democratas registrados e aptos a votar e Biden tenha tido lá quase o dobro de votos de Donald Trump, o governador se ressente neste momento da má vontade de uma fatia essencial: os latinos, que compõem 30% do lado democrata e estão insatisfeitos com o desemprego e outros efeitos da pandemia, mais profundos na sua comunidade. "O *recall* da Califórnia é a coisa mais importante que acontece na política americana neste momento", afirma o veterano estrategista Garry South. Neste fim de verão escorchante, com seca e incêndios florestais nunca vistos, uma crise política era só o que faltava na Califórnia. ■

PRÓXIMO CAPÍTULO: FANTASIAS SEXUAIS

Tirem as crianças da sala. Com a liberdade que só uma plataforma de streaming proporciona, a segunda parte da novela global *Verdades Secretas* promete elevar à décima potência a já faiscante voltagem sexual da trama de Walcyr Carrasco. "Praticamente todas as fantasias que uma pessoa pode ter estão ali", anuncia **GUILHERMINA GUINLE,** 47 anos, no conforto do novo e bem menos vibrante perfil de sua personagem, uma empresária de sucesso que já não vê tanta graça no amante, promovido a marido. "Não tenho problema com cenas ousadas e fiz várias na outra versão. Mas fácil não é. Por sorte, desta vez escapei", diz a atriz, que jura jamais haver recorrido a dublês.

INSTAGRAM @GUILHERMINA

FESTIVAL DE INCERTEZAS

MATT BARON/SHUTTERSTOCK

Catapultados à fama em séries contemporâneas de tremendo sucesso, **ANYA TAYLOR-JOY,** 25 anos, a enxadrista obcecada de *O Gambito da Rainha*, e **MATT SMITH,** 38, o marido de outra rainha, a britânica Elizabeth, em *The Crown* (quase irreconhecível com sua cabeleira escura), entraram para o rol dos mais comentados nas redes sociais ao desfilar – bem – juntos pelo Festival de Veneza, lindos, elegantes e esbanjando olhares românticos e carícias sem ter fim. Em três aparições para divulgar o filme de terror em que ambos atuaram, *Last Night in Soho*, os dois circularam abraçadinhos, ele sempre com o braço em volta da cintura dela, ela ajeitando os cabelos revoltos dele, deixando a nítida impressão de que haviam passado a formar, como se diz em inglês, um item. Encerrada a temporada de publicidade veio a decepção: ainda em Veneza, Anya foi fotografada na sacada de seu hotel aos beijos com o namorado, o músico e ator Malcolm McRae. Vai entender.

NOVOS ENCONTROS PELA VIDA

INSTAGRAM @ELIMAITEPROENCA

INSTAGRAM @ADRIANACALCANHOTTO

Com a vida social voltando aos poucos, novos pares vão se formando. Nesse roteiro se encaixam duas famosas: a atriz **MAITÊ PROENÇA,** 63 anos, e a cantora **ADRIANA CALCANHOTTO,** 55, vêm circulando juntas em jantares, reuniões, rodas de violão e pequenos encontros nas casas dos muitos amigos que já tinham em comum, numa relação de admiração mútua que vai além da amizade pura e simples – e isso não é segredo para quem convive com as duas. "Elas formam um casal e parecem bem felizes", resume uma pessoa próxima. Discreta, Maitê desconversa quando perguntada sobre seu relacionamento com a cantora, iniciado há poucos meses. "Não sou muito de abrir a minha intimidade, prefiro preservar alguns assuntos", disse a VEJA.

LARGADO À PRÓPRIA SORTE

SAUL LOEB/AFP; ALEXANDRIA SHERRIF'S OFFICE

Não há quem não se lembre de **JACOB CHANSLEY,** peito tatuado desnudo, bandeira americana pintada no rosto, arranjo de pelo e chifres na cabeça, lança em punho, desfilando pelo Capitólio com ares de bárbaro vitorioso na luta contra políticos vendidos ao marxismo cultural. Pois foi com outra figura, sem fantasia nenhuma, e com outra postura, bem mais moderada, que Chansley, 34 anos, declarou-se culpado de obstrução de ação oficial (uma infração menor, conforme acordo prévio) e acatou a previsão de pena de 41 a 51 meses de prisão – a sentença definitiva sai em novembro. Preso desde 9 de janeiro, três dias depois da invasão do Congresso por apoiadores de Donald Trump, o xamã, como gosta de ser chamado, se diz decepcionado com o ex-presidente, de quem esperava defesa mais contundente. ■

AO INFINITO E ALÉM

A ciência avança na compreensão de como os recursos tecnológicos e médicos poderão estender os limites da longevidade para até 200 anos. E o melhor: com qualidade de vida

GIULIA VIDALE E **LUIZ FELIPE CASTRO**

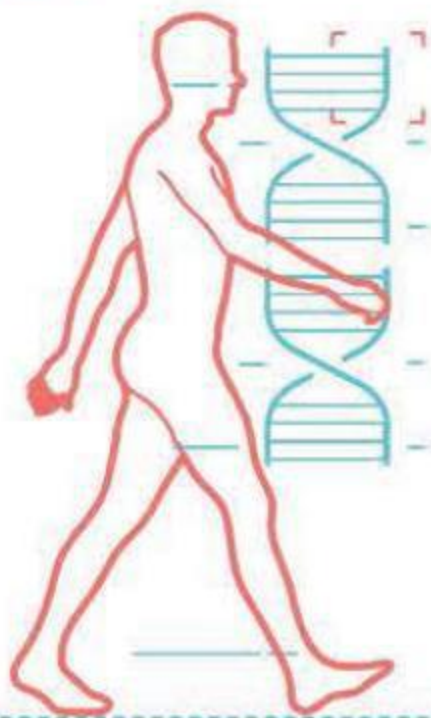
A vida eterna é um desejo irrefreável do ser humano. Há 2 000 anos, o imperador Qin Shi Huang, o primeiro da dinastia Qin, na China, tentou alcançar a imortalidade ao ingerir pílulas de mercúrio. Ironicamente, morreu envenenado. No século XVI, o conquistador espanhol Juan Ponce de León navegou pelos novos mundos em sucessivas expedições que buscavam a fonte da juventude. Como se sabe, ele não a encontrou. Em pleno século XXI, a ânsia para ludibriar a finitude não diminuiu. Agora, contudo, ela conta com poderosa aliada: a ciência. A busca por formas de retardar o envelhecimento representa um dos movimentos mais fascinantes da medicina. A diferença é que, ainda que estejamos longe de combater por completo os efeitos inevitáveis do relógio biológico, nunca estivemos tão perto. "A primeira pessoa a viver até 200 anos já nasceu", assegura o pesquisador Sergey Young, autor do livro recém-lançado *The Science and Technology of Growing Young* (ainda sem tradução para o português), que em poucas semanas já entrou para a lista dos mais vendidos nos Estados Unidos.

Aos 49 anos (aparenta bem menos), Young — sobrenome adotado ao emigrar da Rússia para os Estados Unidos — diz ter como missão mostrar que é possível estender para patamares extraordinários a expectativa de vida de até 1 bilhão de pessoas. Ele vai além. A longevidade não seria somente um fim em si, mas estaria

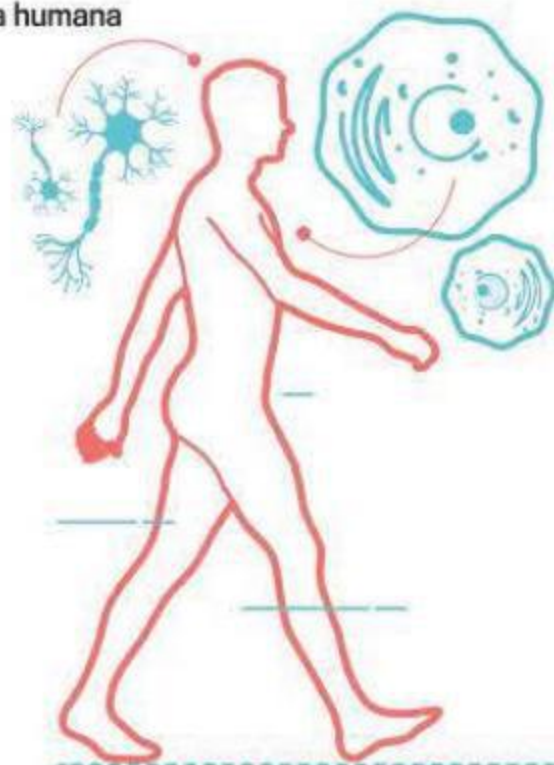
LONGA CAMINHADA

Os quatro fatores-chave que poderão prolongar a existência humana

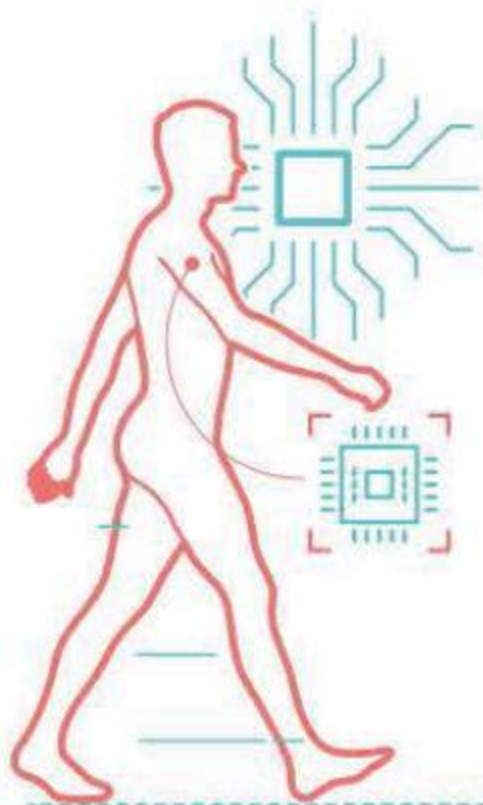
1. ENGENHARIA GENÉTICA

Por menos de 200 dólares, já é possível realizar exames genéticos que previnem doenças hereditárias e a probabilidade de câncer. Com a tecnologia da edição genética, a ciência desativará genes associados a doenças e amplificará aqueles que prolongam a saúde

2. MEDICINA REGENERATIVA

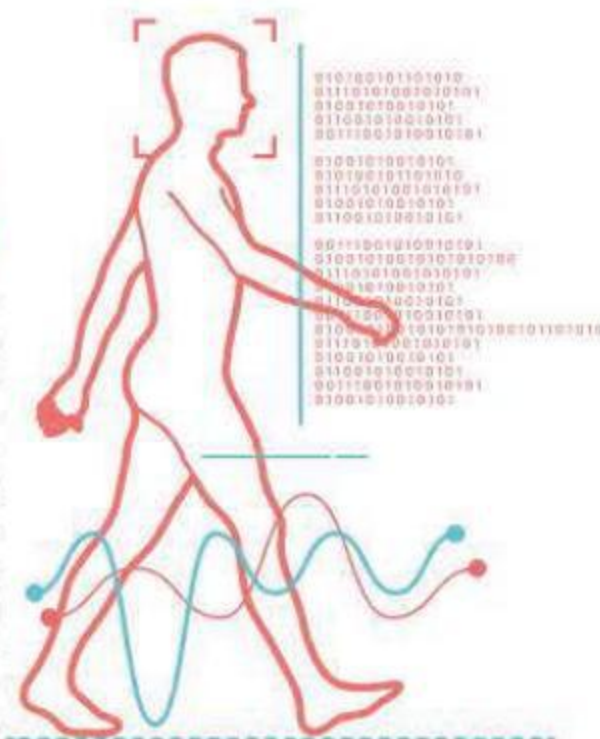
Terapias com células-tronco preservam a função cardíaca, além de tratar lesões espinhais, diabetes e sintomas de Alzheimer. A bioengenharia moderna já utiliza sensores para restaurar a visão e exoesqueletos mecânicos permitem que paraplégicos se movimentem. Inovações nessa área deverão ganhar impulso

XAVIER ARNAU/GETTY IMAGES

SAUDÁVEIS Adeus ao sedentarismo: as doenças ligadas ao envelhecimento podem ser controladas com atividade física

3. IMPLANTES CIBERNÉTICOS

O diagnóstico precoce de doenças chegará a quase 100% de precisão com o implante de dispositivos eletrônicos na pele. A ferramenta identificará futuros problemas de saúde e indicará seu respectivo tratamento. Graças à tecnologia, o corpo humano será monitorado 24 horas por dia

4. INTELIGÊNCIA DE DADOS

A inteligência artificial e o big data possibilitarão a criação de enormes bancos de dados sobre os pacientes. O atendimento à saúde será personalizado de acordo com as necessidades de cada um, extinguindo os diagnósticos equivocados

CULTURE CLUB/GETTY IMAGES

CLÁSSICO Struldbrugs em *As Viagens de Gulliver*: condenados à imortalidade

acompanhada do que realmente interessa: a possibilidade de humanos centenários desfrutarem a plenitude da existência. Não faria sentido, diz este gestor de recursos obcecado por pesquisas, estudos e fórmulas matemáticas que retratem de alguma maneira o prolongamento biológico, viver muito, mas mal, e ultrapassar os 100 anos sem se sentir saudável. Em sua recente obra, que levou três anos para ser concluída, Young aponta os notáveis avanços que permitiriam aos humanos chegar aos dois séculos de vida *(veja o quadro na pág. 60)*. Não há no livro nenhuma informação bombástica ou fórmula milagrosa. O trabalho dele se propõe, e de forma bem-sucedida, a reunir as principais tecnologias da ciência e da medicina nesse campo.

As descobertas biomédicas, em especial as que estão ligadas à genética, são consideradas a principal maneira de aumentar substancialmente a longevidade. Tome-se como exemplo a terapia CAR T-Cell. De maneira simplificada, ela consiste na transferência dos genes de uma molécula para outra. Para ficar mais claro: um paciente com câncer poderia ter suas células de defesa reprogramadas. Depois de modificadas, elas são capazes de destruir alguns tipos de tumores. O inovador tratamento já está disponível na Europa e nos Estados Unidos, e provavelmente logo será adotado em escala global, evitando que milhares de vidas sejam perdidas.

A medicina regenerativa é outro fator que certamente elevará o tempo e a qualidade de vida dos humanos. Nessa área, há façanhas que até pouco tempo atrás pareciam obra de ficção científica. Recentemente, médicos britânicos deram enorme passo para curar uma forma comum de doença ocular associada à idade. Ao usar células-tronco, eles restauraram a visão de pacientes com degeneração macular. Ainda mais fantástico é o desenvolvimento de órgãos artificiais. A chamada bioimpressão em 3D permitirá, por exemplo, a produção de tecidos hepáticos em laboratório, e não é difícil imaginar o impacto que a inovação causará no prolongamento da vida. Apenas nos Estados Unidos, dezessete pessoas morrem por dia à espera de um transplante.

UTOPIA Benjamin Button: personagem vivido por Brad Pitt nasceu velho e morreu jovem

O livro de Young também aponta os principais entraves para viver mais. Entre eles, a ausência de uma abordagem mais preventiva do que reativa e, claro, os hábitos ruins de boa parte da população. "As doenças ligadas ao envelhecimento podem ser controladas por políticas públicas direcionadas a quatro fatores de risco: má alimentação, falta de atividade física, consumo excessivo de álcool e tabagismo", afirma o gerontó-

PARAMOUNT PICTURES

logo Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil. Apesar do papel irrefutável dos bons hábitos para expandir a duração da vida, prevenção e monitoramento são, em essência, o nome do jogo. "O diagnóstico precoce é o grande segredo", reforça Carlos André Freitas dos Santos, coordenador do Programa de Envelhecimento Ativo da Unifesp. "Nós ainda tendemos a cuidar do problema apenas depois que ele aparece."

PASCAL PARROT/SYGMA/GETTY IMAGES

RECORDISTA Jeanne Calment (1875-1997): francesa fumava e bebia, mas viveu até os 122 anos

Os debates acerca do limite da duração da vida humana são fascinantes. A maioria esmagadora dos seres humanos está geneticamente programada para morrer antes dos 100 anos, e até pouco tempo atrás isso parecia imutável. Um estudo recente publicado na revista *Nature Communications* indica que podemos viver, no máximo, até 150 anos — o humano mais próximo da marca hoje é a francesa Jeanne Calment, que chegou aos 122. Outra corrente, da qual Young faz parte, sugere que é incerto o limite da longevidade, e que certamente ela se estenderá muito. Um breve passeio pela história da humanidade permite certo otimismo. Na Renascença, quem vivia até os 30 anos podia se dar por satisfeito. A melhora do saneamento básico, o desenvolvimento de remédios e vacinas, o maior cuidado com a alimentação e a prática de atividades físicas fizeram a expectativa de vida mais do que dobrar em quatro séculos, chegando, na média, perto dos 70 anos atualmente. O número de centenários no mundo também aumenta sem parar: passou de 95 000, em 1990, para mais de 450 000, hoje em dia.

O único consenso entre os especialistas é que a longevidade precisa estar conectada à qualidade de vida. No clássico da literatura *As Viagens de Gulliver*, escrito em 1726 pelo irlandês Jonathan Swift, os struldbrugs, como são chamados os humanos imortais, são isolados do reino para viver em um lugar amargo e sombrio. Aos 90 anos, eles esquecem o nome dos amigos. Aos 200, não conseguem sequer reconhecer a língua do próprio país. São imortais biológicos, mas morreram para o convívio social. Quem gostaria de viver uma experiência triste como essa?

O caminho às avessas foi percorrido por Benjamin Button, personagem de um conto de F. Scott Fitzgerald interpretado no cinema por Brad Pitt. Button nasce velho e morre jovem, mas nem o relógio ao contrário foi capaz de aplacar a sua angústia. Agora, a destreza científica parece encontrar um caminho promissor — ser muito velho e saudável ao mesmo tempo. Isso, claro, é formidável. Talvez o humano que viverá 200 anos esteja por aí. Quem sabe seja você. ■

JÁ OUVI ISSO ANTES

Compositor brasileiro reúne provas para mover ação contra a cantora britânica Adele por plágio da música *Mulheres*, popularizada por Martinho da Vila **SOFIA CERQUEIRA**

A BATALHA que deve chegar à Justiça britânica daqui a um mês faz lembrar a briga de Davi contra Golias, com chance, como no embate bíblico, de o mais fraco surpreender e vir a fazer história, desta vez no reino fonográfico. De um lado do ringue está a gigante (só na fama, visto que perdeu 45 quilos) Adele, 33 anos, cantora britânica detentora de quinze Grammys, um Globo de Ouro, um Oscar e uma fortuna beirando os 200 milhões de dólares. Do outro, o músico mineiro radicado no Rio de Janeiro Toninho Geraes, 59 anos, de nome pouco conhecido do público, embora seja compositor requisitado no universo do samba e do pagode. No epicentro do enrosco se encontra um dos maiores sucessos de Geraes, a música *Mulheres* ("Já tive mulheres / de todas as cores / de várias idades / de muitos amores"), consagrada na voz de Martinho da Vila — que ele afirma ter sido plagiada por Adele na faixa *Million Years Ago,* do álbum *25,* lançado em 2015. "Fiquei estarrecido quando me dei conta. A melodia e a harmonia são iguais. É uma cópia escancarada", revolta-se o compositor.

Duas notificações extrajudiciais, às quais VEJA teve acesso, foram enviadas em maio a Adele, a Greg Kurstin (coautor da canção e seu produtor), à gravadora XL Recordings/Beggars Group e ao grupo Sony Music. No documento, os advogados de Geraes sustentam que, além da linha melódica, a artista e seu parceiro "se apropriaram das primeiras notas de introdução" e as reproduziram no início, refrão e final de *Million Years Ago*. Entre trechos idênticos, substancialmente semelhantes e "imitativos", as notifica-

CORTA E COLA

Muitos famosos já foram acusados de plágio, uma infração que a internet hoje facilita e expõe

BEATLES

Ao lançar *Abbey Road*, em 1969, foram acusados de copiar letra e melodia de *You Can't Catch Me*, de Chuck Berry, em *Come Together*. Acabaram chegando a um acordo sigiloso.

DIVULGAÇÃO

ROD STEWART

O artista britânico admitiu que de fato houve "plágio inconsciente" do refrão de *Taj Mahal*, de Jorge Ben Jor, na sua canção *Do Ya Think I'm Sexy?*. O caso foi resolvido extrajudicialmente.

PARECIDO DEMAIS
Adele: 88 compassos iguais aos de Toninho Geraes em três minutos da canção *Million Years Ago*

YUI MOK/PA WIRE/AP/IMAGEPLUS

ções contabilizam 88 compassos com indícios de cópia, somando três minutos e dois segundos, ou 87% da canção. Dos envolvidos, só a Sony Brasil emitiu resposta formal, informando que o assunto está nas mãos da gravadora inglesa e da própria Adele. "Nossa intenção era tentar um acordo, mas, diante do silêncio, recorreremos à Justiça", diz o advogado Fredímio Biasotto Trotta.

Denúncias de plágio já envolveram nomes como Beatles, Coldplay, Michael Jackson, Bob Dylan e Roberto Carlos, mas, desde o advento das redes sociais e das plataformas de streaming musical, achar coincidências suspeitas se tornou um exercício frequente. "Antigamente, mesmo grandes sucessos demoravam a vencer as fronteiras, quando venciam. Hoje, tudo ganha visibilidade rapidamente", diz Marcelo Castello Branco, CEO da União Brasileira dos Compositores. O sinal de alerta em relação a *Mulheres*, que estourou em 1995 e tem versões em francês e espanhol, surgiu por acaso. O tecladista Misael Hora, filho do maestro Rildo Hora, responsável pela orquestração da composição, estava em uma festa quando alguém pôs *Million Years Ago* para tocar. "Primeiro achei que era uma versão, mas fui pesquisar e vi que o crédito não aparecia", lembra Hora, que avisou Toninho Geraes.

Adele não está envolvida em polêmicas só no Brasil. A faixa *Hello*, do mesmo álbum *25*, é, para fãs do músico americano Tom Waits, cópia de *Marta*, de 1973. A própria *Million Years Ago* já foi acusada de ser parecida demais com uma composição do turco Ahmet Kaya e com *Hay Amores*, lançada em 2007 pela colombiana Shakira — o que leva a crer que Geraes pode ter mais imitadores mundo afora. Comprovar plágio, porém, é missão das mais ingratas, por se tratar de uma infração sem parâmetros claros. "Além de provar a semelhança, é preciso mostrar que o plagiador teve contato com a obra e agiu intencionalmente", frisa o advogado Cláudio Lins Vasconcelos, da Comissão de Direitos Autorais da OAB-RJ. A defesa de Geraes pretende mostrar que, em busca da boa forma, Adele ficou amiga da personal trainer paulista Camila Goodis e que o produtor Kurstin é pesquisador da música brasileira.

As provas reunidas podem destronar o caso de plágio que levou Rod Stewart e Jorge Ben Jor aos tribunais *(veja o quadro abaixo)*, nos anos 1970, como o mais emblemático envolvendo um brasileiro. Stewart admitiu ter se apropriado — deslavadamente, diga-se — de um refrão de Benjor, os dois entraram em acordo e o brasileiro passou a receber direitos autorais. Na maré de acusações recentes engrossada pela internet, a banda Radiohead jura que a cantora Lana Del Rey copiou a célebre *Creep* e Robin Thicke e Pharrell Williams tiveram de pagar 5 milhões de dólares aos herdeiros de Marvin Gaye por acordes idênticos em *Blurred Lines*. Em 2020, Katy Perry foi obrigada a desembolsar 2,7 milhões de dólares para o rapper Flame por copiar dezesseis segundos de uma composição sua na canção *Dark Horse*, mas conseguiu reverter a sentença e o outro lado está recorrendo. Já a banda Led Zeppelin se livrou em março de uma longuíssima ação que apontava *Stairway to Heaven* como plágio. Procurados por meio de seus empresários, nem Adele nem Greg Kurstin quiseram se manifestar. ■

DIVULGAÇÃO

KATY PERRY

A cantora americana teria se apropriado de trechos de *Joyful Noise*, do rapper Flame, em *Dark Horse*. Condenada a pagar 2,7 milhões de dólares, apelou e ganhou, mas Flame recorreu.

INSTAGRAM @KATYPERRY

CÉU DE BRIGADEIRO

Conforme caem as restrições aos turistas brasileiros, as companhias aéreas aumentam a oferta de voos para o exterior — mas a plena retomada ainda é uma incógnita **SABRINA BRITO**

BOAS NOTÍCIAS sopram de além-mar: os europeus estão reabrindo suas fronteiras para os brasileiros. Com isso, as companhias aéreas — até há pouco tempo voando por céus de incerteza — voltam a oferecer voos na esperança de suprir a demanda contida em mais de um ano de pandemia. É verdade que os efeitos colaterais do novo coronavírus, como a quebra da cadeia de suprimentos e a inflação dos combustíveis, ainda devem empacar a retomada até 2023, mas há sinais inequívocos de que o fluxo de passageiros está ganhando força, a começar pelos voos domésticos, que já estão bem próximos dos níveis pré-crise. "Deveremos encerrar o ano com 80% a 85% da oferta de voos que tínhamos antes", assegura Eduardo Sanovicz, presidente da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear). Segundo ele, espera-se que no primeiro trimestre de 2022 a normalidade retorne a esse segmento de negócios.

DECOLAGEM AUTORIZADA

Com turismo em alta, aéreas ampliam operações no Brasil e no mundo

Em julho, a demanda por voos domésticos aumentou **42,5%** em relação a junho, segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac)

A **Latam,** empresa brasileira com o maior número de rotas internacionais, aumentará a frequência de viagens para **Madri** e **Paris** de **três** para **quatro voos** semanais a partir de outubro

Em outubro, a italiana **Alitalia** voltará a voar entre **São Paulo** e **Roma,** enquanto a britânica **British Airways** reativará a ligação entre **Rio de Janeiro** e **Londres.** A portuguesa **TAP** e a francesa **Air France** também anunciaram a retomada das operações em território brasileiro

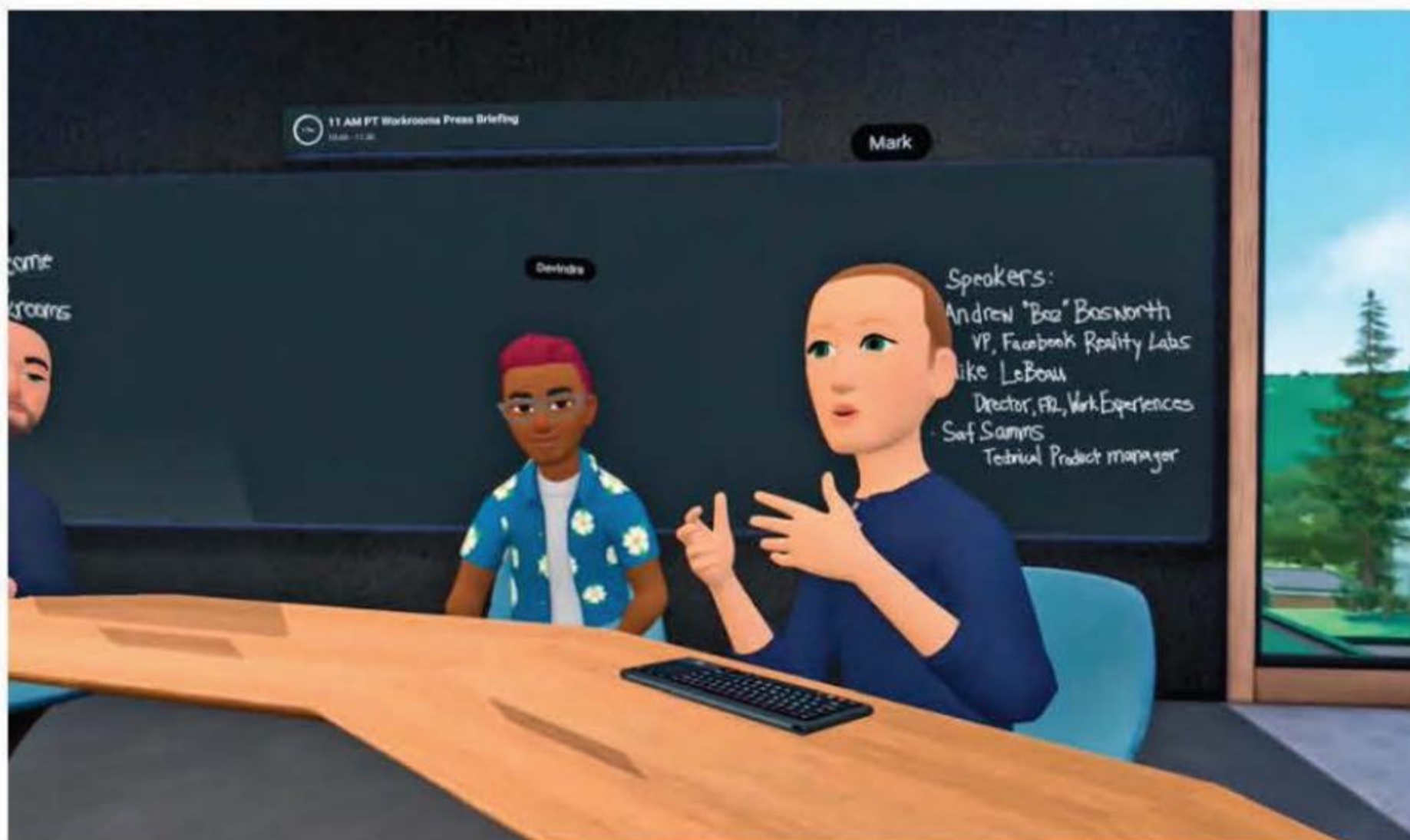
No contexto internacional, as linhas aéreas estão prontas para funcionar, mas cada país está indo em uma direção diferente quanto aos protocolos de chegada. O governo português anunciou a liberação para viajantes vindos do Brasil a partir de 1º de setembro, com reavaliação no dia 16. Para entrar no país, não é preciso fazer quarentena, mas será exigido o teste molecular RT-PCR negativo realizado até 72 horas antes do embarque ou o teste rápido de antígeno feito até 48 horas antes da viagem. Portugal faz bem em aliviar a burocracia, pois fatura bastante com o turismo, já que é um dos destinos preferidos dos brasileiros, recebendo cerca de 1,3 milhão de visitantes por ano.

Com o anúncio da reabertura, a TAP Air Portugal tratou de ampliar o número de voos, indo dos atuais 37 semanais para 52 até o fim de outubro. De acordo com dados coletados por VEJA, a brasileira Azul também registrou aumento na procura de Portugal como destino, enquanto a Latam reportou crescimento de 300% na busca por passagens aéreas assim que passou a ofertar mais voos para a capital, Lisboa. Ali ao lado, ainda dentro da Península Ibérica, a Espanha também está abrindo seus braços para os brasileiros, contanto que o turista esteja plenamente imunizado contra a Covid-19. O bom é que os espanhóis aceitam qualquer uma das vacinas atualmente usadas no Brasil, contanto que tenham sido aplicadas há pelos menos catorze dias e o viajante traga consigo o certificado original.

BRUNO ESCOLÁSTICO/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

NO EMBARQUE Perto da normalidade: a reabertura das fronteiras traz de volta o movimento ao saguão dos aeroportos

Enquanto grande parte da Europa vai removendo as barreiras de entrada, os Estados Unidos continuam praticamente imóveis. Quem estiver muito disposto a viajar para lá ainda tem de fazer um périplo capaz de testar até o mais paciente dos mortais. Para entrar em território americano, é preciso viajar primeiro a um outro país cuja fronteira com os Estados Unidos esteja abertas — o México, por exemplo — e passar uma quarentena de duas semanas no local. O México, por sua vez, não implementou restrições específicas a passageiros vindos do Brasil, o que pode facilitar as coisas.

Para acompanhar o movimento de reabertura gradual das nações, as aéreas nacionais ajustam o passo para vender mais voos internacionais. A Latam já tem aeronaves saindo de São Paulo rumo a Madri, Paris, Frankfurt, Montevidéu, Cidade do México, Cancún e Bogotá, e a frequência para França e Espanha deve aumentar em outubro. Entre as brasileiras, a única que ainda não retomou as viagens internacionais é a Gol, que pretende fazer isso só em novembro. As aéreas estrangeiras também estão marcando presença *(leia o quadro na pág. ao lado)*. "A retomada de todas essas rotas é muito importante para a indústria e para a economia brasileira como um todo", afirma Diogo Elias, diretor da Latam Brasil, que lembra que o transporte aéreo foi atingido em cheio pela crise. Marcelo Ribeiro, diretor da Azul, compartilha do otimismo, mas aposta na cautela: "Há interesse do brasileiro em viajar, mas o dólar e a variante delta ainda podem atrapalhar o setor". Os próximos três meses, portanto, serão determinantes para apontar como será o mercado em 2022. A torcida é para que a recuperação seja um voo de águia, forte e consistente, e não um sobrevoo de galinha. ■

FACEBOOK

FUTURO HÍBRIDO O avatar de Mark Zuckerberg na plataforma de reuniões do Facebook: rede social e home office 2.0

MUNDO INVENTADO

Com o avanço das tecnologias de realidade virtual, o metaverso — conceito forjado nos games e na ficção científica — começa a ganhar forma nas corporações **LUIZ FELIPE CASTRO**

IMAGINE um ambiente virtual no qual as pessoas de carne e osso seriam capazes de se socializar na forma de avatares, usando óculos de visão tridimensional, luvas e implantes neurais. Esse mundo, na verdade, já existe — pelo menos em sua configuração primitiva, ainda sem os dispositivos mais sofisticados. Games em rede nasceram e se desenvolveram em espaços virtuais controlados e, pouco depois deles, plataformas do tipo *Second Life* passaram a atrair usuários dispostos a ficar horas interagindo com estranhos. O que agora está tomando forma, entretanto, vai além: a humanidade pode estar no limiar da interação on-line plena, que responde pelo singular nome de metaverso.

JAAP BUITENDIJK/WARNER BROS.

VIRTUAL Cena de *Jogador Número 1:* as sensações ao redor do usuário

O termo metaverso foi cunhado há quase trinta anos pelo escritor americano Neal Stephenson em seu romance *Snow Crash*, de 1992, em que o protagonista passa de humilde entregador de pizza a príncipe samurai ao entrar no universo de algoritmos. Posteriormente, o filme *Matrix*, de 1999, bebeu da mesma fonte, mas foi o livro *Jogador Número 1* — e a superprodução cinematográfica derivada dele, de 2018 — que trouxe a ficção para perto da tecnologia palpável de hoje, ainda que a história se passe no ano de 2045. O personagem, como diz o título, é um jogador na realidade virtual, o que justifica a afirmação de que o metaverso foi moldado na indústria de games. *Second Life*, criado em 2003, talvez estivesse à frente de seu tempo, sem o suporte tecnológico para prosperar. Porém, depois que jogos de internet como *Fortnite* se tornaram fenômenos culturais, com milhões de usuários pelo mundo, o metaverso ganhou novo impulso, a ponto de entrar na mira de gigantes da tecnologia como o Facebook, que, na prática, dá sinais claros de que, no futuro, quer ser mais do que uma rede de exposição pessoal e de polêmicas.

A pandemia está dando o empurrão que as big techs precisavam para iniciar o metaverso 2.0. Reuniões virtuais por plataformas como Zoom e Google Meet se impuseram, mas, devido às evidentes limitações de interação, nasceu a busca por algo que atendesse às demandas do trabalho híbrido. Assim, o Facebook fez o primeiro teste da plataforma Horizon Workrooms, um espaço de encontros digitais. Usando óculos que não custam menos de 300 dólares, os participantes se conectam a um ambiente virtual e podem até se encontrar para um papo depois de levar uma dura do avatar do chefe. Quem diria que a primeira conquista do metaverso, depois dos games, seria uma burocrática reunião.

INFINITAS POSSIBILIDADES

O termo une o prefixo meta ("além", em grego) com a palavra universo e se refere a um mundo virtual que replica a realidade por meio de dispositivos tecnológicos

NO ESCRITÓRIO

A pandemia consagrou as videoconferências. No metaverso, será possível realizar reuniões tridimensionais com colegas num mesmo "ambiente" — um meio-termo entre o trabalho remoto e o presencial

NA ESCOLA

Avatares de professores e alunos poderão se transportar para os mais variados lugares e épocas. "Estando" lá, será mais fácil compreender os conflitos na Roma Antiga ou os mistérios do espaço sideral

NAS FÁBRICAS

Como já ocorre com simuladores de pilotos de avião ou de Fórmula 1, funcionários dos mais variados setores poderão realizar treinamentos em um ambiente virtual antes de se expor a maiores riscos

NO TEMPO LIVRE

Que tal fazer uma caminhada nos Alpes Suíços, assistir a um show musical dentro do Coliseu ou namorar no topo do Everest? Na realidade virtual, esses sonhos serão viáveis

Mark Zuckerberg, fundador e CEO do Facebook, diz que já vislumbrava esse universo desde 2014, quando comprou por 2 bilhões de dólares uma empresa de óculos de realidade virtual. Sem fazer nenhum esforço para esconder suas intenções, ele imagina que, em até dez anos, sua rede social hegemônica passará a ser um metaverso. Google, Microsoft, Samsung e Sony também investem bilhões de dólares no negócio e estudam criar um consórcio virtual, sem esclarecer do que se trataria isso.

Se parece loucura para um adulto nos seus 50 anos ficar plugado na internet com óculos 3D para participar de reuniões, é decisivo entender que as big techs estão mirando os jovens que serão profissionais em breve. Há pouco tempo, a imobiliária Republic Realm pagou 1 milhão de dólares para comprar um terreno virtual e construir um shopping dentro do game *Decentraland*. A grife de luxo italiana Gucci está lançando bolsas digitais no *Roblox* e até o remédio para ressaca Engov realizou ação de marketing no ambiente virtual. "Antes era uma coisa de nerds e geeks, mas agora o metaverso começa a ganhar um aspecto mais corporativo", afirma Edson Sueyoshi, vice-presidente da empresa digital R/GA. Segundo ele, foi aberta uma avenida semelhante à que os precursores cibernéticos singraram décadas atrás. Além disso, à medida que as tecnologias avançarem, as experiências sensoriais — hoje delimitadas a óculos — deverão se tornar cada vez mais reais, permitindo, por exemplo, viagens ao redor do mundo. Talvez ninguém saiba ainda como será a configuração do metaverso. O que se pode dizer é que a internet, em seus primórdios, era tida como uma plataforma de mensagens instantâneas, e só isso. À época, era difícil prever que uma rede global de computadores seria capaz de mudar tudo, do comércio ao entretenimento. ■

O FATOR HUMANO

Quatro civis foram treinados para entrar em órbita em uma missão inédita que tem como objetivo inspirar a humanidade a vencer desafios na Terra e no céu **SÉRGIO FIGUEIREDO**

FORMAÇÃO em ciências exatas. Saúde e condicionamento físico perfeitos. Carreira militar de piloto de jato na Marinha ou na Aeronáutica. Coragem e postura estoica diante do perigo. Esses eram os requisitos mínimos para fazer parte do quadro de astronautas da Nasa até cinquenta anos atrás e, mesmo hoje, muitas das exigências continuam valendo. O rigoroso processo de seleção da agência espacial americana buscava homens que emulassem os deuses da mitologia greco-romana e, não à toa, os programas recebiam nomes como Mercury e Apollo, divindades associadas à velocidade e à luz. No próximo dia 15, entretanto, os compêndios da exploração espacial terão de abrir um novo capítulo em suas páginas quando a SpaceX colocar em órbita, pela primeira vez na história, quatro cidadãos comuns escolhidos de forma a representar toda a humanidade.

A primeira tripulação civil em uma missão orbital foi batizada de Inspiration4, e suas origens são mesmo inspiradoras. Quatro histórias de vida se entrelaçaram para chegar a esse voo histórico, mas tudo começou com um sonhador, o bilionário Jared Isaacman. Pouco conhecido no Brasil, ele largou o colegial em 1999, com 16 anos, para criar uma empresa precursora em pagamentos digitais. Hoje em dia, metade das transações em restaurantes nos Estados Unidos é feita pela sua empresa, a Shift4. Mas o coração do empresário de 38 anos está em outro negócio: a maior companhia de treinamento de pilotos de caça do mundo, com acervo de 100 jatos. Mesmo tendo licença de voo, Isaacman sabia que, para ir de piloto a astronauta, precisaria da ajuda de outro bilionário, e ele não seria Richard Branson nem Jeff Bezos, que fizeram em julho os primeiros voos suborbitais comerciais. Isaacman não queria apenas subir e descer como uma pedra — seu desejo era orbitar a Terra, com uma tripulação de gente como ele, a 28 000 quilômetros por hora e 575 quilômetros de altitude, acima da Estação Espacial Internacional (ISS). E essa viagem somente Elon Musk e sua SpaceX poderiam proporcionar.

A empresa de Musk já transporta astronautas da Nasa à ISS, mas, desta vez, será diferente. Como não atracará na estação, a escotilha da cápsula Dragon foi substituída por um domo que dará visão ampla aos viajantes. O custo da adaptação consumiu apenas uma fração dos estimados 200 milhões de dólares que Isaacman pagou

SPACEX

A NAVE A cápsula Dragon com o domo na ponta: vista privilegiada do cosmo

JOHN KRAUS/INSPIRATION4

FLUTUANDO Sembroski, Hayley, Isaacman e Sian *(da esq. para a dir.)*: treinamento para o voo histórico

à SpaceX para usar o Falcon 9, foguete reutilizável que decolará do Cabo Canaveral, na Flórida. Para mostrar que a Inspiration4 não é um passeio turístico, a tripulação conduzirá experimentos por três dias até mergulhar no Oceano Atlântico. Além disso, Isaacman trabalha para levantar a mesma quantia gasta com a SpaceX a fim de doá-la ao hospital infantil St. Jude, no Tennessee. Dedicado à pesquisa da cura do câncer, o St. Jude já recebeu de seu benfeitor 100 milhões de dólares. O restante está vindo de doadores individuais e da cessão dos direitos de filmagem à Netflix, que está produzindo um documentário em episódios, parte deles já disponível no Brasil.

A escolha da equipe, por sinal, vale um documentário. Hayley Arceneaux, de 29 anos, foi diagnosticada com câncer nos ossos com 10 anos de idade. Ela encontrou a cura no St. Jude e hoje, mesmo usando prótese, trabalha como enfermeira para ajudar outras crianças no mesmo hospital. O engenheiro Chris Sembroski, de 42 anos, fez uma doação ao St. Jude e concorreu a um lugar a bordo. Ele não foi sorteado, mas acabou recebendo o bilhete de um amigo, que o indicou para seu lugar. A quarta integrante, com 51 anos, é a mais velha do grupo. Doutora em ciências, Sian Proctor se inscreveu na Nasa, mas não foi escolhida. No entanto, seu empreendedorismo lhe garantiu um atalho para o espaço. A cápsula Dragon é autônoma e dificilmente necessitará dos talentos de pilotagem de Isaacman, mas as quatro vidas que ela carregará a bordo vão inspirar outros civis a viajar ao espaço, ao mesmo tempo que o St. Jude lembrará a todos dos desafios que ainda precisam ser vencidos na Terra. ■

UM FALCÃO, UM DRAGÃO E QUATRO HUMANOS

Como o foguete reutilizável Falcon 9 e a cápsula Dragon adaptada colocarão os primeiros civis em órbita

PEGADA FORTE

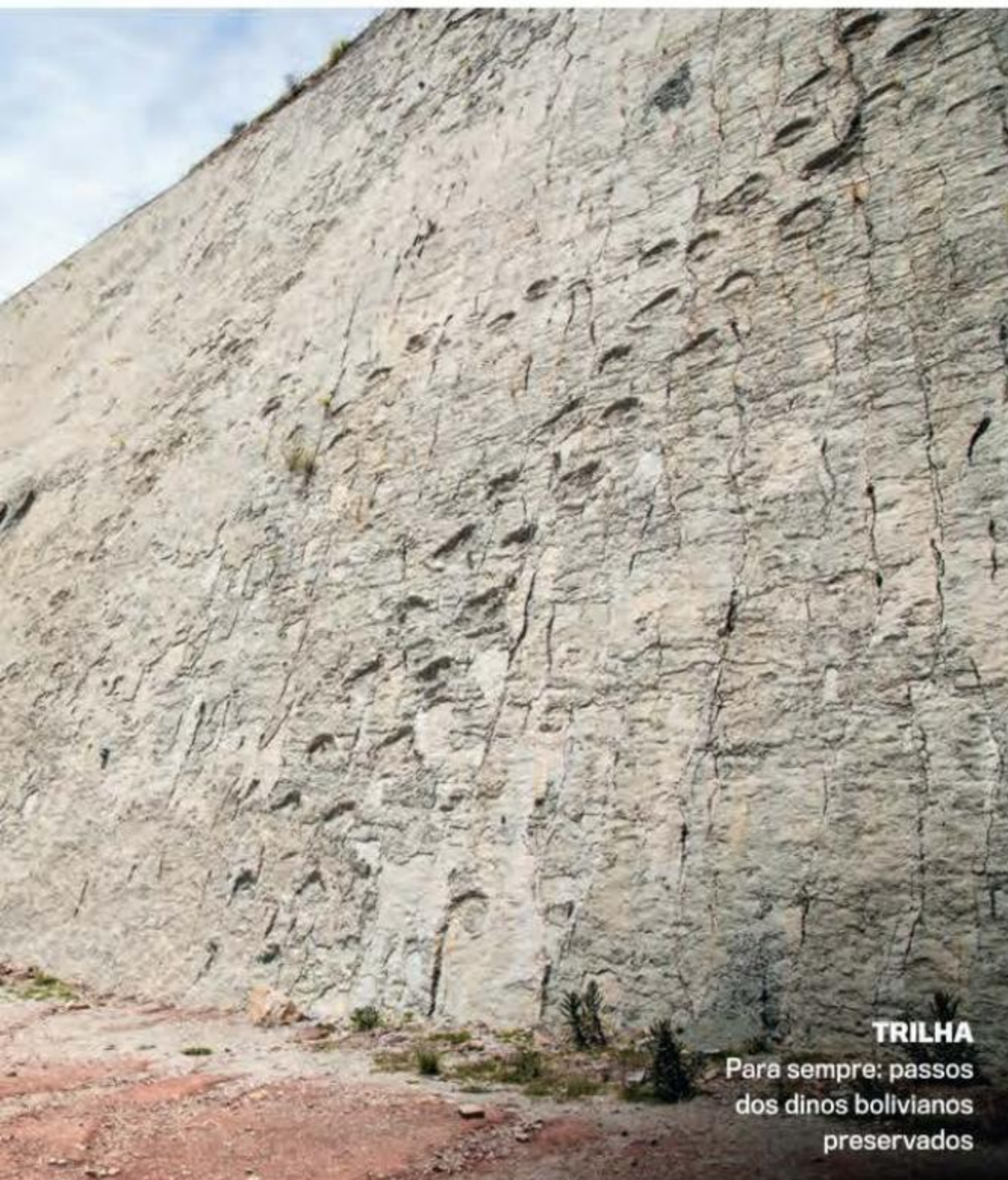
Nenhum lugar no mundo possui tantas marcas da passagem de dinossauros na Terra quanto a Bolívia, mas não há registro no país de fósseis completos **ALESSANDRO GIANNINI**

ENTRE AS várias áreas da paleontologia, ciência que investiga formas de vida no passado remoto da Terra, uma se destaca pela singularidade: a paleoicnologia. O termo complicado dá nome ao estudo das atividades biológicas dos organismos que viveram há milhares de anos. Digamos que, ao caminhar pelo planeta, um dinossauro cavou uma toca, desgastou alguma rocha ou fez suas necessidades na natureza. Se as condições geológicas forem favoráveis e os produtos dessas ações ficaram preservados pelo tempo, eles recebem o nome de icnofósseis. As pegadas deixadas por esses animais, fossem eles quadrúpedes gigantescos ou pequeninos bípedes, também se encaixam nessa classificação. Na América Latina, a Bolívia é o paraíso dessas impressões. Atualmente, contam-se 15 000 delas no país, um número sem paralelo no mundo.

Parte da rota migratória dos dinossauros no Cone Sul, as trilhas que se estendem por milhares de quilômetros no território boliviano foram percorridas na Era Mesozoica principalmente por saurópodes de pescoço longo, anquilossauros com espinhos e terópodes que andavam sobre duas pernas. Os locais por onde esses animais se deslocavam entre 252 milhões de anos e 66 milhões de anos atrás são Cal Orck'o, Maragua, Torotoro, Rio Caine, Parotani, Quila Quila, entre outros. As marcas deixadas pelos dinos bípedes, mais ágeis, se destacam e incluem desde pequenas pegadas que não chegam a 10 centímetros de extensão até enormes rastros com mais de 1 metro. Se é prolífica nesse tipo de vestígio pré-histórico, a Bolívia ainda não encontrou um fóssil completo de dinossauro para chamar de seu.

Para que sejam encontradas pegadas de dinossauros há a necessidade de afloramentos que exponham as superfícies por onde os animais caminharam. Não é algo fácil de se conseguir, pois a erosão, as condições climáticas e a vegetação alteram as rochas ao longo do tempo. Especialistas explicam que, na Bolívia, existe uma situação ideal para isso, pois as grandes montanhas, parte da Cordilheira dos Andes, expõem muitas camadas rochosas e, em geral, há pouca alteração dessas superfícies. "Apesar de a impressão das patas se preservar como molde, essas mesmas condições ambientais não são adequadas para a preservação de restos ósseos, pois eles se degradam rapidamente quando expostos ao ar", diz o paleontólogo Ismar de Souza Carvalho, professor do Departamento de Geologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No Brasil, o Vale dos Dinossauros, na região de Sousa, na Paraíba, também exibe vestígios da passagem desses bichos por suas relvas pré-históricas. Segundo Carvalho, trata-se de uma área em que as rochas ficam expostas ao longo dos leitos dos rios, secos na maior parte do ano. Já foram encontrados nesse município e em outros próximos, como Uiraúna e Brejo das Freiras, quase quarenta localidades com pegadas fósseis. Contam-se, segundo o paleontólogo, pelo menos 1500 pegadas de dinossauros e de outros grupos de répteis, isoladas ou formando trilhas. Os rastros pertencem aos grupos de terópodes, geralmente

FOTOS SHUTTERSTOCK

TRILHA Para sempre: passos dos dinos bolivianos preservados

NO RASTRO DOS GIGANTES

Os tesouros do território boliviano

ACERVO

15 000 pegadas

PERÍODO

Era Mesozoica

(252 a 66 milhões de anos atrás)

ESPÉCIES

Saurópodes de pescoço longo, anquilossauros com espinhos e terópodes bípedes

POTENCIAL ECONÔMICO Saurópode *(à esq.)* e anquilossauro *(acima)*: sítios paleontológicos podem se tornar atrações turísticas

carnívoros, além de saurópodes e ornitópodes, quase sempre herbívoros.

Embora a situação econômica do Brasil seja melhor do que a da Bolívia, o investimento em pesquisas desse tipo é precário em ambos os países. Entre os bolivianos, faltou dinheiro no pré-histórico governo de Evo Morales, devido à crise econômica. No caso brasileiro, o incentivo público às pesquisas vem sendo depauperado, com a aversão de Bolsonaro ao conhecimento. Para o paleontólogo Rodrigo Santucci, da Universidade de Brasília, é um erro, pois esses sítios paleontológicos poderiam se tornar fonte de renda turística. “Em Araraquara (SP), há muitas dessas pegadas, mas esses sítios acabam sendo abandonados ou destruídos”, diz. É uma pena. A ciência, afinal, não tem um fim em si mesma e pode servir como ponto de atração para outros setores. ■

ARQUIVO PESSOAL

TRANSFORMO ESCOMBROS EM MÚSICA

O bombeiro Davi Lopes, 51, converte a madeira queimada no incêndio do Museu Nacional em belos instrumentos

SOU MÚSICO DESDE CRIANÇA. Aos 10 anos, tocava saxofone e flauta. Também já gostava de passear pelo Museu Nacional, no Rio, minha cidade. Era fascinado por história e arqueologia. Mas aí cresci, fui vendo o que dava para fazer dentro da minha realidade e acabei entrando para o Corpo de Bombeiros, onde estou desde 1987. Assim que ingressei na corporação, adotei a marcenaria como hobby, fazendo portas e móveis. A música, porém, nunca me deixou e, um dia, me veio a ideia de coletar madeira dos escombros dos incêndios que ajudava a debelar e transformá-la em instrumentos. Sabia que precisava estudar, treinar, aprender. E como não havia luthiers no Rio naquela época, completei o tempo de serviço necessário para tirar uma licença remunerada e parti para São Paulo para fazer um curso e observar profissionais conhecidos em atividade. Na volta, me senti preparado para estrear meu próprio trabalho.

Eu não estava de plantão no dia do incêndio do Museu Nacional, o fatídico 2 de setembro de 2018. Mesmo assim, vesti o uniforme e corri para lá. Trabalhei madrugada adentro, concentrado no combate às labaredas que engoliam o prédio e no resgate do acervo. Não havia espaço para emoção naquele momento, só senso de dever: salvar o máximo que pudesse das chamas. Depois, sim, chorei. Continuei indo lá todos os dias e comecei a pensar no destino das madeiras ainda aproveitáveis. Era um material revestido de história, não podia ser desperdiçado. Foi quando recebi um e-mail oficial que dizia: "Ajude a reconstruir o Museu Nacional com a sua ideia". E ela apareceu. Encaminhei uma proposta de produzir instrumentos musicais com aquele monte de madeira — e foi aceita. Dei então início aos pedidos de autorização, porque, ainda que se tratando de escombros, continuava sendo patrimônio da União.

Junto com outras seis pessoas de diversas áreas empenhadas em trabalhar para reerguer o Museu Nacional, surgiu o Grupo Fênix, do qual fazem parte o cineasta Vinícius Dônola e o cantor Paulinho Moska, meu amigo. O objetivo é justamente pôr para a frente o projeto de converter a madeira queimada, aparentemente sem uso, em instrumentos musicais que podem trazer dinheiro e vir a ser preciosos para o renascimento do museu. Para mim, virou uma missão. A ideia de um documentário, que seria intitulado *Fênix: o Voo de Davi*, nasceu logo na primeira reunião e começamos a filmar desde os primeiros dias de labuta, mesmo sem patrocínio firmado, registrando a força-tarefa. Fomos retirando as madeiras — mogno, cedro, vinhático, peroba-do-campo, braúna, jacarandá — e catalogamos 100% do que coletamos, separando o que servia. O plano inicial era construir doze instrumentos e exibi-los em apresentações e shows para arrecadar recursos. Com a pandemia, só consegui fazer seis: violão de corda de aço, violão de corda de náilon, bandolim, cavaquinho, violino e viola caipira.

A divulgação do projeto teve padrinhos fora de série, que me causaram grande emoção ao tocar meus instrumentos, como Gilberto Gil e Paulinho da Viola. Uma honra. O projeto foi ganhando corpo, e a Globo adquiriu o direito de exibição do documentário *(disponível na Globoplay)*. Vamos agora oferecer os instrumentos em um leilão com renda revertida para o museu. Meu pai era cantor de coral e é uma pena que tenha morrido há dezoito anos, sem poder ver tudo isso. Ele ficaria comovido. Minha mãe, uma artesã talentosa, acompanha o andamento dos trabalhos com aquela sensação de que o caminho é bom. Depois do trágico incêndio, meu empenho é para reconstruir a joia carioca que vimos desaparecer. É a reedificação da vida a partir dos escombros, é renascer após as cinzas sem nunca recuar, como a Fênix da mitologia. ■

Depoimento dado a Marina Lang

DELÍCIAS DE LABORATÓRIO

Pratos com carne feita em impressora 3D, frango produzido com células cultivadas e laticínio animal free chegam ao mercado e dão uma ideia do que comeremos no futuro **GIULIA VIDALE**

INSTAGRAM @MOSA_MEAT

A INDÚSTRIA alimentícia, em especial a de produtos de origem animal, deu outro passo na sua empreitada para aumentar as ofertas de produtos que têm cara de futuro e gosto de presente. Depois das carnes e laticínios com base em plantas, a onda agora são hambúrgueres, filés, nuggets e proteína do leite feitos em laboratório, tornando desnecessários a criação e o abate de animais. Em alguns lugares, pratos com esses ingredientes são realidade. No fim do ano passado, Singapura se tornou o primeiro país a autorizar a venda de carne cultivada e experimentar os nuggets de frango feitos pela empresa americana Eat Just. Em Israel, a SuperMeat abriu um restaurante onde oferece sanduíches de frango criado a partir de um punhado de células em troca de feedbacks sobre o produto. Nos Estados Unidos, estão à venda sorvetes produzidos com proteínas lácteas feitas por fungos geneticamente modificados da Perfect Day.

No Brasil, a carne cultivada pode estar disponível entre 2024 e 2025. No início do ano, a BRF, uma das maiores empresas de alimentos do mundo, anunciou investimentos na startup israelense Aleph Farms, conhecida por fazer bifes de células ani-

NÃO DÁ PARA VER DIFERENÇA
O hambúrguer feito com carne cultivada em laboratório a partir de células-tronco retiradas de vaca tem aparência, aroma, textura e gosto idêntico ao que leva um bom corte de carne tradicional, segundo quem já provou

INSTAGRAM @PERFECTDAYFOODS

LEITE SEM VACA

Este sorvete foi fabricado com proteína láctea produzida em laboratório pela startup Perfect Day a partir de fungos geneticamente modificados. Não leva uma gota de leite de vaca. O produto já está à venda nos Estados Unidos

É O QUE PARECE

Salada com frango cultivado servida no restaurante Madame Fan, em Singapura. O local é o primeiro do mundo a assumir o compromisso de substituir o frango convencional pelo à base de células-tronco uma vez por semana, em horários fixos

INSTAGRAM @GOODMEATINC

mais. A Aleph foi a primeira a desenvolver um ribeye cultivado e bioimpresso em 3D. O então primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu provou a iguaria e gostou. "É deliciosa e livre de culpa", avaliou Netanyahu na ocasião. A fabricação dos ingredientes é fruto de processos tremendamente sofisticados. A carne é feita a partir de uma pequena quantidade de células-tronco extraídas dos animais por meio de uma biópsia. Células-tronco ainda não são especializadas. Ou seja, não são células musculares ou cerebrais, por exemplo. Por isso, podem ser transformadas em células que dão origem a uma grande variedade de tecidos. No caso das retiradas dos bois, são estimuladas a se especializarem em fibras de tecido muscular bovino. Em até trinta dias, elas estão no ponto. Os laticínios são produzidos por microrganismos geneticamente modificados para secretar proteína de leite idêntica à encontrada no alimento vindo das vacas.

Essa indústria tenta suprir a demanda por proteína animal com menos impacto ambiental. A pecuária é responsável por 14% das emissões mundiais de gases de efeito estufa a cada ano, e a produção de leite contribui com 4%. "Queremos construir uma cadeia da produção de alimentos mais sustentável, saudável e que seja capaz de nutrir um número crescente de pessoas", diz Gustavo Guadagnini, presidente do The Good Food Institute (GFI) Brasil. Porém, um estudo da Universidade de Oxford alerta que, dependendo do tipo de energia utilizada nos laboratórios de carne, por exemplo, o ganho obtido com a redução de metano (gás associado ao efeito estufa produzido em quantidade expressiva por bois e vacas) pode ser superado a longo prazo pelas emissões de CO_2 que resultam do processo. Objeções a esse tipo de alimento incluem ainda o uso de organismos geneticamente modificados, no caso dos laticínios, e de células-tronco, nas carnes. Hoje, no entanto, os principais entraves à ampliação do acesso aos produtos são a regulamentação, o custo e a capacidade de produção em escala. Mas a indústria trabalha para superá-los. "Há dezoito meses, o quilo da carne cultivada custava 1 000 dólares. Agora está em torno de 150 dólares. Nossa ambição é que em dois a três anos, quando chegarmos ao mercado, esteja entre 35 e 40 dólares o quilo", diz Marcel Sacco, vice-presidente de Inovação da BRF. A continuar o desgoverno na economia, os brasileiros daqui a pouco pagarão pela carne tradicional o mesmo que custará a cultivada. ■

PROTEÇÃO Hábito: usar capacete reduz a chance de traumatismo

PERIGO NO PEDAL

Estudo americano mostra que lesões na medula espinhal são mais frequentes em acidentes com ciclistas. No Brasil, as ocorrências sobre duas rodas cresceram 30% **SIMONE BLANES**

ANDAR DE BICICLETA é uma paixão mundial e também um meio cada vez mais popular de transporte. Até por essa razão, ganha especial relevância a conclusão a que chegaram pesquisadores da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, que se dedicaram a descobrir qual a prática esportiva que mais eleva o risco de ocorrência de lesões na medula espinhal. Depois de analisarem informações sobre as causas de ferimentos medulares em mais de 80 000 adultos, os cientistas constataram que 12 000 casos foram resultado de acidentes em alguma prática esportiva. Desses, 81% envolveram ciclistas, a maioria por queda da bicicleta ou choques com carros. Lesões na medula espinhal são sérias. Ela está localizada dentro da espinha vertebral e tem a função de levar ao resto do corpo os comandos enviados pelo cérebro. É como se fosse um fio, no seu caso feito de fibras nervosas, que começa no final do tronco cerebral e se estende quase até o fim da espinha. Dependendo do ponto no qual é atingida, o indivíduo pode ficar tetraplégico, paraplégico ou morrer.

O cenário levantado pelos americanos não é muito diferente do encontrado no Brasil. De acordo com estudo que acaba de ser finalizado pela Associação Brasileira de Medicina de Tráfego, o total de acidentes graves com ciclistas aumentou 30% nos cinco primeiros meses de 2021 quando comparado ao mesmo período de 2020. Em números absolutos, houve 6 792 episódios neste ano. No ano passado, foram 5 022. A maioria (80%) atingiu homens entre 20 e 59 anos.

É claro que nem todo acidente terá como consequência uma lesão medular. O problema é que a combinação entre desrespeito às leis de trânsito, por parte de motoristas e de ciclistas, e negligência em relação ao uso de

SE FOR DE BIKE...

Utilize equipamentos de segurança como capacete, cotoveleira e joelheira. Não são obrigatórios, mas são altamente recomendados

Preste atenção aos acessórios exigidos por lei: buzina, espelho e adesivos refletores na frente, atrás, nas laterais e nos pedais da bicicleta

Respeite as leis de trânsito

Pedale com atenção e cuidado, não costure entre os carros

Não circule nas calçadas. Respeite o espaço do pedestre

Quando não tiver ciclovia, circule pelo lado direito da via, no sentido dos veículos

Cuidado ao passar por carros estacionados

Sinalize por meio de gestos manuais a sua intenção antes de executar manobras

Respeite a sinalização e os semáforos. Você também faz parte do trânsito

Pedalar alcoolizado pode resultar em multa e até prisão

Fontes: *Código de Trânsito Brasileiro e Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia*

equipamentos de segurança, por parte de quem pedala, eleva a chance de isso acontecer. "Um dos principais fatores do alto número de ferimentos em ciclistas é a não utilização de proteção adequada", afirma o ortopedista Alexandre Cristante, chefe do Grupo de Coluna e Trauma Raquimedular do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e membro da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. "Quando o ciclista bate em outro veículo, o anteparo acaba sendo ele mesmo", explica. Mesmo se a bicicleta estiver em baixa velocidade, o estrago pode ser grande. "Se o ciclista correr a 40 quilômetros por hora, passar em um buraco, perder o controle, cair ou bater em um carro, pode se machucar seriamente. Vemos muitos deles com lesões graves depois de situações assim", alerta o fisiatra Fabrício Buzatto, membro da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte e médico do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Espírito Santo.

Espera-se que levantamentos como o de Harvard e o da associação brasileira acelerem a implementação de políticas públicas de prevenção para tornar o ciclismo mais seguro. "As cidades precisam se transformar em locais mais viáveis para quem anda de bicicleta", diz o médico Buzatto. Não só isso. A Associação Brasileira de Ciclistas também recomenda que os adeptos tenham maior compromisso na utilização de equipamentos de segurança como capacete, joelheiras e cotoveleiras. Sem falar da importância de motoristas e ciclistas respeitarem as regras e sinalizações de trânsito. A civilidade é compulsória. ■

GASTRONOMIA PERDIDA

Em busca dos sabores esquecidos que resgatam emoções

EM PONTE DE LIMA, vilazinha no norte de Portugal, antropólogos pesquisaram receitas que, por este ou aquele motivo, foram deixando o repertório gastronômico daquela região fronteiriça com a Galícia, na Espanha. São pratos dos tempos medievais. Pataniscas de farinha de milho, chouriço de língua de porco, cabidela de cabrito, para citar exemplos. Alguns nomes até sobreviveram aos séculos, mas o preparo típico dos tempos feudais se perdeu nas fumaças e vapores das rústicas cozinhas com forno a lenha, de onde saíam iguarias imemoriais.

Pois eis que esse passado remoto está agora sendo resgatado. Chefs locais foram convocados para recriar os cardápios que despertaram o apetite de cavaleiros, súditos e reis. Um livro com 100 daquelas receitas será lançado neste mês, com conteúdo disponível na sequência em um portal na internet, uma simpática iniciativa que democratiza o conhecimento.

"Sinto falta do miolo de boi à milanesa, receita de dona Floripes, minha mãe"

A estratégia objetiva promover o turismo gastronômico. Pega o visitante pelo paladar, o sentido que se conecta diretamente com as emoções. Há mais em comum entre o paladar e o cérebro do que se imagina. A lembrança de um prato provoca senso de pertencimento e, a partir da valorização das individualidades, promove uma identidade coletiva. Proust, por exemplo, acreditava não ser possível acessar o próprio passado por meio da inteligência. Só a memória involuntária, acionada por algum elemento, seria capaz de recuperá-lo. Daí a famosa cena da madeleine, tão clássica que foi absorvida pela cultura pop, tendo sido retratada até no desenho *Ratatouille*, da Pixar. Não é preciso ter lido *Em Busca do Tempo Perdido* para saber que, ao provar o bolinho após mergulhá-lo em uma xícara de chá, o protagonista evoca a sua infância na fictícia Combray.

Cada um de nós sabe os pratos que têm o condão de despertar nossas melhores memórias. Eu sinto falta do miolo de boi à milanesa, receita da dona Floripes, minha mãe. Os miolos empanados, com casquinhas crocantes e macios por dentro, também não ficam atrás. Já provei outras receitas depois de adulta, mas nenhuma que se aproximasse do que eu comia em casa. E não há como esquecer da geleia de mocotó feita na "Doceira" Pão de Açúcar, em porções que vinham em copinhos de plástico. Acho que hoje uma simples colherada dessa geleia teria o mesmo efeito da madeleine de Proust.

Não temos mais acesso fácil a alguns ingredientes com que se deliciaram nossos antepassados. Também não dispomos do mesmo tempo para preparar uma refeição com a calma que às vezes ela exige. Ah, e como faz falta a avó ao lado, ensinando-nos truques e macetes dos mais deliciosos quitutes. Tudo isso é verdade, sim. Mas não quero soar saudosista, suspirando por um tempo que não volta mais. Gosto de olhar para a frente. Na pandemia, não foram poucos os que aprenderam a cozinhar a partir de dicas em aplicativos ou sites. Se não temos mais a Dona Benta, podemos tentar a ajuda da Alexa, da Siri ou de qualquer outra inteligência artificial.

Não é a mesma coisa? Talvez não seja mesmo. Mas, em vez de lamentarmos o molho derramado, façamos como os chefs de Ponte de Lima, que usam as modernas tecnologias a favor dos sabores de outrora. ■

BARBA, CABELO E UNHA

Estimulados pela cultura do gênero neutro, homens aderem aos esmaltes coloridos e derrubam uma das últimas barreiras a separá-los do exercício da vaidade

SHUTTERSTOCK; CHANEL; INSTAGRAM @HARRYSTYLES; @THEMARCJACOBS; @LILNASX

POR QUE NÃO? Cores e emojis: em sentido horário, o cantor Harry Styles, o estilista Marc Jacobs e os rappers A$AP Rocky e Lil Nas X puxam a tendência que agora dá liberdade a eles para enfeitar as mãos como quiserem. Atenta, a centenária marca Chanel lançou esmaltes em tons que os homens adoram

O PREFERIDO do cantor Harry Styles é o Mint Cand Apple, da Essie. Marc Jacobs, o estilista, gosta dos tons fechados de vermelho. Harry e Marc estão entre famosos representantes da tendência que finalmente dá aos homens a liberdade de fazer as unhas, hábito feminino. Cai por terra, assim, uma das últimas barreiras a impedir o exercício pleno da vaidade também a eles. Afinal, por que não? Há pelo menos dez anos a população masculina vem mudando o comportamento em relação ao cuidado com a aparência. Até 2023, o mercado global de produtos de beleza para homens chegará a 78 bilhões de dólares, segundo previsão da consultoria Research & Markets. O Brasil está em segundo lugar entre os maiores consumidores, atrás dos Estados Unidos. Enfeitar as unhas, portanto, é só mais um tantinho de vaidade satisfeita.

O fenômeno ganhou força desde o ano passado. Nos Estados Unidos tem até nome: *menicure*, brincadeira linguística que junta as palavras *men* (homens) e *manicure* (igual em português). No Brasil, a moda começa a pegar. No salão de Gi Camargo, em São Paulo, aos poucos aumentam os espaços na agenda para o atendimento do público masculino. "Eles querem cuidar das unhas assim como fazem com o cabelo e a barba", diz Gi, prestigiada especialista. Algumas empresas perceberam os novos ventos. No ano passado, a Chanel ampliou sua linha de produtos de beleza masculinos, a Boy de Chanel, integrando à coleção esmaltes nos tons preto fosco e natural. A Essie, fabricante da cor preferida de Harry Styles, incluiu na paleta nuances mais fechadas de cinza e verde, para atender ao gosto masculino.

Um fator circunstancial e outro, de ordem comportamental, são responsáveis pela nova atitude. Muitos homens aderiram como forma de fugir do tédio durante este período de isolamento. Ao mesmo tempo, para a geração Z, nascida no início do século, não existe o que pode e o que não pode de acordo com o gênero. "Quem quer ouvir alguém dizer que você não pode pintar as unhas?", resumiu o modelo Evan Mock. As unhas masculinas esmaltadas deixam de ser um detalhe cool e se transformam em manifesto. O cantor Lou Reed (1942-2013) e o Ziggy Stardust, de David Bowie (1947-2016), foram os primeiros a usá-las assim, como ato de insubordinação às convenções sociais nas décadas de 60 e 70. A força do movimento atual sugere que pode ter demorado, mas a rebeldia venceu. ■

Cilene Pereira

NAIL ART

ELES GOSTAM MAIS DE

O CREPÚSCULO

DO CAUBÓI

Em *Cry Macho*, um durão falido e um garoto fogem da brutalidade: aos 91 anos, Clint Eastwood faz mais um belo exame da moral masculina

ISABELA BOSCOV

GALOS DE BRIGA
Clint com Minett, o garoto a ser resgatado: domados pelo poder civilizatório feminino

WARNER BROS.

Não há como não admirar a disposição física e mental que permite a Clint Eastwood continuar dirigindo e atuando aos 91 anos — e também não há como não reconhecer que, em idade tão avançada, cada novo filme pode ser o último. Clint não é de forma nenhuma um ingênuo; sabe que está em um último ato. E, ainda que ele venha se provando extraordinariamente longo e produtivo, é dessa forma que ele o tem encarado desde uma das guinadas mais espetaculares já vistas em qualquer carreira no cinema, aquela assinalada por *Os Imperdoáveis*, de 1992: como o trecho da vida em que o crescimento moral depende não só do que ainda se pode aprender, mas também do que se deve desaprender. E quanto antes se comece a deixar pelo caminho os valores que não têm valor real, melhor, defende ele em ***Cry Macho — O Caminho para a Redenção*** (*Cry Macho*, Estados Unidos, 2021), que estreia nos cinemas na quinta-feira 16.

Ex-caubói de rodeio e criador de cavalos falido, Mike Milo (o próprio Clint) deixa seu rancho no Texas, onde vive encharcado em bebida e amargura, para pagar uma dívida de gratidão: Howard Polk (o astro country Dwight Yoakam), o único homem que o ajudou, tem no México um filho de 13 anos que é vítima ora de abandono, ora de abuso nas mãos de uma mãe dissoluta. Polk tem pendengas além da fronteira e não pode cruzá-la; caberá ao já bastante alquebrado Milo, portanto, resgatar Rafa (Eduardo Minett). Mas, criando-se sozinho nas ruas para se manter longe da mãe, e metido em contravenções e rinhas de galos — "Macho" é o seu campeão —, Rafa não é de dar confiança a qualquer um, e costuma confundir virilidade com valentice e beligerância. Mas é também ainda uma criança, cheia de mágoa com o pai, que há anos o deixou para trás. Velho demais para se ver com os capangas da mãe de Rafa e não sendo uma sumidade em matéria de psicologia infantil, Milo não tarda a fazer o que tem feito na maior parte da vida: desiste da missão. A missão, entretanto, não desiste dele, levando o velho caubói e o menino em uma trilha difícil por estradinhas poeirentas.

A mise en scène de *Cry Macho* é singela; não tem o impacto de *Sniper Americano*, por exemplo, ou o controle virtuosístico de *Sully — O Herói do Rio Hudson*. É nessa simplicidade quase caseira, porém, que reside o sentido do filme. Milo e Rafa aprendem alguma coisa na jornada cheia de percalços, mas aprendem muito mais numa parada que é uma espécie de oásis na rota de fuga e na vida deles mesmo. Escondidos de seus perseguidores em um vilarejo, eles fazem amizade com a dona de um restaurantezinho, uma viúva que cria as netas. Marta (Natalia Traven) cuida deles, e eles se esforçam para cuidar dela também, e de si mesmos.

Milo arruma um bico adestrando cavalos e ensina Rafa a montar, em preparação para a rotina no rancho do pai. Rafa suaviza os modos na companhia das meninas; Milo ajuda na cozinha, conserta uma coisa ou outra e faz olhos compridos para Marta, que faz olhos compridos para ele; como ele

REVISTO E MELHORADO

Alguns dos temas e valores que Clint Eastwood examinou e reexaminou em seus filmes ao longo das três últimas décadas

FOTOS WARNER BROS.

OS IMPERDOÁVEIS
(UNFORGIVEN, 1992)

Premido pela pobreza, um velho pistoleiro sai da aposentadoria para vingar uma prostituta mutilada por um cliente: na guinada de sua carreira, Clint repudia a **cultura da violência** glorificada pelo cinema e expõe a erosão ética e moral que ela engendra

SOBRE MENINOS E LOBOS
(MYSTIC RIVER, 2003)

Um ato inenarrável separa três amigos na infância, molda a vida de cada um deles dali em diante e, décadas depois, volta a devastá-los: adaptando um romance de Dennis Lehane, Clint disseca os círculos trágicos criados pela **falsa justiça da vingança**

MENINA DE OURO
(MILLION DOLLAR BABY, 2004)

Todos os dias o treinador expulsa de seu ginásio a aspirante a boxeadora pobre, e todos os dias ela volta, até vencê-lo pelo cansaço e por um **amor paterno e filial** genuíno – tema constante de Clint, que lembra aqui que só o tem quem se arrisca a perdê-lo

GRAN TORINO (2008)

Um velho operário despreza os filhos sedentários, as noras consumistas, os netos frívolos e, sobretudo, os vizinhos asiáticos – mas, nesta demolição do **racismo e do preconceito,** é neles que vai descobrir uma ética em comum e encontrar a família que desejava

SULLY (2016)

Em 15 de janeiro de 2009, menos de cinco minutos após a decolagem, o piloto Chesley "Sully" Sullenberger III salvou 155 vidas ao fazer um pouso de emergência no Rio Hudson, em Nova York. Clint examina aqui a natureza da **competência, experiência e disciplina**

tem jeito com animais, logo a cidadezinha o unge seu veterinário informal. Não só os vínculos em comunidade têm o dom de situar e abrandar esses homens que não sabem encontrar lugar no mundo: acima de tudo, as mulheres é que exercem aqui seu poder civilizatório. Em *Cry Macho*, virilidade e masculinidade equivalem a assumir responsabilidade pelo que se fez e faz — e começam por apreciar as mulheres, colaborar com elas e ter prazer na sua convivência. Essa é a nova chance que o filme dá aos seus dois protagonistas, enfim: a de escapar de um mundo regido pela brutalidade para ingressar em um outro, no qual nutrir e propiciar são as balizas.

Nos filmes das três últimas décadas, Clint várias vezes já inverteu os sinais da sua persona icônica *(confira no quadro à esq.)* para repudiar a erosão provocada pelo exercício da violência, a equiparação corrupta entre vingança e justiça, e a ignorância do racismo e do preconceito. No seu ethos, aliás, nada é mais condenável do que não arcar com as consequências das próprias decisões e projetar a culpa em outras pessoas ou circunstâncias; essa é a raiz da qual nascem todas as pequenas e grandes falências morais. Inversamente, a cada filme ele reafirma a importância da experiência, da competência e da ética, a necessidade de viver para o futuro e a beleza transformadora do amor paterno. Quase sempre, porém, são figuras filiais femininas que deflagram a reorganização de valores dos seus protagonistas — a boxeadora de *Menina de Ouro*, a filha preterida de *A Mula*, a jovem vizinha imigrante de *Gran Torino*. Colocar Rafa, um menino, sob a tutela do velho Milo é um lance de grande significado. Clint não quer que o seu mundo apenas seja sacudido; ele faz votos de que muitos outros homens experimentem desde cedo as felicidades desse chacoalhão. ■

DOCE IRONIA
O trabalho original *(acima)* e hoje, semitriturado: o valor pode sextuplicar

PICADINHO MILIONÁRIO

A supervalorização de uma obra de Banksy destruída durante um leilão em 2018 como manifesto "anticapitalista" atesta: no mundo da arte, nada é mais lucrativo do que posar de inimigo do lucro

EM 5 DE OUTUBRO de 2018, colecionadores se dirigiram à casa Sotheby's, em Londres, para mais um tradicional leilão de arte. Eles acabaram presenciando, contudo, um acontecimento com lugar já garantido nos livros de história da arte no futuro. Segundos depois de ser arrematado por 1,04 milhão de libras esterlinas, *Girl with Baloon* — versão em quadro do grafite de Banksy que foi eleito a obra favorita do Reino Unido no ano anterior — escorregou para as garras de um triturador de papel escondido pelo artista na moldura. Diante de uma plateia estupefata, a engenhoca picou em tirinhas metade da tela. Três anos depois, parcialmente destruída e renomeada como *Love Is in the Bin*, a criação do maroto Banksy voltará a ser leiloada na Sotheby's, em 14 de outubro — e deve arrecadar entre 4 milhões e 6 milhões de libras, ao menos quatro vezes mais que quando em perfeito estado.

A supervalorização pode parecer estranha aos puristas, mas explica-se pelo furor da "intervenção", que conferiu à peça status de manifesto contra o establishment. O artista de identidade secreta é defensor de uma arte sem donos e conhecido por desenhos que alfinetam o capitalismo. Assim, o ato de destruir uma obra feita originalmente em um muro e vendida a algum rico engomadinho foi lido como ataque direto de Banksy à dinheirama que corre solta no mercado da arte. É uma doce ironia, portanto, que a performance "anticapitalista" tenha ampliado ainda mais a expectativa de lucro em cima da obra. Na época, ele alegou que o sistema falhou ao cortar só metade da peça, mas é difícil crer que o acaso tenha destruído *Girl with Baloon* de forma tão precisa que restasse intacto apenas um simbólico coração — mais parece uma jogada de marketing muito bem pensada e eficaz.

O inglês, inclusive, não é o primeiro a fazer fama com obras intencionalmente destruídas. Em 1970, John Baldessari incinerou seus quadros pintados entre 1953 e 1966 e batizou o ato como "Projeto Cremação". As cinzas preencheram dez urnas funerárias, parte delas usada em projetos futuros, como ingrediente de "biscoitos" que chegaram a ser expostos no MoMa, em Nova York. Em São Francisco, uma folha bege praticamente em branco está exposta ao público em uma moldura dourada: batizada de *Erased Kooning*, a obra do americano Robert Rauschenberg surgiu de um rascunho de Willem de Kooning, que doou o desenho para que Rauschenberg apagasse. No caso de Banksy, a peça picadinha já atestou seu sucesso ao ser exposta na Alemanha. Ele pode posar de "anticapitalista" — mas não é bobo. ■

Amanda Capuano

JOJO WHILDEN/HBO

ATÉ QUE A VIDA OS SEPARE

Na série *Scenes from a Marriage,* recriação do clássico de Ingmar Bergman, um casal em crise expõe, em diálogos lancinantes, as dores de uma união aparentemente feliz **RAQUEL CARNEIRO**

QUAL É O SEGREDO de um casamento bem-sucedido? A pergunta da pesquisadora incomoda Jonathan (Oscar Isaac) e Mira (Jessica Chastain). "Qual sua definição para o termo sucesso?", questiona o marido. Vivendo juntos há uma década, os dois ganharam o carimbo de vitoriosos ao cruzar a média de pouco mais de oito anos de duração dos matrimônios nos Estados Unidos. Ele, professor de filosofia, e ela, da área de tecnologia, aceitaram participar do estudo que investiga como as normas de gênero afetam uniões monogâmicas com inversão dos papéis tradicionais — no caso, a mulher é a principal provedora e o homem, o "dono de casa". Sob a configuração modernosa, porém, há fios soltos que aos poucos — e depois violentamente — desvelam as fissuras dos protagonistas de *Scenes from a Marriage,* minissérie que chega no domingo 12, às 22h, à HBO e ao HBO Max.

O programa em cinco episódios é uma releitura de *Cenas de um Casamento,* série sobre os meandros da vida a dois criada em 1973 pelo sueco Ingmar Bergman (1918-2007). A ideia de refazer o clássico com a perspectiva

QUÍMICA EXPLOSIVA Oscar Isaac e Jessica Chastain: intimidade e muita discussão de relação

CINEMATOGRAPH AB

ORIGINAL Liv Ullman e Erland Josephson: divórcios subiram após série sueca

de um casal contemporâneo foi levada por Daniel Bergman, produtor e um dos nove filhos do cineasta, ao israelense Hagai Levi (de *Em Terapia*). Levi teve dúvidas sobre como regravar uma obra tão consagrada, mas achou um caminho ao perceber a ligação inescapável do tema com sua vida pessoal. Recém-divorciado, o diretor e roteirista fez como o próprio Bergman — que, ao escrever a série, expiou os tormentos da conturbada relação com a atriz Liv Ullman, protagonista da versão original. A partir da experiência real, ele encara a mesma missão excruciante a que Bergman se propôs: a de sondar não só um casamento em declínio, mas a complexa teia de sentimentos, expectativas e obrigações que conecta um casal — às vezes, não rompida nem mesmo pelo divórcio.

Bergman não inventou, mas sua série inevitavelmente se impôs como padrão-ouro de um subgênero temático: a "ficção DR", calcada em diálogos que reproduzem diante da câmera o velho (e nem tão) bom hábito de "discutir a relação". Seria demais exigir de Levi uma condução tão brilhante quanto a do mestre sueco, mas é inegável que ele se move com desenvoltura numa trama em que o peso de cada palavra, os silêncios e expressões buscam traduzir as sutilezas da intimidade do casamento. As situações são um convite para o voyeurismo — quem não gosta, afinal, de espiar a infelicidade amorosa alheia? Explorado à exaustão por Woody Allen e Richard Linklater, seguidores aplicados de Bergman, o formato voltou a ganhar força recentemente em filmes como o brutal *História de um Casamento* (2019), com Scarlett Johansson e Adam Driver, o doce *Malcolm & Marie* (2021), estrelado por Zendaya e John David Washington, e a sensível série *Normal People* (2020). Em comum, todos provam que transpor as barreiras da incomunicabilidade numa relação é dureza — e quase sempre resulta em barracos cabeludos.

Na trama de Bergman, Marianne, personagem de Liv, é oprimida pelo marido infiel (vivido por Erland Josephson). Ela se reinventa após a separação — o que levou a série a ser acusada de aumentar o número de divórcios na Suécia nos anos 70. No remake, que se desdobra ao longo de cinco anos em Boston, os personagens ganham mais camadas, e toques de modernidade. O marido exibe fragilidade e resquícios da educação repressora de judeu ortodoxo. A esposa, imersa no trabalho, carrega a culpa de não ser uma mãe presente, e a repulsa pela estagnação: ao contrário de Jonathan, é Mira quem despreza a zona de conforto. Ela o trai — e ele é quem desabrocha em seguida. Os episódios começam de forma curiosa: nos bastidores, na era Covid-19, todos estão de máscara e a câmera segue os atores até a claquete bater. O recurso é um flerte com o clima teatral de Bergman — que, com orçamento ínfimo, fez a série em cenário minimalista. É também um lembrete de que nem tudo é o que parece na rotina do casal. A felicidade só dura até que a vida os separe. ■

DISCO

SOMETIMES I MIGHT BE INTROVERT, **de Little Simz (disponível nas plataformas de streaming)**

Aos 15 anos, a londrina Simbiatu Ajikawo, filha de pais nigerianos, juntou-se a uma multidão de adolescentes em uma batalha de rap. Cheia de si, a jovem provocou a galera: "Dizem que querem ser superstars, mas vão trabalhar duro para isso?". Doze anos depois, agora convertida em Little Simz , ela prova que levou a sério sua pergunta com o lançamento do excelente quarto disco, uma mistura ousada de ritmos — do afrobeat às baladas oitentistas — embalada em letras confessionais. Ao longo de dezenove faixas, a cantora narra as dores e delícias da própria vida, em especial o abandono paternal quando ainda pequena. Em *I Love You, I Hate You*, dispara: "Você é apenas um doador de esperma ou um pai?". A dançante *Protect My Energy* exalta a paz interior — e traz até um interlúdio com Emma Corrin, a princesa Diana de *The Crown*.

INSTAGRAM @LITTLESIMZ

PÉROLA NEGRA A rapper Little Simz: voz potente e eclética que vai do afrobeat às baladas oitentistas

SCOTT MCDERMOTT/PEACOCK

PESADELO Jackson como o *Dr. Death:* história de um cirurgião psicopata real

TV

DR. DEATH **(Estados Unidos, 2021. A partir de domingo 12, no Starzplay)**

É o pior pesadelo de um paciente: entrar na sala cirúrgica para um procedimento rotineiro e sair dela aleijado, ou mutilado, ou em estado crítico — ou nem sair. A partir do dia em que o neurocirurgião Christopher Duntsch começou a trabalhar em um hospital de Dallas, no Texas, essas ocorrências se tornaram assustadoramente frequentes. Arrogante ao ponto de ser ameaçador e com comportamentos que deveriam ter levantado bandeiras vermelhas imediatamente, Duntsch — in-

LIVRO

HAMNET, de Maggie O'Farrell (tradução de Regina Lyra; Intrínseca; 384 páginas; 64,90 reais e 44,90 reais o e-book)

Uma antiga especulação sustenta que *Hamlet*, a magistral peça de William Shakespeare, seria uma homenagem a um filho do bardo, Hamnet, morto aos 11 anos. Pouco se sabe sobre o garoto ou a causa de sua morte, apenas que era irmão gêmeo de Judith, caçula de Shakespeare e sua mulher, Anne Hathaway — a primogênita da família se chamava Susanna. A enorme lacuna histórica se revelou um campo extremamente promissor para a autora irlandesa, que neste romance imagina com sagacidade como teria sido a dinâmica do clã, na Inglaterra do século XVI, antes e depois da perda. Brincando com a similaridade entre os nomes da criança e da peça, o livro rebatiza outros personagens: Anne vira Agnes, por exemplo. O dramaturgo nunca é citado. Ausente, ele vive em Londres por causa do trabalho no teatro — Shakespeare realmente passava longas temporadas longe de sua cidade natal, Stratford-upon-Avon. A trama então se desdobra especialmente sobre a relação entre mãe e filho, e a inenarrável dor do luto.

terpretado com toques de delírio por Joshua Jackson — deixou uma trilha de carniceria atrás de si, apesar dos esforços de membros da equipe médica para que sua licença fosse cassada. Esta minissérie em oito episódios é não só uma reconstituição enregelante da trajetória de Duntsch, um psicopata real, como um indiciamento da complacência dos meios de controle das práticas médicas. Alec Baldwin, Christian Slater e Hubert Point-Du Jour estão ótimos como os profissionais que se incumbiram de pará-lo — e as cenas das cirurgias, embora não sejam explícitas, são aterradoras. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** — V.E. Schwab [0 | 1] GALERA RECORD
2. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** — Taylor Jenkins Reid [1 | 23#] PARALELA
3. **A GAROTA DO LAGO** — Charlie Donlea [2 | 106#] FARO EDITORIAL
4. **TORTO ARADO** — Itamar Vieira Junior [4 | 35#] TODAVIA
5. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** — George Orwell [3 | 159#] VÁRIAS EDITORAS
6. **É ASSIM QUE ACABA** — Colleen Hoover [0 | 7#] GALERA RECORD
7. **1984** — George Orwell [0 | 114#] VÁRIAS EDITORAS
8. **CRIME E CASTIGO** — Fiódor Dostoiévski [0 | 3#] Editora 34
9. **TETO PARA DOIS** — Beth O'Leary [5 | 37#] INTRÍNSECA
10. **O DIÁRIO DO CHAVES** — Roberto Gómez Bolaños [9 | 2] PIPOCA E NANQUIM

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** — Clarissa Pinkola Estés [1 | 73#] ROCCO
2. **DE PORTA EM PORTA** — Luciano Huck [0 | 1] OBJETIVA
3. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** — Anne Frank [4 | 246#] VÁRIAS EDITORAS
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** — Yuval Noah Harari [3 | 239#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **POLÍTICA É PARA TODOS** — Gabriela Prioli [2 | 3#] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** — Laurentino Gomes [5 | 13] GLOBO LIVROS
7. **RÁPIDO E DEVAGAR** — Daniel Kahneman [6 | 129#] OBJETIVA
8. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** — Tori Telfer [7 | 37#] DARKSIDE
9. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** — Djamila Ribeiro [8 | 83] COMPANHIA DAS LETRAS
10. **CONVERSAS DESCONFORTÁVEIS COM UM HOMEM NEGRO** — Emmanuel Acho [0 | 1] LEYA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** — George S. Clason [1 | 46#] HARPERCOLLINS BRASIL
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** — Napoleon Hill [2 | 124#] CITADEL
3. **O PODER DO HÁBITO** — Charles Duhigg [3 | 248#] OBJETIVA
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** — T. Harv Eker [6 | 338#] SEXTANTE
5. **PAI RICO, PAI POBRE – PARA JOVENS** — Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 48#] ALTA BOOKS
6. **DO MIL AO MILHÃO** — Thiago Nigro [4 | 136#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** — Brené Brown [9 | 49#] SEXTANTE
8. **MINDSET** — Carol S. Dweck [10 | 98#] OBJETIVA
9. **O MILAGRE DA MANHÃ – DIÁRIO** — Hal Elrod [0 | 50#] BEST SELLER
10. **ESSENCIALISMO** — Greg McKeown [0 | 3#] SEXTANTE/GMT

INFANTOJUVENIL

1. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** — Casey McQuiston [1 | 26#] SEGUINTE
2. **MENTIROSOS** — E. Lockhart [2 | 18] SEGUINTE
3. **AS CRÔNICAS DE NÁRNIA** — C.S. Lewis [0 | 73#] MARTINS FONTES
4. **AMOR & GELATO** — Jenna Evans Welch [3 | 11#] INTRÍNSECA
5. **A RAINHA VERMELHA** — Victoria Aveyard [6 | 71#] SEGUINTE
6. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** — Sarah J. Maas [9 | 45#] GALERA RECORD
7. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** — Karen M. McManus [5 | 14#] GALERA RECORD
8. **ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO** — Benjamin Alire Sáenz [4 | 8#] SEGUINTE
9. **BOX – O POVO DO AR** — Holly Black [7 | 3#] GALERA RECORD
10. **BOX – O CASTELO ANIMADO** — Diana Wynne Jones [0 | 4#] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** 30porcento, Aeromix,A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

A VOLTA DO CIPÓ

MAIS QUE PREOCUPADO, o Supremo Tribunal Federal está em estado de alerta máximo e mobilizado para reagir com algo mais que palavras duras à escalada de provocações do presidente da República daqui até as eleições de 2022. Afrontas agravadas pelos discursos do 7 de Setembro.

No radar do tribunal, unido como nunca esteve por obra das agressões de Jair Bolsonaro, está a hipótese de tomar a iniciativa de enviar à Câmara, com todo o seu peso institucional e sem passar pela Procuradoria-Geral da República, um pedido de impeachment contra o presidente se ele concretizar as ameaças de não cumprir decisões judiciais.

Bolsonaro fez essa ameaça de duas formas: ao indicar em declarações públicas que pode atuar fora dos limites da Constituição "se for necessário" e por meio de recados que há algum tempo vem fazendo aos ministros. Daí a convicção da maioria do STF sobre a impossibilidade de ocorrer um recuo do Palácio do Planalto rumo à moderação. Ao contrário, a expectativa é de exacerbação crescente.

Com apoio do colegiado, o presidente do STF, Luiz Fux, já decidiu que não dará mais um passo na direção do diálogo. Se qualquer outra autoridade insistir na proposta de reabrir um canal de conversa, Fux não rejeitará liminarmente, mas vai impor duas condições.

Primeira, que cessem as agressões e, segunda, que os termos do armistício sejam respeitados por Bolsonaro. Em caso de quebra do eventual acordo, a beligerância de um lado teria como resposta a mão firme do estado de direito. No entendimento estabelecido nas internas do Supremo, o presidente da República precisará produzir prova material de que compreende o sentido da expressão "estado de direito".

Ela significa que o Judiciário é o único autorizado pela Constituição a reformar (para não dizer, cassar) decisões dos outros dois poderes, porque a última palavra é a da lei. Isso num Estado comandado pelo Direito, onde o império é o da legalidade. Até agora, no entanto, o mandatário não dá sinal de que compreenda e muito menos indica que pretenda se submeter a esse preceito, tal a desfaçatez e a ligeireza com que fala em descumprir decisões oriundas do STF.

> **"O Supremo tem estratégia de reação montada para o caso de riscos institucionais leves, graves e gravíssimos"**

Há quem considere que essa disposição presidencial possa levar a uma situação de ruptura decorrente de um impasse para o qual não haveria solução. Não é esse, contudo, o pensamento preponderante no Supremo.

Ali se entende que há saídas legais. Por exemplo, caso o Poder Executivo se recuse a atender a um pedido dos governadores de ajuda federal para execução de operação por Garantia da Lei e da Ordem (GLO) diante da ocorrência de tumultos prejudiciais à realização das eleições, o Judiciário e o Legislativo podem solicitar tais ações independentemente da vontade do Planalto.

A hipótese ainda mais gravosa seria a de o presidente da República materializar as ameaças de reagir ao cumprimento de decisões da Corte. Bolsonaro já disse que faria isso. Seria coisa inédita na República. Desde que a República se entendeu por democrática, nenhum presidente envolvido em situações periclitantes levou adiante algo parecido, justamente porque a Constituição dá ao Direito a prerrogativa da palavra final.

Seria uma situação delicada que levaria o presidente da Câmara, Arthur Lira, a um beco sem saída. Mesmo o Supremo propondo, a decisão final ainda cabe aos deputados, e a prerrogativa de levar ou não a questão ao plenário continua sendo do presidente da Casa, onde hoje se acumulam mais de 100 pedidos.

Só que uma coisa é ignorar solicitações de populares, juristas ou mesmo de entidades de classe. Outra bem diferente é ignorar um ofício do STF, naturalmente lastreado em robusta justificativa jurídica, solicitando a abertura de um processo de impeachment do presidente da República. Além do ineditismo do gesto, haveria o peso do signatário sobre a cabeça de Arthur Lira.

Enquanto Bolsonaro esbraveja no palanque, nos bastidores o Supremo se articula em seus canais de comunicação com o Legislativo, com a Polícia Federal e com os comandos das Forças Armadas na montagem das estratégias de precaução contra as arruaças de um presidente que tanto pode ser impedido no exercício do cargo quanto ser interditado como candidato.

Cumpre, ademais, sublinhar: os inquéritos contra o presidente em curso no STF e no TSE produzirão resultados — seja no todo ou em parte — no ano eleitoral de 2022. ■

É assim que se 47 alimenta no iFood

É assim que se reinventa no Magalu

É assim que se inspira na Creators

É assim que se trabalha na Catho

É assim que se brilha na Alpargatas

É assim que se cresce na Creditas

É assim que se conecta na Prefeitura do Recife

É assim que se 83 movimenta na Tembici

É assim que se colabora no Hurb

É assim que se inova no Colégio Magno

workspace.google.com